FON FON
ANNO XXVII — N.º 34
Rio, 26 de Agosto de 1933
PREÇO: 1$000

O CONTO BRASILEIRO

ZÉ GOMES

Pagina Regional, de

MARIO YPIBANGA MONTEIRO

*

A acauã gargalhou mais uma vez para o silencio da selva adormecida. Nem um grito, porém, subiu das frondes nem dos fojos, onde a noite se aninhára medrosa... Apenas, o silencio; e, rasgando de mal a mal a calma, a gargalhada macábra da acauã esfonsa no byço altivo da samaumeira.

As arvores seculares, immoveis, pareciam seres mumificados pelo terror do desconhecido. Uma tristeza enorme pesava sobre o ambiente.

O rio, lá em baixo, largo, plethórico, desenrolava o turvo estendal das aguas pelas margens verdes, denteando a greda, solapando a terra molle, num trabalho insano, millenar. De vez em vez, um ruido concavo repercutia no âmago da selva, como descarga de artilharia ou rosnares incognitos de féras... Eram as terras-cahidas, o flagello das povoações marginaes, o perseguidor implacavel do caboclo que vê, louco de dôr, seu tapery rolar na avalanche horrivel e desapparecer nos vórtices de Surimã.

— Eh! que qué, seu bêsta!... O bucho delle eu dei p'ros aribú cumê... Vá arribando, sua égua!

O Catingueira beijou o escapulario tábido pendente do pescoço de touro, mais com uma uncção barbara de fanatismo que de religiosidade. E derreando-se na maqueira de tucum tecida com as pennas polychrômicas do tucano e arára, olhos em alvo, cantarolou frouxo, fanhoso, uma pandorga que mais alembrava a odyssêa de 77, que uma modinha recente:

"*Saudade, palavra triste,*
— uma dor que se não diz...
Só quem sabe que ella existe
é quem te quiz como eu quiz..."

Lá fóra, na noite tropical, os barrancos roidos pela furia das aguas iam cantando historias negras de cataclysmas telluricos... E de onde em onde, insistente, funebre, terrivel, a acauã abria hiátos de pavôr dentro do silencio mystico da selva amazonica.

Catingueira apanhou, com um impulso da rêde, a garrafa de *branquinha* e a cuia, libou um trago forte, cuspinhou enojado e deitou-se outra vez, grunhindo:

— Arre, Zé! até qu'infim nós se encontremo, home! Pensei qui nunca mais nós se butava um pró riba do ôtro! Santo Inaçoǃ Quano te vi, braboso duma figa!, instrimici di medo qui nem cipó na truviána!...

Calou-se. Passou-lhe pela fronte queimada, escura, como um tropel, as recordações terriveis da scena do crime.

Rumava o *centro*, em busca da *madeira*. Na picada estreita, tropeçou o Zé Gomes, de Pirapóra, moço dos seus vinte-e-cinco feitos, especie de d. Juan sem capa e espada, mas maneiroso, insinuante, lido e corrido, menestrel irrival, cabra bom nas *machetes* e no *rabo-de-arraia*, com um passado por desvendar, um presente sombrio e um futuro fatalmente inda mais sombrio.

— Já váe? — indagou o conquistador, saudando o caboclo com um risinho tumido de superioridade.

— Avanço p'ros *kilométro* a dentro, seu doutô. O Chico do *Santa Luzia* paresque escavacou nos cafundós alguma coisa. Vô aventura.

Zé Gomes escutava impertigado nos seus modos ascendentes, alisando o buço cretino que lhe sombreava o lábio superior carnudo, especializando uma psychologia de Lovelace.

Capataz da turma do côrte, num defeito que é a perdição de todo advena ingrésso no ambiente pacifico, Zé Gomes tinha-se na conta de administrador de serviços e de lares, fiscalizando tudo com o fim único de tomar partido das faltas mais supérfluas dos empregados sujeitos á sua alçada.

Açoitou as longas perneiras de couro com o rebénque de baláta, derreou o *chile* sobre os olhos e partiu.

• • •

O sol deitára-se ha muito, porém o occidente, betado de vermelho e gualne, cantava a gloria velha do crepúsculo... E a estrella do Pastor, como um enorme fóco suspenso na coloração verde-gaio do céu, brilhava para o éxtase dos poétas e o delirio dos amantes...

Catingueira, o ségure atravessado no cingulo de couro de onça, que lhe dava uns ares de habitante das cavernas, a lamparina fumacenta accesa no capacete de folha de flandres, duende inoffensivo, penetrador anonymo da selva, bandeirante feliz em busca do ouro branco — o látex —, entrou em casa.

— Cão!

Catingueira aprumou-se. Em borbotões de sangue, a raiva subiu-lhe, tomando-o. Zé Gomes sahia do interior do tapery, abotoando cynicamente o dolman de mescla.

— Cão!!...

A folha da catana relampejou no ar... Zé Gomes, debochado, ergueu o rebenque e cortou as faces do caboclo... Catingueira rodou sobre si mesmo, o rosto laivado a escorrer sangue. Mas tal gesto serviu mais para facilitar o desforço. Immediáto, arremessou sobre o seductor da amiga o machadinho do côrte. Não vingou, porém, o golpe. O ferro arremessado atravessou a palha do tapery, indo espatifar um quadro de N. Senhora do Carmo, suspenso do caibro.

A luta, entretanto, crescia. Zé Gomes, desviando-se a tempo de não receber pelo thorax a folha acúme da machada, colheu o caboclo com tres passes terriveis de capoeira, jogando-o na paxiúba do sôlho. E atracaram-se com força, sabendo cada qual que a vida alli dependia da agilidade, da astucia, da impiedade, do mais bandido. Entretanto, o Zé Gomes venceu. Catingueira, esfaqueado tres vezes seguidas, foi depois abandonado como morto, não vindo a soffrer, afinal de contas, senão a ruptura de um tendão peitoral. Vigoroso como era, a resistencia physica equilibrou a perda de sangue. As feridas cicatrizaram. Ficou, apenas, com um hombro cahido, capaz ainda de locomover o braço attingido pela ruptura do orgão.

E quando se ergueu da maqueira onde estivéra enterrado seis mezes, a primeira cousa que fez foi amolar o quicé de mato e introduzil-o todo numa vazilha ancha de um liquido negro.

— Agora nós, braboso!...

E atirou-se para cima, cégo de

(*Conclue nas pags. 68-69*)

O AMANTE DA DEUSA

No cume da collina do Sapo Harmonioso se erguia o mosteiro budhista. Muralhas sinistras cercavam a morada dos sacerdotes, sombrias e seculares sob a cornija de ladrilhos verdes, que sustentavam uma ronda immovel de espantalhos.

Um templo ligeiro e aéro occupava o centro do recinto: pequenas columnas de ouro e tectos avermelhados que dominavam a austeridade do claustro, o monticulo florido e a cidade baixa, banhada pelo rio Azul. Era o pagode da Deusa do Perdão, chamada tambem a Rainha de Jalde, divindade das mulheres em geral e das cortezãs em particular.

Yen Chu era queimador de incenso no pagode. Os sacerdotes haviam-no escolhido, uma manhã, ao pé da arvore sagrada. Por isso, o chamaram *O moço da arvore*. O velho cuidador do templo o criára com arroz e farinha. O rapaz crescia, mas o dominava a tristeza.

Contemplava as nuvens que passavam sobre os monstros fabulosos do muro, ou então, inclinado sobre o tanque sagrado, aspirava o tenue perfume dos nenuphares e seguia com o olhar o nadar tranquillo das tartarugas. Como parecia docil e intelligente, resolveram fazer delle um sacerdote. Mas as negras letras que formigavam sobre as folhas de bambú dos livros magicos repugnavam ao seu espirito povoado de sonhos e nem os açoites podiam fazer entrar em sua memoria *o livro da Razão Eterna*.

Resolveram, então, fazel-o ajudante de seu pae adoptivo, cujas mãos começavam a tremer ao accender os cirios vermelhos sobre os altares. E emquanto Yen Chu pisava as varinhas aromáticas e queimava o incenso, o velho lhe ensinava os nomes, as transformações e os attributos dos idolos; os symbolos dos monstros e a linguagem dos perfumes.

O rapaz se familiarizou bem depressa com os deuses que povoavam as naves lateraes do templo. Mas, na nave central, caminhava ás tontas e quando deixava as offerendas, todo seu ser estremecia de mêdo e de êxtase.

Nesse santuario, aberto ao céo por tectos e columnas superpostas, por onde se filtrava obliquamente a luz, dominava a Rainha de Jalde. Dois idolos formidaveis, um brandindo um sabre, o outro uma serpente, a guardavam. Entre esses colossos de bronze, a deusa, frágil e branca, semelhava uma apparição immaterial e fugitiva, a ponto de se dissolver em um raio de luz ou a voar para as nuvens. E o rapaz, acostumado ás creações mais fantásticas e monstruosas, se espantava dessa estatua, que, no emtanto, não tinha nada de horrivel.

Comtudo, amava sua frágil serenidade e, frequentemente, por ella descuidava os demais deuses. Escolhia para ella o jasmim, os fructos saborosos e os cirios sangrentos. E quando queimava, taciturno, a seus pés, o incenso roubado aos outros altares, julgava vêl-a sorrir. Só deante della, elle se extendia em cruz sobre as graves do santuario e durante horas a contemplava através do véo de fumo perfumado. E á medida que a contemplava, sua adoração se entristecia e curiosidades desconhecidas alarmavam sua nascente puberdade.

A's vezes se atrevia a tocal-a com o dêdo, e o contacto da pedra lisa e tibia despertava nelle tormentos deliciosos que não emanavam do prestigio da divindade, mas de seu encanto enygmatico de mulher.

Era como um encantamento que descesse do corpo da deusa, de suas ternas espáduas, das pontas de suas vestes, de suas longas unhas de ouro e, sobretudo, de sua bôcca de coral. Durante a noite, quando o pagode se povoava de almas errantes e morcegos, elle em sua cella, sonhava com a deusa.

* * *

No primeiro dia da quarta lua, se celebrava o anniversario da Deusa do Perdão. Então, as portas do mosteiro se abriam e a procissão de mulheres subia a collina do Sapo Harmonioso. O pateo do templo se enchia de offerendas e as peccadoras levando aos lábios taças minúsculas, penduravam seus ex-votos nos ramos das arvores sagrada. Outras, atiradas á terra, batiam sus frontes contra o chão de mármore e, mastigando papeis dourados, repetiam uma obscura fórmula de invocação. Outras, emfim, inclinadas, segundo o rito deante da Rainha de Jalde, lhe apresentavam súpplicas escriptas em folhas de arroz.

Yen Chu as queimava no incensório e lia a resposta da deusa na columna de fumo. Frequentemente, as cortezãs achavam tão bello o adolescente, que escutavam distrahidamente o oráculo para lançar a Yen Chu timidos olhares. Mas elle permanecia insensivel, porque nenhuma era tão bella como a deusa.

De Myriam Harry

Mas, um dia, Yen Chu estremeceu ao se approximar uma mulher. Ella parecia mais deslisar sobre flôres do que andar. Trazia na mão uma súpplica escripta e sorria mysteriosamente com sua bôcca vermelha e pequena.

Inclinou-se deante do altar e, com voz fraca e doce como um canto, invocou a deusa. Yen Chu julgou por um momento que a deusa se fizéra carne. Depois as comparou consternado. Seu espirito se perturbou e entre a estatua e a mulher já não soube discernir a verdadeira divindade. Pensando:

— Certamente, as duas são rainhas.

La penitente, levantando-se, entregou a súpplica escripta a Yen Chu e esperou com os olhos distrahidos e indifferentes. O adolescente já não via consummir-se a folha no fogo; já não escutou a linguagem do fumo azul. Contemplava aquella bôcca de que o separava o gigantesco incensório de bronze, e pensava quão delicioso seria respirar nella a morte.

— Então? — perguntou a mulher. — Que responde a deusa?

Yen Chu não entendeu a pergunta. E ella, impaciente, a reiterou.

— A deusa te perdoou — respondeu elle.

— Eu não solicitára perdão.

Confundido e como voltando á realidade, o adolescente falou á estatua:

— Rainha de Jalde, envia a teu escravo uma nova ordem.

— Eis ahi outra súpplica — disse a apparição. — Eu não sou a Rainha de Jalde. Chamam-me a "Rainha das Flôres".

— Rainha das Flôres — disse então o queimador de incenso, — teu amor é radiante como teu aspecto. Mas tua de formosura vi nascer uma desesperação tão grande que se eternizará para além do Templo.

— Falas daquelle a quem amo?

— Não, mas do que te ama.

— São tantos! — exclamou ella, com malicioso sorriso.

E afastou-se, deslisando sobre seus pés preciosos como lyrios de ouro.

* * *

No mesmo dia, Yen Chu se evadiu do mosteiro e foi para a cidade do rio Azul. De longe ouvia a musica das ocarinas e alaúdes. Uma alegre multidão invadira a praça. O queimador de incenso se approximava timidamente, quando, de repente, julgou desfallecer, porque vira a rainha das cortezãs sahir da porta do templo e dirigir-se para elle...

Mas ella passou deante de Yen Chu sem olhal-o siquer, conduzida em um palanquim de festa com um joven bello e ricamente vestido.

E emquanto as mulheres gritavam alvoroçadas nas janellas e os meninos formulavam votos equivocos: a "Rainha das Flôres" e seu cortejo se afastaram na noite...

Yen Chu levantou-se e encaminhou-se lentamente para o mosteiro. Quando chegou, o pateo estava cheio de claridade lunar. As tartarugas do tanque sagrado pareciam cobertas de escamas de topazio. Yen Chu lançou-se á terra, e chorava.

De repente, ouviu uma voz tenue, crystallina e dolente. A voz vinha do pagode. Arrastou-se até o templo e atraz da porta lhe appareceu a Deusa da Piedade, em uma aureola de luz branca. Suppoz que o chmava e se precipitou para ella.

O idolo cessára de cantar, mas sua carne parecia estremecer sob suas vestes de pedra. Elle comprehendeu que não amária nunca mais a ninguem além della e, extático, murmurou:

— Como és formosa, minha rainha!

Ella sorriu-lhe num raio de luar.

Então a razão de Yen Chu se turvou. Saltou sobre o altar e, de joelhos, deante da deusa, apoiou a cabeça em sua cintura, emquanto suas mãos acariciavam o corpo de pedra. Em seguida, estreitando-a nos braços, aspirou em seus labios de coral a voluptuosidade dolorosa...

Seus gemidos espantaram os morcêgos. Um delles bateu contra a estatua e sua aza fria roçou a nuca do amante. Yen Chu, trêmulo de espanto, cahiu de costas. Seu craneo resoou sobre o braseiro de bronze, e o corpo baqueou pesadamente sobre as grades de marmore.

* * *

Na manhã seguinte, os sacerdotes encontraram o *rapaz da arvore* extendido immovel ao pé do incensório. Uma ligeira nuvem azul subia verticalmente até as columninhas douradas e o tecto do templo, em que deslisava, obliquamente, a aurora.

O morto tinha nos dentes apertados um grão de coral e a Deusa do Perdão um buraco branco nos labios de rosa...

CAHIA a noite quando a joven appareceu no portão do parque e se dirigiu ao banco onde costumava sentar-se. Como chegava com alguns minutos de antecipação, abriu um livro e se poz a ler, sem levantar o véo que cahia de seu pequeno chapéo.

Um relogio bateu horas. Immediatamente depois um rapaz surgiu no caminho, avançou alguns passos e se deteve, olhando em torno de si. No mesmo instante, o livro da moça solitária cahiu ao chão. O rapaz precipitou-se para apanhál-o, e o devolveu á dona com essa expressão caracteristica dos homens que frequentam os parques; expressão galante, em que se reflecte o receio de ver apparecer algum policia excessivamente zeloso e pudibundo. O moço vestia com simplicidade. Com tom desenvolto, formulou uma observação sem importancia acerca da temperatura, e, adoptando uma *pose* melancolica, aguardou resposta.

Através do véo, a joven o examinou detidamente. Depois, disse:

— Sente-se, moço. Será um prazer para mim. Por que occultar-lho?... Está muito escuro, para ler. Preferiria conversar um pouco. O rapaz fez o que o leitor e eu teriamos feito, nesse caso. Fez mais: sentou-se junto á moça com um desembaraço destituido da mais elementar discreção.

— A senhorita sabe — começou elle — que é a moça mais extraordinaria que já encontrei em minha vida? Ha dois dias que a observo Não o percebeu? Não notou que eu estava ali, ao anoitecer, acariciando com o olhar os contornos de sua silhueta?... Responda-me, encanto.

— Quem quer que o senhor seja — respondeu a joven, em tom glacial, — poderá advinhar que sou uma mulher decente. Perdôo-lhe o erro. E' verdade de que fui eu quem o convidou a sentar-se aqui. Mas si, na classe social a que o senhor pertence, um convite como esse dá o direito de chamar-me de *encanto*, retiro o convite.

— Rogo-lhe que acceite minhas desculpas — articulou, humildemente, o rapaz. — Como a senhorita sabe, nos jardins publicos a gente costuma encontrar jovens... mulheres que... Rogo-lhe perdôe minha confusão...

— Esqueçamos o incidente, cavalheiro. E não falemos de nós. Conversemos, antes, sobre as pessôas que passam a nosso lado, sobre as pessôas que vão e vêm por estes caminhos. Interessam-me enormemente. Aonde vão? Por que andam com tanta pressa? São ditosas?...

Um tanto embaraçado, o rapaz olhou sua [in]terlocutora. Depois, lançando-se pela pende[nte] do lyrismo, disse:

— O que a senhorita contempla deste ba[nco] resume o maravilhoso romance da vida. Al[gu]mas dessas pessôas vão... para suas casas; [os] demais vão... para outros logares. Talvez s[eja] melhor ignorar a historia dessa gente...

— Não partilho de sua opinião — disse [a] moça. — Todas as tardes venho aqui p[ara] aproximar-me da humanidade. Si me atr[evi] a falar-lhe, senhor... senhor...

— ... Parkenstaker — apresentou-se o [ca]valheiro. — E posso saber, por [mi]nha vez?...

— Não! Eu não posso dizer-l[he] meu nome. O senhor descobrir[ia] minha verdadeira personalid[a]de, assim como descobrir[ia] meu verdadeiro rosto, si [eu] tirasse meu véo. O vesti[do] que uso pertence a min[ha] criada. Uso-o ás vezes pa[ra] garantir meu incógnito. Meu nome é desses que e[...] eam, nas pessôas da classe m[...] dia, os maravilhosos paraisos da [ri]queza e do luxo. Si me atrevi a dirigi[r-]lhe a palavra, senhor... senhor...

O automovel

branco e um escudo

nobiliario...

— ... Parkenstaker — repetiu o moç[o].

— ... é porque desejava, pelo menos u[ma] vez em minha vida, conhecer um home[m] cujo coração não foi ainda corrompido pe[la] fortuna e pelo que nós chamamos *superi[o]ridade social*. O senhor não póde imagin[ar] até que ponto estou cansada do inútil esplend[or] de minha vida. Cansada do dinheiro, dos ref[i]namentos...

— Oh, senhorita!... Eu sempre considerei [o] dinheiro cousa muito estimavel...

— Bem se vê que o senhor ignora o que é [o] dinheiro! Si os dollars resvalassem de su[as] mãos...

E a joven fez um gesto como si estivesse de[r]ramando dinheiro. Depois, com uma careta d[e] desillusão nos labios, proseguiu:

— Ha dias em que o rumor do gelo em m[i]nha taça de champagne me faz pensar no fri[o] da morte!...

Parkenstaker parecia inte[re]ssar-se vivament[e] pela conversação:

— Permitte-me formular-lhe uma pergunt[a], senhorita? — exclamou. — Eu admiro as pessô[as] da alta sociedade. Leio avidamente tudo [o] que dellas se escreve e creio poder imaginar com[o] vivem, até nos mais insignificantes detalhes. Assim, suppunha que o gelo não era collocad[o] nas taças de champagne, mas em redor da[s] garrafas...

A joven adoptou uma expressão de inimitavel indulgencia:

— Como? — exclamou. — Pensa o senhor conhecer as pessôas da alta sociedade, e ignora o traço que mais as distingue? O unico interesse que a vida tem para nós consiste precisamente em poder fazer o que nunca se fez. Um principe tártaro lançou esta semana a idéa de pôr o gelo nas taças. E' uma moda que durará oito dias...

Teve um segundo sorriso amargo. E, em voz baixa, suggestiva, como si perseguisse um sonho interior, continuou:

— Si meu coração devesse amar algum dia, eu escolheria um homem inferior, um homem que trabalhasse da manhã á noite; um empregado, um operario obrigado a observar um horario fixo... Nunca me apaixonaria por um aristocrata odioso!... Mas ai!... Não tenho illusões... As exigencias de minha vida e de meu meio social, as imposições de minha casta suffocariam esse sonho. Neste momento disputam minha mão um gran-duque cuja crueldade fez enlouquecer sua primeira esposa e um marquez saxão, impassivel e fleumático... Mas... que me impelle a confiar-lhe estas cousas, senhor... senhor...?

Conto de O. Henry

—... Parkenstaker — repetiu o joven. — Creia-me, senhorita: eu tenho um temperamento muito sensivel... Fale... Eu a escuto...

— De que se occupa o senhor? — perguntou a desconhecida.

— Trabalho em um restaurante.

Na sombra, a joven estremeceu.

— Não como *garçon, é de suppôr!*

E sua voz tinha accentos de imploração.

— Todo trabalho ennobrece — continuou. — Mas... servir aos outros...

— Não. Não sirvo as mesas, senhorita. Sou empregado de outra categoria...

O homem calou-se, e por um momento pareceu procurar alguma cousa com os olhos.

— Olhe... — proseguiu. — E' aquelle o restaurante onde trabalho...

Era já noite. Poucos metros além do parque, no alto de uma fachada escura, se accendêra um letreiro luminoso: *Refeições a preços fixos. Aberto toda a noite.*

A moça, como si houvesse notado um signal feito por um personagem invisivel, fechou o livro, guardou-o em sua carteira e se ergueu rapidamente:

— Por que o senhor não foi ao seu emprego? perguntou, com voz alterada.

— Só trabalho de noite — respondeu o joven.

E aventurou:

— Posso guardar a esperança de tornar a vêl-a?

— Talvez... O senhor viu um automovel detido á entrada do parque?... Um automovel branco...

— De capota vermelha? — perguntou o rapaz.

— Sim. E' o carro que prefiro. Pedro julga que estou na tenda, do outro lado do parque... Ah!... Por que somos obrigados a recorrer a certas apparencias?... Bôa noite, cavalheiro...

— Vae só? Não posso permittil-o... No parque ha pessôas suspeitas... Conceda-me a honra de...

— Si se considera meu amigo — replicou vivamente a desconhecida, — não abandone o banco sinão dez minutos depois de eu me ter retirado. Não. Não é que desconfie do senhor. Mas... nas portas do automovel figura meu escudo nobiliario. E eu não queria que o senhor me identificasse... Adeus...

E a estranha mulher desappareceu nas sombras.

O joven a viu sahir do parque e dirigir-se para o logar onde se achava parado o automovel branco. Resoluto, mas procurando esconder-se á sombra das árvores, seguiu-a, caminhando pela avenida opposta.

A moça chegou até o automovel... Mas passou! Atravessou depois a rua, voltou seu rosto protegido pelo véo... e desappareceu no interior do restaurante, cuja fachada ostententava o letreiro luminoso! Intrigado, o joven se approximou da porta e mergulhou, curioso, os olhos no restaurante. Viu, então, isto: O restaurante era um estabelecimento cujo falso luxo só podia illudir as pessôas de gosto fácil. A joven dirigindo-se ao fundo da sala, empurrou uma porta e reappareceu pouco depois, sem chapéo e sem véo. Uma mulher loira que dominava o local de um tamborete, mettida numa especie de jaula, cedeu-lhe o posto. Entraram dois freguezes. A joven cumprimentou-os com um sorriso. Satisfeita sua curiosidade, o rapaz atravessou a avenida que circumdava o parque, accendeu um charuto, deu alguns passos, indeciso e preoccupado.

Por fim, tomou uma resolução: encolhendo os hombros, se approximou do automovel branco, desappareceu no innterior do vehiculo, recostou-se nas almofadas e, fechando a portinhola onde se destacava um escudo nobiliariro, disse para o *chauffeur*.

— Vamos para o club, Henrique!

E, quando o auto começou a andar, lançou uma estrepitosa gargalhada.

A Morte Do Senador

A nação estava de luto pela morte do senador — assim o diziam os jornaes. Seus pésames eram transmittidos pelo telegrapho, pelo telephone e pelo correio.

A agencia telegraphica da localidade onde residia o senador tomou um telegraphista supplente por causa do excesso de trabalho. O telegraphista supplente tinha esposa e trez filhos e não só tivéra oito dias de trabalho durante os ultimos seis mezes. Assim, pois, pensou que aquillo era um sópro de sórte.

— Talvez possa fazer quatro dias inteiros — disse á sua familia.

*

O medico estava desesperado.

— Isto é injusto! — disse á sua esposa. — Estava muito melhor, eu te asseguro. Como podia eu prever esse desenlace? Não posso ser culpado do mesmo. E Kenyon morreu de igual maneira! Dois enfermos proeminentes perdidos em dois mezes! Não é justo!

*

A viuva, com os olhos cheios de lagrimas, olhava, através dellas, o monte de telegrammas crescendo. Quando ninguem a olhava, removia um pouco a pilha para fazêl-a parecer mais impressionante. Examinava as firmas com satisfação, collocando o do presidente no logar mais visivel.

— Isto devia demonstrar-lhes... — pensava. — Adam morreu... Parece impossivel... Ficaria surprehendido si pudesse presenciar toda a importancia que alcançou ao morrer... Adam era muito modesto... Muito modesto... Poderia ter sido presidente si houv[esse] tido mais energi[a e] ambição... Si não [fosse] eu...

*

O governador cha[mou] o mais intimo [de] seus secretarios.

— Dê-lhe toda a [im]partancia possivel, J[ohn] — recommendou-lhe. — Bentley era uma excellente pessôa. Nunca atravessou em meu caminho. Prepare um b[om] discurso, laudatorio, m[as] discreto. Ordene que feche o palacio do gov[er]no e tome as providencias necessarias para [que o] seu corpo seja velado [no] salão de despachos. [Dê]-lhe uma guarda de hon[ra] militar... Ah! E n[ão] permitta que esses a[bu]tres que desejam seu p[os]to cheguem até mim [an]tes de terminados [os] funeraes. Esta é u[ma] opportunidade magni[fi]ca! Vou tratar de subs[ti]tuil-o eu, si tal coisa [for] possivel.

— Está bem, senhor.

*

O socio mais antigo [da] empreza funerár[ia] disse ao mais moço.

— Segundo parece, e[lle] não deixou nada, e ter[e]mos sorte si formos [in]demnizados dos gast[os] que nos occasionará. M[as] com prazer o faria gr[a]tis. Que felicidade! T[o]dos os jornaes falarã[o] em nós, e isso augme[n]tará nossos negocios. [E] muito! Aposto como e[s]ses typos da empresa [ri]val, estão arrancando o[s] cabellos! Fizeram tud[o] para leval-o, mas não conseguiram!

*

O presidente da Rep[u]blica ordenou a u[m] secretario que enviass[e] um telegramma de co[n]dolencia á viuva.

De M. C. Blackman

— Direi o que é de rigor nesses casos — pensou, — mas ninguem imagina como eu me alegro que esse homem já não possa incommodar-me.... Elle era terrivel. Estava sempre criticando os actos do governo. E rindo, o que é peor. Sempre fazendo chistes e procurando levar-me ao ridiculo. Eu gostaria que houvesse estado em meu logar, por uma temporada. E' o peor que eu poderia desejar-lhe. E talvez o conseguisse, si vivesse. Quem sabe si, afinal de contas, a morte não foi uma sorte para elle?... Emfim!...

*

O filho do senador teve que voltar da Universidade durante a semana de festas annuaes. Procurava não sentir-se indignado pela inopportunidade do assumpto, mas não podia evitar que seu pensamento tornasse sempre ao mesmo thema.

— Si houvesse esperado ao menos uma semana! Agora que estou au[s]ente, os rapazes vão se descuidar e acabamos perdendo o campeonato de tennis.... Deveria envergonhar-me de ter taes pensamentos... Papae era um camarada bem sympathico e sempre se portou muito bem commigo... Mas me é difficil comprehender que o morto é meu pae.... Penso sempre no senador Adam Bentley... Interessar-me-ia saber a quanto sobe seu seguro de vida...

*

O chefe de repórteres do serviço nocturno tomou outro trago de uma garrafa que tirou da gaveta de sua mesa e começou a escrever um artigo laudatorio.

Era um excellente artigo. A noticia mais interessante que tivera nos ultimos monótonos mezes. Dedicou a elle toda a sua capacidade literaria.

— Isto chamará a attenção — pensou. — Que sorte tivemos com essa morte em nosso turno! O velho Bentley sempre nos proporcionou bons sueltos.

*

A enfermeira que cuidára do senador, durante sua permanencia no sanatorio leu e releu detidamente os jornaes e meneou a cabeça.

— Apenas posso crer que se trate do mesmo homem — pensou. — Era simplesmente um ser humano. Um velho muito sympathico. Era realmente um pouco commovedor o modo como me pedia que me sentasse a seu lado e conversasse com elle quando toda a gente importante se retirára. E a maneira como dizia que não tinha um unico amigo verdadeiro! Eu tinha pena delle! Pena do senador Adam Bentley, o... — consul de novo o jornal — "grande homem público". Mas não me importa: é a verdade. Parecia tão triste e tão só. E tratava-me com muita consideração.

A enfermeira enxugou uma lagrima e pensou em mandar flôres. Mas mudou de parecer. Haveria tantas flôres na camara ardente do *grande homem público*, que sua pequena corôa se perderia entre ellas. Além disso, ella não podia permittir-se esse luxo. Assim, pois, enxugando outra lagrima, se dirigiu ao apartamento numero 42, onde um velho resmungão chamára pela quinta vez num quarto de hora...

AS PESSOAS EDOSAS RECUPERAM AS FORÇAS

O grande vitalizador, oleo de figado de bacalháu, concentrado em Pastilhas cobertas de assucar — Fortificante rapido e agradavel ao paladar

ONDE "ELLAS" SÃO SUPERIORES AOS HOMENS

— Na tribu Targui, dos famosos tuaregs do deserto, os homens trazem um véo negro sobre o rosto emquanto as mulheres, com toda liberdade, ostentam suas feições.

Esse costume foi adoptado depois de grande luta, em que, ha seculos, se empenharam os targui com outra tribu. Parece que os homens, na ultima peleja, começaram a recuar, quasi se dando como vencidos, quando as mulheres, de lança em punho, entraram em combate. E deram provas de tal bravura, que os inimigos logo fugiram, debandando, tomados de verdadeiro panico. Foi, então, que os homens começaram a usar o véo que era, antes, prenda privativa das mulheres.

Parece tambem que foi desde esse dia que a mulher targui começou a mandar em casa e a ter direitos superiores aos dos homens, pois podem, á vontade, repudiar seus maridos — não lhe permittindo levar de casa senão a sua lança.

A FINLANDIA EM TRABALHO

— A Finlandia é um dos menores paizes do mundo. Não como extensão territorial, porque é tão vasto como a Inglaterra, por exemplo, mas como população. Seus campos são de gelo, geralmente, e o paiz não é habitado senão ao sul por uns três milhões e meio de almas, quer dizer: a metade ou pouco menos da metade da população de varias cidades, como Londres, Nova York, Paris.

Mas, essa pequena nação é um maravilhoso exemplo de trabalho e de actividade. Se, nos sports e torneios de toda natureza ella é comparada aos Estados Unidos, pelo menos á excellencia de seus campeões, esse pequeno grande paiz realiza prodigios em campo de activadade. Esse campo e o da literatura. Os finlandezes publicam todos os annos duas mil e cem obras novas, na sua propria lingua, e quinhentas e cincoenta em sueco. Na França, por exemplo, onde a população é mais de dez vezes maior, que na Finlandia, não se publicam senão 21.000 obras novas por anno. Por ahi se vê que os finlandezes são, hoje, um dos povos mais intelligentes e cultos do mundo.

DELIRIO

Os beijos vermelhos da febre amarella
mataram o menino.
"— Eu quero brincar com a lua
com a lua redonda do alto do céo..."

Mas a lua subia...
subia e rodava sózinha no céo...

"— Eu quero o papagaio
que vae, sem rabo, subindo p'ro céo..."

E o disco da lua girava e subia
subia girando, sózinho, p'ro céo...

"— Eu quero a lua p'ra mim..."
Mas a lua escondeu-se nas nuvens negras
e a terra escureceu...

"— Eu quero...!"

E o menino morreu...

LUIZ ANTONIO PIMENTEL

PALHAÇO DA FLORESTA

O *xexéu* é o palhaço da floresta. Passaro de genuinidade brasileira não é menos interessante do que os brasileiros — *Yrapurú* das lendas amazônicas, com a magia da sua voz a fascinar as aves que encontra e o ouvem e em côro o acompanham aonde vae elle; *tangará*, pastor admiravel, com o seu bando de tangarás femeas, plagiário cantador das mais bellas músicas florestaes para que dancem as companheiras, rufando as azas rythmicamente; divino *sabiá*, nos seus gorgeios coloridos; melodiosa *graúna*, nas suas magnificas serenatas; canoro *sanhaçú*, de pello azul; harmoniosa *patativa* do nordeste, sonoro *bicudo*, mavioso *curió*, suave *carruphião*. Como estes canta elle e encanta com o canto que lhe não é próprio. Nem é menos interessante do que o mimoso *gaturamo* a imitar os outros pássaros; porque *xexéu* não imita só todos os pássaros, senão todas as aves que se lhe aproximem, dando vozes.

Arremeda tudo; emtanto a lexicographia portugueza refere-se ás qualidades imitativas do *gaturamo*, e, ao tratar ligeirmente de *xexéu*, cuja etymologia é de fundo popular, regista-o como ave cantadora da ordem dos pásseres, sem referência alguma ás suas singularidades nem ao caracter onomatópico do termo, pois, quando não tem a quem imitar, fica sussurando — *xé-xé-xé*.

Gaturamo, pássaro lindo, muito mimoso, pequeno, azul loio em cima, amarello em baixo e na metade inferior da cabeça, alvas algumas pennas das azas, alva parte da cauda, não foi esquecido por alguns lexicógraphos, naturalmente por observação feita em leitura de brasilicos generos literários; *xexéu*, pássaro negro de bico longo e laranjado, com a parte inferior das azas côr de açafrão, não lhes mereceu referência especial.

Certo, nunca o viram. Si o vissem, *xexéu* olhál-os-ia fixamente, como é o seu costume; e através daquelle olhar cheio de sublime expressão, imaginariam existir nesse uma potência intellectiva.

O ninho delle é semelhante a uma sacola com certo orifício pouco abaixo de ametade. Entra pelo lado de cima. No orifício, como si fôra pequenina janella, a modo se debruça, começa a embalar-se, a observar tudo em derredor, e, como criança, faz do ninho um trebelho, onde fica o pássaro negro em innocente travessura a arremedar os que passam.

Si crocita o *côrvo*, crocita o brincão: *crás, crás*; si, estridente, grita a *araponga*, imita elle o ferreiro a malhar o ferro na bigorna: *tein, tein, tein, tein*; si pupila o *pavão*, *xexéu*: *fiau, fiau*; si trina o *canário*, trina o brincador; mia o *gato*, em seguimento: *miau, miau*; ladra o cão, e elle: *au, au, au*; zumbe o insecto, zumbe o imitador: zune o vento enfiado pelas gretas, coado por entre as folhagens, zune o eximio observador; grunhe o *porco*, repete o passaro em francez com sotaque allemão: *oui, oui, oui, oui*; si ao longe ouve o cuco a cucular, arremeda-o onomatopaicamente.

E assim fica o palhaço da floresta a observar tudo, brincando com todos.

Para arremedar, abre o bico de modo desmesurado; tem-no quasi fechado; ora estende o pescoço, ora o encolhe; umas vezes levanta o bico, outras vezes o abaixa.

Domestica-se o estroina com facilidade em gaiola de papagaio, onde canta a imitar os animaes, sendo certo que já ouvimos um arremedar até a voz humana, pronunciando em alta voz: "*seu* Moraes!"

Isso, em Maceió, ao tempo da presidencia do excelso Prudente de Moraes. Pertencêra o interessante pássaro ao pae do digno confrade, Ignacio Jabotá, o qual, voluntarioso enthusiasta do varão illustre, muita vezes lhe pronunciava o cognome, antecedendo-o por brinco, do usual *seu*, derivativo impróprio do tratamento de uso commum entre nós; e tantas vezes o repetiu, que de uma feita foi surprêso com o arremedo do pássaro brasileiro.

Maravilhoso!

Muita gente não faz caso de xexéu pela sua falta de asseio, por não ter philáucia. E' a pura verdade. Vimol-o, porém, aqui no Rio de Janeiro, no oitão de um palacete e ouvimol-o, sempre travesso, em gorgeios como o *sabiá*, gazeando semelhante a ave aquatil, e a imitar o *cão*, o *gato*, o *gallo*, o *bemtevi*.

Bello! Na ultra civilizada capital fluviana, fazendo-nos rir com graciosos gestos e arremedos, já vimos no papel de bôbo de palácio o nosso palhaço da floresta.

HORMINO LIMA

— Que quadro horrivel!
— Fui eu quem o pintou.
— Desculpe; refiro-me ao modêlo.
— E' minha esposa...

saibam todos...

PARAGUASSÚ (?) — Olá? Uma paulista? V. ex. manda nesta pagina... E' poetisa? Prosadora?

Leiamos, porém, a sua carta. Dois pontos:

Yves — Felicidades. A minha missiva é antes de tudo uma homenagem e uma queixa; homenagem ao espirito fino e subtil que você possue: mais fino e penetrante que o mais subtil dos perfumes — queixa — porque toda ella encerra na obscuridade da sua autora um indizivel e inenarravel queixume.

Yves, neste momento de silencio e meditação, de comoções profundas e intraduziveis, de saudades e reminiscencias lembrei de escrever para você a quem melhor do que você — grande alma sentimental — para me acolher debaixo das azas protetoras da sympathia?

O caso é muito simples: o B... me deu o fóra só por ironia politica — elle defende um partido e eu outro; o que você acha? De mais, a mais, eu não sou filha destas plagas; nasci num retiro tranquilo e doce da terra do assucar — Pernambuco — que talvez você não conheça — de poetisas e escriptores maravilhosos!

Como não quero me abysmar num oceano de saudades immensas vou terminar, juntando a esta o sexto soneto de minha lavra, o qual depois de competentemente examinado por você terá o seu logarzinho de honra na cesta...

Mais uma palavra (em surdina) — você fez muito bem de não responder a carta de minha amiga J... porque ella é muito pedante. Não me chame de mexeriqueira e nem másinha, sim, Bastinho?

Até breve, muito obrigada, e que seja muito feliz neste resto de anno é o que lhe deseja.

Responda para Paraguassú.

Resposta:

1º — Com relação a atitude de B... que lhe "deu o fóra", acho que fez ele muito bem. O maior perigo do seculo é a mulher politica, a mulher que, em vez de tratar das batatas inglezas, para o *beefe* do marido trata de "batatas"... portuguesas... do *beefe* literario, ou perde o tempo a discutir politica, essa coisa que elas geralmente não sabem o que seja. Discutem politica com o mesmo desconhecimento dos problemas nacionaes, com que discutem religião ou agricultura.

2º — Nasci na cidade do Recife. Lamento, porém, não ser escriptor nem poeta — apezar de ser Pernambuco, segundo afirma, a terra de poetisas (como v. ex.ª) e de escritores maravilhosos... E' que sou analfabeto, com dois *ff* e... *rr*...

3º — V. ex. me envia o seu 6º soneto...

Eil-o com todos os pontos nos ii...

PETALAS DESFEITAS

A noite descia mansamente
Do pomar subia um perfume em-
[briagante
Como a delicia suave dum carinho
E a saudade de um amor distante.

E eu scismarenta olhando com
[ardor
A lua que surgia lentamente
Como a ave que encontra o doce
[ninho
Minh'alma voou aos teus braços
[espiritualmente

E num amplexo de profundo en-
[ternecimento
Todo o meu ser a eternidade num
[momento
Gozou, e foi ao auge da fasci-
[nação!...

Mas, nesse instante despertei do
[rico sonho
E ao redor de mim tudo ficou
[tristonho
Porque despetalou-se a minha
[illusão!...

Verifico que v. ex. se enganou: em logar de remeter-me o seu 6º soneto... o que me enviou foi o primeiro exercicio da sua irmãzinha, de cinco annos que deve andar, ai, pelo grupo escolar da sua cidade bonita...

4º — Para que não faça uma obra apressada, esperarei que mande o seu 1001 soneto... O seu milesimo primeiro soneto... Milesimo ou milionesimo primeiro... Mi-li-o-ne-simo!... Está combinado?

Até o seculo vindouro, v. ex. terá muito tempo... Não se apresse, madame...

5º — Diz v. ex.: "Não me chame de mexeriqueira e nem másinha, sim Bastinho?

Basta, D. Paraguassúzinha! Bastinha, emendo eu... Não estrague o seu carinhosinho, D. Paraguassúzinha... Euzinho não gostosinho de agradosinho sinão na realidadesinha... Por cartinha é improficuosinho...

CAPITU' (S. Paulo) — Pois sim... Infelizmente a sua carta é puramente confidencial. Não a posso responder por uma secção publica.

Espero assim a sua visita...

Quanto á sua colaboração, — pode contar comigo. V. ex., além de ter talento, é habil na maneira de se fazer digna de apoio e sympatia.

Ha quem supponha que basta saber escrever um conto e vestir uma saia para encontrar uma legião de serviçaes, dispostos a lhes abrir as portas da imprensa... em troca... em tróca de quê finalmente?

V. ex., não! E' habil! E' inteligente! Sabe qual é a melhor maneira de conquistar aquela legião de serviçais... Embora, no fim de contas, v. ex. aja como as "outras" (as suas "colegas"...?) pelo menos dá a impressão de que saberá ser grata e reconhecer quanto custa fazer um nome literario.

E' o que depreendo do ultimo trecho da sua missiva côr de barro, onde confessa ser como eu, no tocante a retribuir as finezas que recebe.

A vida, afinal, é uma questão de "savoir faire"... E nada mais. Quando não se tem essa habilidade é sinal de que se val fracassar...

O resto, é como lhe disse: — fóra desta pagina, correspondencia puramente confidencial.

BEAMAR (Minas) — Upa! A sua carta de authentico meninote de escola, é dessas que merecem a publicidade. Sabe porquê? Porque é bem o caso de centenas de outros jovens escolares como o sr.

Vejamos a delicia que é a sua missiva de adolecente. Dois pontos:

"Snr. Yves. Saudações. De ha muito que sou leitor da revista o "Fon-Fon" e com especial interesse da secção "Saibam todos" que, sob a direcção de V. possue (assim se me afigura o magnetismo de attrahir ás vistas dos mais indifferentes — aquelles que folheam a citada revista tão somente para *matar o tempo*...

A justiça das suas criticas me proporciona admiração pela sua pessôa e consequentemente um prazer na leitura da secção ao encargo de V.

Invariavelmente assim dizem, suas criticas amargam como fél. Não me infunde receio, porem, a ironia com que V. affronta os poetastros, porque desejo aprender e para isso, encontro-me no dever de supportál-a e ainda mais, agradecer os conselhos que advierem de V. (permitta-me o tratamento.)

Envio-lhe junto um conto que se for occupar logar na cesta — por solidariedade a tantos outros que têm tido tão infausto destino— em nada me molestará: escreverei outro...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Sou perseverante e tenho 19 annos. (quantas illusões!)

Escrevi-o no decorrer do anno passado e reservei-o para V.

Parece incrivel?

— Respondo eu — Não; porque sou extremista — tudo ou nada...

Desejava mostrar o meu trabalho a um critico de renome, a um cultor das lettras pois, do conceito que este externasse sobre o mesmo, ficaria bem certo da minha penna. Esta é a razão porque se me dirijo a V., esperando infastial-o o menos possivel.

Caso mereça agasalho nas paginas do "Fon-Fon", peço-lhe o obsequio de fazer publical-o.

Invertindo as cousas, já sei... Cesta á papelada de um sonhador.

Com agradecimentos, firmo-me ao seu inteiro dispor. — *Beamar.*"

Agora, vejamos o inicio do seu conto cheio de "myriades de estrellas como pyrilampos" e outras imagens de que Adão se serviu para tapear a bella Eva, no Paraiso:

Naquella noite de luar muito claro, o céo apresentava-se soberbo. Myriades de estrellas scintillavam na sua immensidão, tremeluzindo como pyrilampos; nuvens pardacentas formavam irregulares figuras, tingindo o azul celeste.

Não literato illustre! Complete o seu curso. Estude primeiro as materias que hão de concorrer para tornal-o um escriptor de verdade.

Por ora o sr. está muito empanturrado de "myriades de estrelas" e de "pyrilampos"...

Quando escrever coisas menos banais, o sr. contará com o meu apoio incondicional.

CELSO (?) — Upa! Lá vem um poeta a mais.

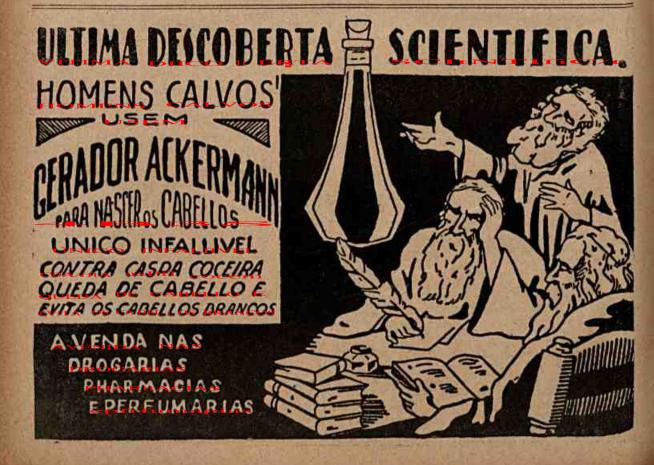
Vejamos o que me escreve o sr.:

"Exmo. Snr. Yves. Rio de Janeiro. Attencioso saudar. Para que se divulguem nas columnas de sua apreciadissima revista — *Fon-Fon* — se tanto aprovados, á sua grata apreciação de critico fino e perspicaz, submetto os dois sonetos juntos: "Beijo e Amor" e "Como Penso", da minha absoluta autoria.

Do Atto. Ador. do illustre critico. — *Celso Barbosa.*"

Por essa carta, póde-se concluir o mau poeta que é o sr.

Foi Mme. de Sévigné quem disse que as cartas são imagens de almas. Cada alma se refléte na carta de quem as escreve.

Ora, a sua missiva espelha uma alma que pode ser a de um negociante, um soldado, um escrevente de pretoria, um toureiro, um aviador, jogador de foot-ball... Um poeta? E' que nunca!

Quer uma prova? Veja como é mal amanhado o seu soneto *Como penso*...

Tu, que és a vida e todo o meu [*conforto,*
Se faltares... não sei como viver:
Meu destino—será de desconforto.
Minha vida—será de desprazer.

Como o nauta queperdera o seu [*porto,*
A ventura, por certo, hei de perder:
Meu peito, para sempre, ha de ser [*morto,*
Ou melhor, morto, sim, todo hei [*de ser!*

Horas... Horas eu me ponho a [*pensar*
Neste amor, quando vir a se [*acabar...*
e prosigo nesta imaginação...

Se primeiro tu fôres desta vida
Igualmente desta terei partida:
Atraz ha-de seguir-te o meu [*coirsão!...*

DESILLUDIDO (S. Paulo) — Oh! Mas, que egoismo? E' possivel que só queira receber favores? O sr. só trata de sua pessôa, caro literato.

Então, o sr. me telefona, e me incomoda, somente para que eu lhe leia as producções e as publique?

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Estando, no Rio, ha dois passos da redação, o sr. não teve a lembrança de me fazer uma visita?

E' claro que não me interêsso somente pelas saias; interesso-me tambem pelas calças... de casemira.

Inabilmente, que faz o sr.? Declara, pelo telefone que, de regresso a S. Paulo, me mandaria "as suas colaborações, contando com o meu auxilio"... O sr. é pouco hábil. E' pouco diplomata. E, sobretudo, demasiado egoista. E' preciso não tratar somente da sua pessôa, illustre escritor. E' necessario interessar-se por aqueles a quem solicita favores.

Que lucro tenho eu em trabalhar para que o sr. faça "um nome literario", "uma vez que é esse o seu ardente desejo", segundo escreve na sua missiva comercial?

O sr. adotou o pseudonimo *Desilludido*. E' bem possivel que o sr. esteja desiludido de muita coisa na vida, porque não sabe ser maneiroso e não emprêga os meios para conseguir o que deseja.

A boa sorte quem a faz somos nós...

E que lhe sirva de muito esta lição de *savoir vivre* e *savoir faire*...

ANNA MARIA (Capital) — Agradeço-lhe, de coração, o seu presente. Que gentileza! Até me confunde com tanta habilidade!

Ha uma coisa importante: li e reli a sua missiva, mas não consegui entendel-a...

Vamos vêr si alguem poderá decifra-la:

"Snr. Yves. Saudações. "Junto envio um "calix" de licor em homenagem a "felicidade volta?" que vê passar no dia 4 de Agosto, mais uma primavera".

Snr. Yves hontem, pela manhã, observei que estava sendo "fulminada" pelos olhares mas não me apercebi a razão de tal. Lendo mais tarde o Fon-Fon então comprehendi a causa de tão forte "carga de energia electrica"...

"Por exemplo, se eu já tivesse beijado as mãozinhas adoradas do meu deus... sim. Com que prazer eu aceitaria a morte! Antes não. Não me conformo."

Da vossa admiradora, — "*Anna Maria*".

SULAMITA (Capital) — Li o seu soneto. Conforme me péde, dou-lhe a minha opinião, que lhe é favoravel.

E como é só isso o que deseja... adeus.

YVES

O ALGOZ

AUGUSTO LOCRIER comia apressadamente, com gulodice, sem parar para falar, com a cabeça inclinada para o prato e fazendo muito barulho para mastigar.

Essa era uma das coisas que inspiravam repugnancia á sua mulher — deliciosa loura, fina e educada — desde o começo do casamento.

Depois de cinco annos de vida commum, ainda não pudera se habituar. Ao contrario, aquella penosa scena, supportada duas vezes ao dia, constituia, para ella, uma provação das mais exasperantes.

Depois de farto, Locrier recostou-se na cadeira e, olhando sua mulher, disse:

— Vovonne!...

A sra. Locrier, que se chamava Ivonne, fez um gesto de aborrecimento. Tambem não se habituára aos appellidos tolos com que seu marido a gratificava em publico, como na intimidade.

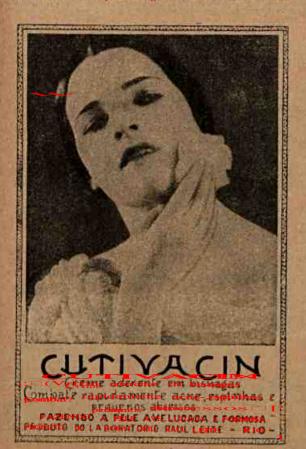
— Que aconteceu? — perguntou Yvonne.

— Comi muito bem... Esse cozinheiro merece um augmento... Gratidão estomacal!...

— Como quizeres...

— Não crês?... As mulheres não dão importancia aos prazeres da mesa. Sê franca: haverá alguem satisfeito si não estiver bem alimentado?... Primeiro debilita seu organismo e o predispõe a todas as enfermidades. E, uma vez enfraquecido o organismo, ninguem póde trabalhar... Tudo parece pesado, prejudica o cerebro e vê tudo negro. Não é, Vovonne?...

— Deve ser...

— Não me falem em sobriedade; isso é bom para um ermitão. As pessôas gordas são alegres e agradaveis... Pouco são os magros por gosto: sómente porque querem conservar a linha...

Locrier ria ruidosamente pela sua graça. Depois, pôz assucar no café, bebeu um gole de cognac e accendeu o cachimbo.

Sua mulher, crespada, não afastava os olhos delle. Como era vulgar, como a comprehendia pouco!...

— Querida — accrescentou — hoje contaram-me uma coisa interessante... Trata-se do nosso amigo Verchamps.

Yvonne estremeceu.

— Ah! sim?...

— Parece que esse rapaz fez uma conquista das mais altas... E' amante de Magdalena Laudier. Lembra-te?... a prima de Verel... Uma morena bonita, viuva ha um anno, e que representava admiravelmente o papel de viuva inconsolavel, sempre envolta em crépe... Hein?... Parece que era facil consolal-a... Verchamps encarregou-se disse.

Yvonne estava livida, porém seu marido nada percebeu; estava empenhado em olhar o seu copo de cognac.

— Quem te disse isso?...

— Esse má lingua do Bernoire. Parece que os viu entrar em um restaurante que tem gabinete reservado. Imagina que escandalo!... Que achas?... Essas viuvas... Dava pena vêr Magdalena!... Sem duvida sua dôr era uma farça. Afinal, nada tem de extraordinario que torne a gostar da vida... E' verdade que devia esperar um pouco mais... Si gostou de Verchamps, fez muito bem; nesses casos sou indulgente... Tem sorte, esse patife!... Ella é encantadora. São moços, ricos... Um par ideal!...

Continuava falando sem parar. Porém Yvonne não o ouvia, tratava de reflectir um pouco, passada a primeira impressão.

Havia um anno que Verchamps era seu amante... Como se mostrára seductor!...

Cortejou-a com tal delicadeza e ella se aborrecia tanto... Fôra sua primeira aventura; entregara-se quasi sem amor para se distrair, porque não era feliz. Queria viver um pouco e se vingar de seu marido, homem honrado, mas que não a comprehendia e a exasperava...

De repente, ao ouvir a historia de Magdalena e Verchamps, sentira uma dôr tão aguda, que comprehendera, então, que o amava não caprichosamente e sim com paixão violenta e exclusiva, que fazia parte do seu proprio eu. Apenas podia occultar sua impressão, seu soffrimento. Gilberto não só não a amava, mas a trahia abertamente... Nunca pensára que soffreria tanto. Depois de um grande esforço, tratou de reflectir.

Não seria alguma dessas historias que os ociosos inventam para destruir a honra dos outros, talvez por despeito e por causa de um provavel desprezo de Magdalena ante suas pretenções amorosas?...

Nesse instante occorreu-lhe uma idéa e olhou para seu marido, com desconfiança. Elle, geralmente taciturno e pouco amigo de falar, por que lhe dava os

De Frederic Boutet

menores detalhes sobre esse caso?... Suspeitaria de seus amores com Verchamps? Esperava, talvez, que ella se traísse, para então se convencer de sua desconfiança?

Parecia impossivel que aquelle homem, que só se occupava de negocios, fosse capaz de um disfarce semelhante... Que saberia?... Que havia de verdade em tudo isso? Por que lhe contára?...

Yvonne, inquieta, perturbada, repetia essas perguntas, sem poder respondel-as.

— Esquisito... — disse. — Pensei que não gostasses dessas hitorias e vejo que acolhes como si fosse verdade de Evangelho as calumnias que Bernoire inventa sobre a honra de uma mulher respeitavel.

— Sou então, um idiota?... Não vejo nada de extraordinario em que Verchamps tenha uma ou varias amantes...

— Meu Deus! Sabe e se compraz em me torturar — pensou Yvonne.

Corou de tal maneira, que para occultar sua emoção se levantou dirigindo-se ao seu quarto.

A angustia a suffocava. Era preciso que visse Verchamps no dia seguinte. Seria capaz de a tratar assim?

Yvonne passou uma noite terrivel de insomnia... Pela primeira vez em sua vida comprehendia que as palavras *soffrimentos de amor* representavam uma realidade.

Na manhã seguinte, recebeu uma carta de Verchamps, dizendo estar desesperado, porque não a veria durante alguns dias, pois era obrigado a partir para visitar um parente, fóra da cidade.

Yvonne ficou aterrada. Seria uma simples coincidencia?...

A' noite, quando se sentaram á mesa, Locrier tomou a palavra.

— Sabes, Yvonne?... Perguntei a Bernoire si o que me contou era verdade e m'o affirmou, sob juramento, que nada era mais certo.

— Isso nada prova. Bernoire é um mentiroso!

— Mas eu não sou um imbecil: só digo as coisas quando estou certo que é verdade. — disse Locrier um pouco alterado... Verchamps é amante de Magdalena... Sim seu amante... E estou certissimo... Não sei por que és tão teimosa e não queres acreditar.

Yvonne encolheu os hombros, sem responder. Soffria como uma condemnada.

Durante dois dias não se falou no assumpto. Ninguem sabia noticias de Verchamps que pudessem acalmal-a. Pallida, desfeita, pela angustia, sentou-se deante de seu marido, apenas tocando nos alimentos. Quando Locrier acabou de devorar os pratos, disse a Yvonne:

— Yvonne, eu tinha razão; fiz um pequeno inquerito para te provar... Verchamps partiu em viagem com a viuva Laudier.

"Untei" as mãos do criado do nosso amigo e elle me disse tudo. Magdalena foi ali varias vezes durante um mez... E ainda tenho outra coisa, uma prova indiscutivel olha... Convence-te... E' uma carta que o primo de Verchamps recebeu esta manhã... na qual diz que parte com ella e annuncia o seu casamento...

"Recommenda que dê a noticia a todos seus amigos... Pedi essa carta, para que te convenças. Toma, lê... *Vou me casar com Magdalena...* ah! ah!... para que me acredites!..."

Porém, Yvonne não ouvia suas risadas... Lia mais com a alma do que com os olhos as linhas traçadas por seu amante, que a trahia e que a abandonava... e ao qual amava tanto!...

— Ah! ah!... — insistiu Locrier. Para que não digas que sou um idiota!...

Yvonne levantou-se, livida, transtornada, e gritou quasi sem saber com quem falava.

— Pois, apesar disso, és um idiota!... Um covarde, um canalha... Ha quatro dias que me torturas, dilacerando-me de dôr e de ciumes... Casa-se casa-se!... Oh!... Que horror!... Porém, eu vou embora daqui; divorcio-me!... Odeio-te!... Ouves?... Odeio-te... Triumphaste... Odeio-te!...

Yvonne sahiu como louca, esbarrando em tudo, emquanto Locrier permanecia em seu lugar como a viva imagem do assombro.

— Mas, que tens?... Que te importa que Verchamps se case?...

Nunca suspeitára de sua esposa e não comprehendia o por que daquella scena.

Só quizéra provar a Yvonne que não era um *imbecil* e que disséra a verdade.

DEMONIO LOIRO

— NÃO é facil entendêl-a, falou-me o doutor José Henriques, logo depois que eu terminei a leitura do conto.

— E' bem simples... Uma historia de amôr como outra historia qualquer. A grandeza do thema está na pequenez dos sentimentos da mulher. Desde que a vi, notei que era preciso estudál-a como um caso novo, de modalidade clinica, intensamente passional, desses que, ás vezes, levam os intoxicados da paixão para o noticiario vermelho dos jornaes... Uma grande sentimental.

— Um verdadeiro perigo.

— Não é bem isso o que ella encarna e significa... Considero-a, apenas, uma mulher differente do commum das outras, com mais um pouco de sensibilidade... Uma grande artista, que poderia fazer a immortalidade do meu conto... Depois, a culpa é inteiramente minha. Em verdade eu era ainda um inexperiente do amôr carioca quando me encontrei com ella. Uma mulher admiravel! ... Longe, portanto, estava de imaginar que tão intensa fosse, mais tarde, entre nós dois, a epopéa perfumada de amôr que se criou em nossos corações. Hoje, como num desafôgo, sinto que tudo quanto ella me revelou á plenitude mais bella de sua esthesia galante, é como um quadro em que se exhibe a realidade psychologica das impulsões, vivendo os caprichos, as ansias, as leviandades, e todas as emoções dessa maravilhosa criatura, tão ideal, tão intelligente quanto insincéra e voluvel. Amei-a perdidamente na grandeza espiritual do meu sonho de arte e de tortura. Ella, tambem, é uma divina torturada, e, me amou com a perfeição mais intensiva do seu devotamento, ligandose á emotividade do meu affecto com o impeto de uma lava incandescente de vulcão.

Desde que a conheci, attrahido por ella, que me chamou telephonicamente, para me ler os seus primeiros *Poemas de um cigarro*, nada me pareceu mais importante, nem mais digno de cuidadoso e demorado estudo, especialmente para a sociedade carioca, já, sobre posse, trabalhada pelos dramas brutaes do amôr suicida. Um dia, quando conversávamos pelo telephone, sobre a grandeza literaria de *Orlando Furioso*, em que ainda vibra a alma de Ariosto, ella, sem que eu o suspeitasse, contou-me, commovida e demoradamente, toda a historia sombria do seu amôr infeliz:

" — Olha, escuta: amo e soffro!

" — Não é possivel, attenuei, delicado.

" — Creia... Amo demasiadamente.

" — E, elle, o dono desse amôr tão grande?!

" — Olha, escuta: é jornalista, poeta, romancista, advogado e conferen...

" — Todas essas qualidades não lhe dão motivos para ser infeliz.

" — Olha, escuta: elle é...

" — Pobre, certamente...

— E... tambem, casado! ...

"E interrompemos a ligação. Dahi em deante marchámos precipitadamente. O amôr não conhece limite... E, para que conheças melhor a historia da minha desgraça, agora, que tudo já passou, eu vou dizer-te o que até hoje como cavalheiro, só me atrevi a revelar a mim mesmo, quando deante do sentimento que ella me despertou, eu ousava interrogar a consciência. Antes de vêl-a, eu me considerava feliz, e pensava mesmo em sêl-o. Em minha alma já não havia mais paixão e o meu coração vivia cheio de alegria, como si todo o meu ser emergisse de uma claridade limpida. Até antes de vêl-a, não havia fronte que se erguesse mais altiva, nem esperança mais radiosa do que a minha. Os meus collegas consultavam-me sobre o desprezo e a indifferença ao amôr, á mulher e á fortaleza moral que eu lhes offerecia. Sim... eu era, presumidamente, uma rocha. Os livros eram a minha preoccupação unica e a literatura o maior sonho que eu acariciava. Só elles me bastavam.

Não quero, com isso, dizer que, com os meus trinta e seis annos, não me germinassem outras idéas. Não! ... Por mais de uma vez os impulsos lascivos do coração me fizeram fremir a carne que muitas occasiões se inflammára, ferida pelo olhar leviano, convidativo, de uma mulher bonita. Mas, o encanto perfumado do sexo e o estuar do sangue que me fervia como homem e como artista, eu suffocára sempre, julgando ter calado, por toda a vida, no mais fundo do meu pensamento, a voz mais baixa da minha inferiorida-

de humana. Nessa época, por mais de uma vez, eu soergui, convulsivamente, a cadeia em que acastellava a vontade ferrea que me isolou, miseravel, á fria impiedade das que me amaram e das que soffreram. Mas, o estudo, os livros, o requinte pela fórma, a ansia pela belleza immortal do meu sonho de gloria, — meu mundo interior, — tinham conseguido, sem que eu notasse, transformar-me um grande fraco!...

E eu continuei a pensar que vivia a fugir de todas as mulheres. Para conseguil-o, eu julgava que me seria necessario, apenas, ler um livro, escrever um soneto, um conto... Era como si todos os fumos impuros do meu pensamento se dissipassem dentro do cerebro, deixando-me entregue á criação formosissima do meu sonho de isolamento e de pureza... Como é difficil a gente ser forte!... Em poucos minutos, eu suppunha que haviam fugido de junto de mim, para bem longe, essas coisas infinitamente pequenas, inferiores, terrenas, e de novo, com o espirito liberto, eu me via pairando em cima, muito alto, deslumbrado e sereno, adorando a imagem tranquilla da perfeição e da verdade. E, no emtanto, desde que a vi que comecei a descer. De quando em quando, novas visões de amôr me appareciam e me feriam cheias de encanto, vestidas em fórma de mulher, nas ruas, nos cinemas, nas avenidas, nos theatros, passando deante de meus olhos. Mas, logo que ellas reappareciam, o meu sonho de belleza universal as vencia...

E, si detoda a minha resistencia moral não me resultou a victoria do espirito sobre a carne, a culpa não me cabe. O culpado é Deus, esse genio de todas as forças, porque me fez artista e me fez fraco!...

"No dia em que ella me chamou pelo telephone — nunca mais eu pude esquecer esse dia — o que eu encontrei lá, não foi mulher, mas, uma rapariga de 23 annos, extraordinariamente bella e intelligente.

Os olhos dessa criatura eram como duas bolas mágicas de "muirakitans" enfeitiçadas, muito verdes, e, no annelado de seus cabellos, notei que chispavam pulverizações de ouro que o sol beijava e confundia. Deante de tanta belleza viva, de tanta fascinação, eu vi que toda ella resplandecia de intelligencia e candura, vivendo e encarnando a figura delicada e meiga que se destacava do commum das outras. Com effeito, em toda ella havia alguma coisa de mais luminoso, de maior espiritualidade, oriunda, talvez, da propria luz do sol de sua fulgurante intelligencia!... Dahi começou a

De Adaucto Fernandes

minha tortura espiritual. Surprehendido, atónito, ferido, inebriado, sem o direito de me libertar do encanto com que ella me envolvia, deixei-me arrastar, á-tôa. E admirei-a tanto, que ainda hoje, apesar do mal e da traição que ella me fez, não póde esquecel-a.

"Por mais de um mez, todos os dias foram vividos na esperança de um novo dia. O amôr, entre nós, crescera assustador, e fôra, em nossas almas, tão profundamente sentido, que ainda o tenho no requinte de sua alta sensibilidade aberta á conquista livre da felicidade humana, sem preconceitos, sem malicia. Era como um sonho bellissimo, todo feito de sol e de luares, unicamente para nós que o creámos artisticamente, como um novissimo mundo, sem sombras, sem pesares, e, no meio do qual, só eu e ella teriamos o direito de habitar. Hoje, tudo mudou. Reconheço, cheio de pesar, que me não é mais possivel restaurar a belleza antiga do céu. Mas, em compensação, só agora é que eu posso estudar, na sua realidade flagrante, tudo o que ella e eu fomos na vida de pureza espiritual."

— Luta suprema!

— Em que cahi vencido. Já totalmente fascinado, tentei, num esforço supremo, desesperado, agarrar-me a qualquer coisa que me libertasse desse dominio satánico, terrivel, perfumado e cheio de renda, que ella vinha exercendo sobre a minha vontade. Nunca homem algum foi tentado com mais arte e maior hypocrisia. Parecia-me uma força hypnótica. A criatura que diariamente eu tinha deante dos olhos era uma mulher de belleza e de recursos sobrehumanos, que só póde existir entre os anjos. Aquillo não era uma simples Eva moderna, mas, qualquer coisa vinda lá do Norte, illuminada inteiramente por um raio

(Continúa na pag. seguinte)

DEMONIO LOIRO

(Continuação)

divino vestindo a alma fria de mulher.

Creio-o, ainda hoje. Esse deslumbramento operou, pouco a pouco, a conversão da minha vontade, o dominio absoluto do meu proprio "eu". A sua poesia ficou-me cantando nos ouvidos, como um narcotico mysterioso, malefico, actuando constante. Tudo o que eu era ou devia valer desappareceu ou ficou dormindo dentro do meu ser. E como os que morrem envenenado pela morphina, eu comecei a achar um prazer infinito em deixar que a sua paixão me intoxicasse. Já não tinha tempo para coisa nenhuma. A toda a hora ella me chamava ao telephone, tomando conta de mim, de tudo que eu fizéra ou pensára.

— Um grande fraco...

— Mas, que podia eu, um simples miseravel, contra o seu poder desmedido?! A sua fala tornava-se cada vez mais encantadora, mais dôce, mais cheia de emoção. Ainda assim, eu quiz evitál-a. Mas, não me era mais possivel. Estavamos sempre pregados ao telephone... Ali passavamos a maior parte dos dias. O apparelho havia creado raizes que penetraram fundo em nossas almas. Quando ella me falava, eu sentia que me transportava aos céus!... Um dia, ella teve pena de mim e disse-me coisas maravilhosas... E quantas promessas!... E quantas juras!... E quantos castelos!... E... quantas mentiras!...

"— Olha, escuta: sobretudo e contra tudo, amar-te-ei até á morte!... Nem pae, nem mãe, nem a sociedade podem acabar o nosso amôr! — disse-me, outra vez, arrebatada, pelo telephone.

A onda sonora de sua voz encantadora vibrou com mais força, como um éco de musica que se foi extinguindo gradualmente.

Então, bebedo de alegria, eu cambaleei, desaprumado, encostando-me á parede para não cahir. Era o mais feliz dos homens e ella a mais amada de todas as mulheres.

Desse dia em deante, houve em mim um outro homem que eu nunca tinha visto. A sua imagem passou a me povoar o somno, como uma apparição luminosa que certa vez atravessou o ether deante de meus olhos, cançando-me a vista, como um imprudente qualquer que houvesse tentado escalar o sol. E não pude mais esquecer-me della um minuto.

Todos os dias, ás mesmas horas, eu ouvia-a, demoradamente, á leitura de seus poemas, pelo telephone... De noite, em sonhos, a sua fórma deslisava sobre a minha cama, e eu, quando despertava, ainda tinha a impressão de vêl-a, de sentil-a ao meu lado!... Que tortura... Ella tambem sonharia commigo?... Eu seria, tão vivo, em sua alma, como ella ficára na minha?... Quem sabe?... Bem poderia ser que não fosse. Bem poderia ser que essa certeza viesse despedaçar o meu sonho!... A realidade é a coisa mais dolorosa que eu conheço, e, nesse tempo, certamente, eu já era um estrangeiro do amôr. Comtudo, ainda continuei esperando que uma nova impressão desvanecesse a primeira. Mas, a primeira tornava-se-me, illusoriamente, a realidade que eu buscava. Ella continuou a procurar-me ás mesmas horas, sempre pelo telephone...

(Cont. no proximo numero)

O "garçon". — O senhor quer esperar um pouquinho, até que eu volte com o café, para acabar a sua historia?

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA LYRICA ITALIANA DO THEATRO MUNICIPAL. — LA TRAVIATA — Na noite de 16 de agosto foi cantada em 5ª récita de assignatura a queridissima opera de Verdi LA TRAVIATA.

Escripta em um mez, e simultaneamente com o *Trovador*, foi a *Traviata* estreada em Veneza a 6 de março de 1850. Idealização musical do drama de Dumas — *A Dama das Camelias* — traduz com impressionante belleza melodica a historia sentimental da redempção, pelo amor, de uma cortezã, chamada na vida real Maria ou Alfonsina Duplessis, no drama Margarida Gauthier e na opera Violeta de Valery. Embora differentes os caracteres das duas heroinas, o assumpto do drama de Dumas —, o mesmo do romance homonymo desse autor — é analogo ao da novella de Prévost — *Historia do Cavalleiro Des Grieux e de Manon Lescaut*. As semelhanças e as differenças das composições literarias manifestam-se nas operas que ambas inspiraram, num intervallo de uma geração do seculo passado: *La Traviata*, de Verdi (1853) e a *Manon*, de Massenet (1884). Mas, differentes e semelhantes, equivalem-se dentro da relatividade dos valores artisticos de cada autor e de cada época, as novellas de Prévost e de Dumas, as operas de Verdi e de Massenet. Todas têm sido e continuarão a ser gozadas pelas gerações que se vêm succedendo. Quando mesmo não se leiam mais os romances, as operas serão sempre ouvidas. Apesar do grosseiro materialismo da crise social que atravessamos, é ainda o coração que governa. Não obstante as innovações desordenadas do *modernismo* — que as mais das vezes não são mais que *ultra-primitivismo* — a poesia sentimental, quer literaria, quer musical ou plastica, é o que triumpha. Por isso mesmo continúa a viver a octogenaria op. de Verdi, *La Traviata*, e adquire sempre todo o esplendor da juventude quando vivida por artistas de valor, como o foi agora, na representação da Comp. Lyrica do Theatro Municipal.

Claudia Muzio reproduziu, mais uma vez, uma das suas geniaes interpretações lyrico-dramaticas, que só são excedidas pelas propria Claudia Muzio. Mais uma vez nos extasiou, nos empolgou toda a magia do timbre que á sua voz esmalta, todo o esplendor dramatico com que viveu a personagem famosa de Violeta de Valery. Numa e noutra dessas manifestações da sua arte, é a mesma de sempre: a maior entre as maiores. Embora tudo fossem bellezas, não se pode deixar de destacar a famosa scena e aria — E *strano!... é strano!...* e a celebre romança — *Addio del passato*, nas quaes não se sabe que mais applaudir: se a actriz, se a cantora, que ambas attingiram a cimos inaccessiveis de arte.

Alessandro Ziliani tem bella voz e bello physico para encarnar Alfredo Germont. Se a sua parciaria não fosse a genial soprano, teria brilhado mais do que brilhou. Mas ainda assim é de louvar-se, especialmente a romança — *De miei bollenti spiriti* e o duo entre Alfredo e Violeta — *Parigi ó cara noi lasciaremo*.

Victor Damiani viveu com bôa arte e bôa voz, voz notavel, a figura do pae de Alfredo. Na scena e duetto do 2º acto entre Jorge Germont e Violeta — onde Claudia Muzio ostentou maravilhas de arte lyrico-dramatica, vivendo os pungentes e empolgantes numeros — *Non sapete quale affetto* e *Ditte alla giovane, si bella e pura* — o grande barytono foi digno parceiro da grande soprano, vivendo tambem com forte poder emotivo o numero — *Pura siccome un angelo*. E foi dos mais notaveis interpretes da celebre romança — *Di Provenza il mare*.

Todos os interpretes das personagens secundarias concorreram para a belleza do conjuncto. Bons côros. Bellas danças. Foram estas abrilhantadas pela presença da insigne mestra Maria Olenewa.

Como sempre admiravel e admirada a orchestra de Marinuzzi. O grande regente mais uma vez deu valores novos á velha partitura. Excepcional a execução do *Preludio* da op. e a do interludio que precede o 4º acto.

Applaudidos com calor os principaes artistas, quiz o publico saudar sózinha a Claudia Muzio no fim do espectaculo. Mas em vão, ainda na decima apparição surgiu a incomparavel actriz-cantora ao lado do tenor Ziliani.

O «Bando da Lua», formado de alguns dos nossos mais apreciados artistas do radio, dará, no proximo dia 5 de setembro, o seu primeiro recital.... para ouvir o ruido dos applausos que não chegavam aos studios.

LOHENGRIN — Em 6ª récita de assignatura foi levada á scena, na noite de 19 de agosto, a opera de Ricardo Wagner — *Lohengrin* — estreada em Weimar, a 28 de agosto de 1850, sob a regencia do grande compositor e do maior pianista de todos os tempos — Franz Liszt. Deve ter sido a representação actual da ordem de algumas dezenas de milhar, pois se sabe que só na Allemanha, no decennio de 1901-1910 foi representada 3458 vezes!

Sem ser das mais caracteristicas producções do genio de Wagner, das que o definem integralmente como o representante maximo da opera symphonica, *Lohengrin* é uma das mais bellas e originaes creações do mestre de Beyreuth. Ouvindo-a, sente-se toda a verdade destas, que fazemos nossas, palavras de Eduardo Schuré, o admi-

(*Conclúe na pag. seguinte*)

A esposa do ladrão (a este, que sáe para o "trabalho"). — E não te demores tanto como da ultima vez, que só me appareceste aqui quatro annos depois...

rador enthusiasta e ao mesmo tempo critico judicioso da obra wagneriana: "Embora, a nosso vêr, R. Wagner só tenha chegado com *Tristão e Isolda* ao seu mais alto poder de expressão dramatica, pode considerar-se *Lohengrin*, como a sua obra-prima, sob certos aspectos: pela belleza transcendente do assumpto e pelo encanto melodico do conjuncto. Ha mais paixão em *Tristão*, mais riqueza nos *Mestres Cantores*, uma grandeza mais estranha nos *Niebelungen*, mas nenhuma das suas obras attinge a *Lohengrin* pela elevação do sentimento e a pureza das linhas. Deixa-nos n'alma uma harmonia superior. E' nella tão perfeita a unidade de concepção e de estylo, que se pergunta se as palavras foram feitas para a musica, ou a musica para as palavras; dir-se-ia que no mais alto grão da expressão poetica a palavra toda vibrante de alma e de paixão se faz ella propria melodia. Torna-se o canto como a versificação da tragedia; longe de obstar a marcha da acção, mais a destaca.... Quanto á orchestração, nota-se a divisão muito nitida que faz o compositor, da orchestra em tres grupos differentes: o dos instrumentos de cordas, dos instrumentos de sopro e dos metaes... Quanto aos motivos dominantes, que representam já um papel capital em *Tannhauser*, são ainda mais significativos em *Lohengrin*. Constituem a unidade do trama musical.... Os mais importantes desses motivos representam e vivificam as grandes potencias moraes as paixões dos personagens, o sentimento fundamental da sua alma, donde lhes decorre por assim dizer, o caracter, a conducta e a vida inteira... Graças ao tecido desses motivos, surprehendem-se os impulsos secretos do coração antes que a palavra os confirme."

Todos esses caracteres de *Lohengrin* manifestaram-se exuberantemente na edição que acaba de nos dar a Companhia Lyrica do Theatro Municipal.

Gino Marinuzzi, mantendo sempre a maravilhosa unidade da orchestra, imprimiu á representação excepcional valor. Foi de inexcedivel poder emotivo a execução da *Protophonia*. Concentrando o espirito, não se ouvia só o canto dos anjos: via-se a phalange de cherubins descendo do céo, conduzindo a taça mystica, o Graal Sagrado.

Dina Teresa, uma expressão da belleza da mulher lusitana, a interprete maravilhosa do film «A Severa», está no Rio. Os seus olhos doces, o seu typo de «majá» do fado estão enchendo de enthusiasmo os seus compatriotas e conquistando a alma do Brasil com a dolencia do fado, de que ella é a propria alma.

Beniamino Gigli cantou e representou como nos seus melhores dias. Tudo foram primores. Mas é de assignalar-se o que mais empolgou: o Adeus ao Cysne — *Mercé, mercé Cigno gentil*, e a Narrativa de Lohengrin — *Da voi lontan, in sconosciuta terra*.

Gilda Dalla Rizza encarnou com bôa voz e melhor arte a personagem de Elsa de Brabante. Brilhou sobretudo na ballada de Elsa —*Aurette, a cui si spesso* e no duetto de Elsa com Lohengrin — *Cessaro i canti alfin!*...

Ebe Stignani teve triumphal estréa na caracterização de Ortrudes, inimiga e rival de Elsa. A sua vóz fresca, de timbre avelludado e quente, encheu a sala de impressões de belleza. No grande duetto de Elsa com Ortrudes — *Si ben sciagurata* pairou num plano só attingivel por grandes artistas. Ovacionou-a com enthusiasmo a sala inteira.

Vittor Damiani foi digno parceiro de Ebe Stignani, encarnando a figura de Telramundo, marido de Ortrudes. Ao lado da notavel meio-soprano, a sua voz de invulgar barytono ecoou pela scena com toda a sinistra belleza do duetto — *Donna infernal*.

Os côros, se são susceptiveis de alguns reparos, estes desappareceram no esplendor que ostentaram no 1º acto.

Scenarios e indumentaria sempre bellos e apropriados.

A sala regorgitava. Nenhum logar vazio. A lotação estava visivelmente excedida.

Terminou o espectaculo, apesar dos cortes naturaes, muito tarde, depois de uma hora da madrugada.

Mas foi uma grande e bella noite de arte.

Oscar d'Alva

Ella — Alguma coisa deve ter acontecido, pois o panno não sóbe.
Elle.—Como?! Ah! Não havia ainda reparado...

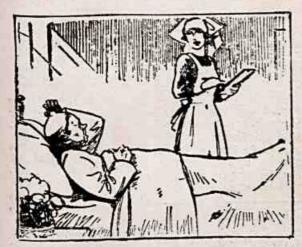
CATASTROPHE

Com que immenso pesar eu te contemplo agora!
onde o riso infantil que os olhos teus devassos
derramavam na vida, enfeitando os espaços,
no doce carnaval, ephemero de outr'ora!

Tudo quasi morreu! Só minh'alma, deplora
no pelago da dor, a amargura nos braços.
E, na magua brutal dos maximos cansaços,
um frio de morte atroz, géla os sonhos de outr'ora

O culpado fui eu de sonhar o Impossivel!
de querer sublimar na alma simples, sensivel,
meu animo leviano... Os inuteis esforços!

E ficaste a soffrer. Sei que me amas; no emtanto,
não sabes que eu tambem, no silencio do pranto,
soffro a angustia cruel do maior dos remorços!

BENJAMIN SABAT

O doente (no dia seguinte ao da operação). — Que significa esse "galo" na minha cabeça?
A enfermeira. — Nada de grave, senhor... Imagine que, á ultima hora, nos faltou chloroformio...

O CASEBRE RÚTILO

Este mocambo illustre que hoje habito
é um casebre rural todo de palha
onde um infeliz homem que trabalha
tem coisas de um philosopho esquisito.

Esta é a ermitagem do ultimo canalha
ou acaso é o pouso do ultimo proscripto?
Não, é o ninho de um passaro infinito
que ás infinitas azas se agasalha...

Meu mocambo preclaro! Que dirias
si soubesses que o poeta Esdras-Farias
móra aqui por não ter em que morar?

Felicidade, que Deus dá aos poetas,
só tu, á sombra destas palhas quietas,
me dás ainda o direito de sonhar!

ESDRAS-FARIAS

MÊDO

O agrimensor Gleb Bavrilovitch Smirnov chega á estação de Gniluchki. Uns treze kilometros o separam da fazenda para onde se dirige. Isto admittindo que o cocheiro não esteja bebedo e que os cavallos não sejam uns rocinantes, caso em que o trajecto equivaleria a 5 kilometros.

— Faça-me o favor de me dizer onde poderei alugar um carro — dirige-se o agrimensor a um policia.

— Um carro? Por cem leguas de redondeza o senhor não encontrará coisa parecida com um carro.... Mas, onde vae?

— A Defkino, a fazenda do general Khokhotov.

— Aconselho-o a que se dirija á hospedaria que ha atraz da estação; ahi param, ás vezes, os camponezes com os seus carros. Arranje com que um delles o conduza — disse, bocejando, o guarda. O agrimensor suspira e se dirige lentamente para a estalagem. Depois de muitas averiguações, duvidas e conversas, logra pôr-se de accordo com um carroceiro enorme, de cara enfarruscada e picado de bexigas, coberto por um capote esfarrapado.

— Que estupendo carro é o teu! O proprio diabo não saberia dizer qual é a parte da frente e qual a de traz — exclamou o agrimensor encarapitando-se no vehiculo.

— Isso não é muito difficil de saber. Onde está o rabo do cavallo é a parte de deante e onde vossa senhoria se senta é a parte de detraz.

O cavallo é moço, porém fraco, de pernas torcidas e orelhas immensas. A' primeira chicotada, o animal meneia a cabeça sem mexer-se do logar; á segunda, dá um empurrão no carro; á terceira, dá uma sacudidella e só á quarta se põe em movimento.

— Tremos neste passo por todo o caminho? — perguntou o agrimensor, tonteado pelos remexidos e rangimento do carro e assombrado por ver como se harmonizava o passo de tartaruga do animal com aquelle vae-vem atroz.

— Chegaremos.... Não se preoccupe.... O bichinho é moço e vivo.... Dê-lhe tempo para esticar as pernas e verá logo que não haverá geito de fazel-o parar.... Arre, maldito, arre!

Quando o carro sáe da estação é quasi noite. A' direita, estende-se uma planicie gelada, sem fim. No ponto do horizonte onde se junta com o céo vê-se uma faixa luminosa, indicando o poente. A' esquerda da estrada, destacam-se uns montes pardos sem que seja possivel distinguir si são montes de feno ou cabanas de uma aldeia. O que ha por deante do agrimensor não se vê, porque o impedem as amplas costas do carroceiro. Faz um frio glacial.

— Que deserto! — pensa o agrimensor, procurando cobrir as orelhas com a gola do capotão — Bom logar para bandidos! Aqui se póde matar qualquer pessôa, sem que ninguem saiba. Não havia reparado nisso sinão agora; e o carroceiro tem traços bem suspeitos. Que hombros, que musculos! Com um sôco é capaz de deixar um homem estendido. Que cara de brutamontes!

— Ouve, amigo! Como te chamas? — diz ao seu automedonte.

— Quem, eu? Klim.

— Pois dize-me, Klim: os caminhos por aqui são seguros?

— Graças a Deus nunca ha nada.

— Muito bem. Alegro-me em saber que não ha bandidos. Pelo sim pelo não, trago commigo tres revolvers. (O agrimensor mentia). Já sabes que com revolver não se brinca. Sou capaz de fazer frente a dez bandidos. Escurece completamente. O carro, guinchando e dando pinotes, torce para a esquerda.

— Aonde me leva? Seguiamos á direita e, de repente, tornamos para a esquerda. Não vá elle me metter em alguma emboscada — reflectia o agrimensor. E depois, em voz alta:

— Ouve, Klim! De modo que aqui não ha perigo algum. E' pena. Gosto de lutar com sal-

CANTIGAS SEM METRO

Tem a tua voz doze encantos,
O teu olhar tem dezeseis.
Crês que poderás ser de um poeta,
Si nasceste pra ser dos reis?...

Pisas de modo tão delicado
E pões no andar tanto carinho...
Que eu vejo e ouço teus passos
Quando em meu quarto sózinho...

Anton Tchekhov

teadores. Não faças caso do meu aspecto doentio e débil; sou forte como um touro. Uma vez, me atacaram tres bandidos. Sabes o que fiz? No primeiro dei um sôco que o deixei morto; os outros dois agarrei e os fiz ir parar no presidio...

Kim vira a cara, olha para o agrimensor e começa a fustigar o cavallo.

— E' como te digo, amigo. Não tenho inveja de quem se mette commigo. Não só o deixo sem braços e sem pernas mas ainda o mando para o presidio. Todos os juizes e todos os chefes de policia são meus amigos. Aqui onde me vês sou pessôa importante. Quando viajo, a policia está alerta para que não me aconteça alguma coisa de mal. Em cada mattagal ha um guarda vigiando... Pára! Pára! Aonde me levas?

— Não está vendo? E' um bosque.

— Com effeito é um bosque — pensa o agrimensor. Que susto me deu! Mas preciso dissimular a minha agitação. Penso que elle notou o meu espanto. Por que se volve tanto para me olhar? Estará preparando algum golpe? Ha pouco o seu cavallo quasi não se movia e agora vae a galope. — Ouve, Klim! Por que fazes correr tanto o teu cavallo?

— Eu não o faço correr. E' que, quando começa, nada o detém.

— Estás mentindo, miseravel! Noto que mentes. Fazes mal em mentir. Detém o cavallo. Ouve-me. Pára-o.

— Para quê?

— Porque espero quatro camaradas no caminho. Promettteram-me encontrar-se commigo no bosque... Quando estivermos juntos, a viagem será mais alegre... São rapagões de truz... Cada um com o seu revólver... Por que te viras para mim? Que se passa comtigo? Nada tenho de extraordinario para que me olhes assim... Tenho apenas o revólver... Quer que te ensine a usal-o? Vou tiral-o do bolso, si quizeres.

O agrimensor faz menção de procurar algo nos seus bolsos, mas ao mesmo tempo Klim salta do carro, e, correndo de gatas, vae esconder-se pelo bosque...

— Soccorro! Soccorro! — grita, desesperadamente. Leva, maldito, o cavallo e o carro. Leva-os para onde quizeres, mas não me mates! Soccorro!...

O rumor dos seus passos se perde ao longe e tudo cáe em silencio. O agrimensor, mudo de assombro, detem o cavallo, senta-se mais commodamente e entrega-se ás suas reflexões.

— Fugiu, o bobo... Assustei-o. Como vou agora me arranjar sem elle? Eu não conheço o caminho. Será capaz de propalar que roubei o cavallo... Klim! Klim!

— Klim!... responde o éco. A lembrança de ter que pernoitar no bosque escuro, ouvindo o uivar dos lobos, causa-lhe terriveis arrepios.

— Klim! Meu filho! Klimzinho! Onde estás — grita, com todas as forças dos pulmões.

Depois de chamar horas seguidas, o agrimensor fica rouco. Por fim, pensa ouvir debil gemido.

— Klim! E's tu, filhinho? Vem cá!

— Não me matarás?

— Tudo era brincadeira! Vem cá rapaz! Deus é testemunha de que eu só quiz brincar. Nem mesmo tenho revólver. Eu o dizia pelo médo que tinha. Supplico-te, vamos daqui; estou gelado.

Klim julga que um verdadeiro bandido já se teria ido ha tempos com o cavallo e com o carro. Sáe indeciso do bosque e approxima-se do passageiro.

— De que tens médo, pateta? O que eu te dizia era para rir, e ficaste com médo. Sóbe e vamos embora.

— Que Deus lhe pague, senhor! — murmurou Klim subindo para o carro. Si soubesse prevêr o que me aconteceu nem por cem rublos o levaria...

Klim dá uma chicotada no cavallo e o carro range. Dá uma segunda, uma terceira, e depois da quarta o animal arranca. O agrimensor sobre as orelhas com a golla do capotão e se tranquilliza. Já não tem médo nem de Klim nem da estrada...

Com alegria e bôa vontade
Construirei o meu ninho
Si tu quizeres forral-o
Com o velludo do teu carinho...

Do teu olhar fiz uma luz,
Da tua voz uma canção;
Dos teus labios fiz um cofre
Para guardar meu coração...

MAURO DE ANDRADE

(Do livro em preparo: "Trovas").

Guia Scientifico de "Fon Fon"

Dr. PEDRO DA CUNHA — Clinica geral. Rosário, 129 - 3.º Diariamente, depois de 4 horas.

Dr. JOAQUIM DE BRITO — Docente Livre de Clinica Cirúrgica da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Cirurgião da Ass. Publica. Rua Chile, 13 - 1.º, diariamente, ás 3 horas. Tel. 2 - 5757.

Dr. CARVALHO CARDOSO — Molestias internas, Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Dr. RENATO DE SOUZA LOPES — Da Faculdade de Medicina. Doenças do apparelho digestivo e nervosas. Raios X. Rua São José, 39 - De 3 ás 6.

Dr. MARIO C. D'ALMEIDA FILHO — Da Faculdade de Medicina (Serviço do Prof. Brandão Filho). Cirurgia Geral. Vias Urinarias. Anestisias pelo Protoxido de Azoto. Tratamento das nevralgias (facial, sciatica, etc.). Rua Rodrigo Silva, 30 - 4.º Tel. 2 - 8198.

Dr. MARIO KROEFF — Livre docente de Clinica Cirurgica da Faculdade. Pratica nos Hospitaes da Europa. Operações em geral. Vias Urinarias. R. Uruguayana, 104. De 3 ás 7, diariamente. Tel. 3 - 4316.

Dr. JULIO C. FERREIRA — Dentista pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rua da Quitanda, 3 - 2.º andar. Telephone 2 - 8163.

Dr. OSCAR CLARK — Exames medicos completos, exames periodicos de saúde, diagnosticos e tratamento. Rua Republica do Perú, 36. Das 9 ás 12 e das 16 em deante.

Dr. MARIO PONTES DE MIRANDA — Ex-interno do Serviço de DOENÇAS DA NUTRIÇÃO do Hospital Mont-Sinai de New York. Trat. moderno da Asma, Diabete, Obesidade, Enxaquecas, Eczemas, Correcção Dietetica das doenças do Estomago, Figado e Intestinos. Rua do Passeio, 70.

Dr. EURICO SAMPAIO — Clinica medica e moléstias mentaes. Rua 7 de Setembro, 141 - 2.º 2as., 4as. e 6as., ás 2 horas. Tel. 2 - 4312.

Dr. SALVIO MENDONÇA — Esp. nos Hosp. de Berlim e Vienna (serviço dos profs. R. Ehrmann, H. Elsner, Max Rosenberg e Zweig). App. digestivo e Nutrição, Diabete, Gotta, Obesidade e magreza. Travessa do Ouvidor, 36-11.º Tel. 3-4310 das 3 ás 6 horas.

Dr. MIGUEL DIBO — Clinica Medica. Doenças da nutricção. De 17 horas em deante. Largo da Carioca, 15 - 1.º

Dr. MARINO MACHADO — Medico dos Hospitaes da Santa Casa: Pulmão, Coração e Rins, das 13 ás 18 hs. Uruguayana, 24 - 4.º Tel. 2 - 1348.

Dr. R. DUQUE DE ESTRADA — director do serviço de Raios X da Faculd. de Medicina e Santa Casa.

Dr. ARNALDO CAMPELLO — chefe do serviço de radiologia do Hosp. S. Franc. de Assis.

RADIOLOGIA MEDICA

Diagnostico 2-3496) Rua da
Tratamento 2-3735) Quitanda, 17-1.º

Prof. CASTRO ARAUJO — CIRURGIA GERAL. Rosário, 129 - 3.º Diariamente, depois das 5 hs.

Dr. CONDEIXA FILHO — Ex-assistente do Prof. Papin (Paris). Trata pelos methodos mais modernos as affecções dos Rins, Bexiga, Próstata, Testiculos e Urethra. Diathermia - Ozonotherapia - Fulguração. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2 - 2474. Diariamente, das 2 ás 6 hs.

Dr. ADAUTO BOTELHO — Doenças nervosas e mentaes. Electrotherapia e electro-diagnostico. Edificio Odeon 5.º andar, sala 513 / 514. Praça Floriano, ás 3 horas.

Drs. SAMUEL PRADO e SAUL CARNEIRO — Pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Doenças da nutrição, obesidade, diabete, gotta e apparelho digestivo. Largo da Carioca, 15 - 1.º Diariamente, de 2 ás 5 horas.

Dr. ALBERTO COUTINHO — Livre Docente de Clinica Cirurgica. Assist. do prof. Brandão Filho e da F. de Medicina. Cirurgia Geral. R. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Das 3 ás 7. Tel. 2 - 8198.

Dr. COSTA PEREIRA — Ouvidos, nariz e garganta. Rua da Assembléa, 73 - 4.º Diariamente, ás 4 e meia. Tel. 2 - 6313.

Dr. MURILLO FONTES — Cirurgia em Geral. Moléstias das Senhoras, ma'es das Vias Urinarias. Tratamento pela Diathermia. Rua do Carmo, 65 - 3.º andar. Tel. 4 - 0806.

Dr. JOÃO HONORIO — Clinicas Odontologica e estomatologica. Diariamente. Edificio Odeon, sala 608. Tel. 2 - 1786.

Dr. A. MARTORELLI — Cirurgião Dentista da Associação dos Empregados no Commercio. São José, 106 - 3.º Tel. 2 - 7070. Consultas Diarias.

Dr. NEVES MANTA — Doenças Nervosas e Mentaes. Rodrigo Silva, 30 - 1.º andar.

Dr. C. XAVIER LOPES — Cirurgia. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Diariamente, de 4 ás 6. Tel. 2 - 8198.

Dr. MILTON DE CARVALHO — Ouvidos, Nariz e Gerganta. São José, 84 - 4.º andar.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. ALVARO MOUTINHO — Doenças dos rins, bexiga, prostata, etc. Cura rapida sem dôr da Gonorrhéa aguda ou chronica e suas complicações no homem e na mulher, prostatites, cistites, orchites, inflammações do utero, ovários, etc. Tratamento pela electricidade. Diathermia. D'Arsonvalização. Ozonothermia. Estreitamento da Urethra. Impotencia. Rua Buenos Aires, 77 - 1.º 10 ás 18 horas.

Dr. RAUL PACHECO — Parteiro e gynecologista — Operações: tratamento dos tumores do ventre e seios, hérnias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Dr. RAPHAEL PARDELLAS — Serviço de Cardiologia, doenças pulmonares e pneumotorax. De 14 horas em deante. Rua Republica do Perú, 74. Tel. 2 - 0446.

Dr. JACINTHO CAMPOS — Raios X. Physiotherapia. Rua 7 de Setembro, 135 - 3.º Tel. 2 - 0598.

Dr. ABREU FIALHO FILHO — Livre docente da Faculdade de Medicina. Doenças e operações dos olhos. Ourives, 7 - 3.º Clinica particular para internação de operados, á rua das Laranjeiras, 72.

Dr. ADAUTO DE REZENDE — Doenças das crianças. Largo da Carioca, 15 - 1.º 2as., 4as. e 6as., das 14 ás 16 horas. Tel. 2 - 6950. Res. 2 - 9850.

Dr. RODOLPHO JOSETTI — Ex-Assistente dos Hospitaes de Berlim e Rio de Janeiro. Cirurgia abdominal e thoraxica. Vias biliares e urinarias. Appendicites — hérnias, tumores, etc. Rua 13 de Maio, 44, diariamente, das 16 ás 19, excepto aos sabbados. Tel. 2 - 1000.

Dr. JOSÉ DE ALBUQUERQUE — Clinica Andrologica (Doenças sexuaes do homem). Rua 7 de Setembro, 207 - 1.º Diariamente, de 1 ás 6 da tarde.

Dr. PLINIO SENNA — Exames bucco-dentario para complemento do diagnostico medico. Raios X, infra-vermelho, azues, ultra-violeta, diathermia. R. Ouvidor, 162 - 2.º Tel. 2 - 1659.

Dr. A. CALMON D'OLIVEIRA — Hemorroidas, varizes, ulceras varicosas, vias urinarias. Av. Rio Branco, 177 - 1.º Diariamente, ás 4 horas.

Dr. MAURICIO DE MEDEIROS — Nervosos. Psychoterapia. Hypnotismo. Consultas na residencia com hora previamente marcada 2as., 4as. e 6as. 15 horas em deante. Rua Urbano Santos, 44, Urca. Tel. 6 - 1275.

Dr. WALDEMAR SAMPAIO — Cirurgia e clinica odontologicas. Alcindo Guanabara, 15 - 7.º, das 9 ás 5 e meia, diariamente. Tel. 2 - 4308.

Drs. M. C. DE GÓES MONTEIRO e RENATO DE SALLES PUPO — Com pratica nos hospitaes Vare-Oiroee, Cochin e Saint Joseph, de Paris. Vias urinarias - moléstias venereas - Doenças das senhoras - operações - electro-coagulação das hemorrhoidas. Av. Rio Branco, 183-5.º and.

Dr. MIGUEL PAROLO — Moléstias do apparelho genito-urinario. Rua da Quitanda, 17 - 5.º Diariamente, das 3 ás 6. Tel. 2-0966.

Dr. JORGE FRANCO — Cura radicalmente a blenorrhagia no homem e na mulher, aguda ou chronica, em 10 injecções hypodermicas, indolores e sem reacção de especie alguma. Tratamento radical da prostatite, orchite, impotencia em moço, ovarite, metrite, esterilidade, etc. Consultas gratis. Assembléa, 67, das 2 ás 4. hs. Tels. 2 - 3112 e 5 - 3984.

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 34

Rio de Janeiro, 26 de Agosto de 1933

Director: SERGIO SILVA

INQUIETAÇÃO

"FAZE tua vida como quem realiza uma obra de arte". Releio e medito este conceito d'annunziano de exaltação espiritual da vida. Da vida condicionada pelo dynamismo creador da intelligencia, para ser vivida e realizada como expressão de belleza, num continuo e silencioso trabalho de concepção artistica.

Valerá, porém, a vida em si mesma esse esforço continuado da intelligencia humana a procurar, inquieta e afflicta, enquadral-a e objectival-a nas manifestações superiores de uma idealidade artistica que se lhe busque imprimir?

Corcovado. Altura. Vertigem. Enorme, cyclopico, Christo-Redemptor, de grandes braços abertos, parece apiedar-se de mim, da minha inquietação interior. E a estatua branca, granitica, formidavel, espiritualiza-se cada vez mais deante de meus olhos que a fitam insistentemente. E commove-se, sinto que se commove o enorme bloco de cimento armado, aureolado de sol.

Lá fóra, lá em baixo, a cidade maravilhosa parece espreguiçar-se dentro da luz esplendente da manhã azul e fresca.

Num bocejo sadio de natureza em festa as coisas parecem tambem animar-se e viver pela alegria de viver, pela simples *joie de vivre*.

Deus. Natureza. Homem...
Vida. Inquietação. Duvida...
Por que?

— "Porque não sabes viver. Por que não soubeste dar á tua vida um sentido, uma expressão dentro da propria vida e não fóra das suas contingencias..."

Volto-me surprezo para a grande estatua branca, de longos braços abertos, num gesto de quem abençôa e conforta tudo que, a seus pés, é pequenino demais.

Mas o collosso de cimento armado, impassivel, apenas me dá a impressão de que está a rir de mim mesmo, da minha inquieta attitude deante da vida.

De novo meus olhos cheios de belleza derramam-se sobre a "Cidade-mulher" que o sol quente cobre de caricia e o céo azul namora commovido e o mar verde beija ardente e soffregamente.

A vida! Como parece bella e bôa a vida!

Por que, porém, nem minha alma nem meu coração vibram e palpitam nesta festa de esplendor e de belleza?

— "Porque não soubeste viver, porque não soubeste realizar a tua vida, numa continua exaltação de idealidade e de amôr!"

Idealidade? Amôr?

Se já não ha idealidade, se já não ha amôr... Se tudo, na vida, vae tomando a feição concreta dos enormes blocos de cimento armado com que a civilização e o progresso vêm marcando a obra de destruição de toda sementeira de illusão, mutilando a essencia mesma da propria "humanidade" do homem...

De novo volto-me para a figura dominadora e impassivel do Christo-Redemptor. E fallo-lhe:

— Senhor, será que, na vida, já nem se poderá amar, nem ser feliz?

E, desta vez, senti que o collosso granitico se animava, se commovia e fallava-me:

— Sim.

— Como?

— Renunciando.

— Renunciando?

— Sim. Porque toda felicidade na terra só se obtem renunciando completamente ao que vocês os homens entendem por felicidade.

— E não é, então, a verdadeira felicidade a que nós todos ansiosamente perseguimos?

— Não. E' a illusão da felicidade.

Calou-se a estatua branca, que o sol mais e mais illuminava.

Calei-me tambem eu. E pensei e meditei, para acabar dizendo com os meus botões:

— A vida é uma marcha batida para o Desconhecido. Uma corrida de obstaculos, cheia de imprevistos, na pista infinita do Destino...

O bondesinho desce, repleto, devolvendo á cidade a carga humana que se fôra deslumbrar no Corcovado.

Conversa-se. Trocam-se impressões. Uma alegria de creança sadia e feliz espelha-se nas pupillas côr de céo de uma ingleza muito comprida, magriça e irrequieta. Sinto-me, tambem, vibrar, e, já reconciliado com a vida, digo de mim para mim:

— Sim. A vida é bôa e é bella. Nós os homens, porem, é que não sabemos vivel-a, amando-a e admirando-a sempre...

ELCIAS LOPES

A VIAGEM DO DR. GETULIO VARGAS AO NORTE DO PAIZ

O chefe do governo, dr. Getulio Vargas, acompanhado de numerosa comitiva, na qual figuram os ministros da Viação e da Agricultura, dr. José Americo de Almeida e major Juarez Tavora, e o general Góes Monteiro, seguiu terça-feira ultima, a bordo do «Almirante Jaceguay», em excursão pelo norte do paiz. S. ex.r, desobrigando-se de velho compromisso assumido ainda no inicio de seu governo, vae, agora, conhecer «de visu» as necessidades e os proble-

rias que mais de perto interessem á economia e ao progresso daquella vasta e esquecida região do septentrião brasileiro. Poderá, assim, auscultar directamente as aspirações das populações nortistas, que, de certo, acolherão de braços abertos o illustre chefe do governo da Republica, cujo expressivo gesto envolve uma homenagem especial ao Brasil-Norte, immenso campo de actividade e de trabalho, capaz de, efficientemente, cooperar para o engrandecimento geral do paiz.

* * *

O embarque do dr. Getulio Vargas e sua comitiva realizou-se na manhã de terça-feira ultima, attrahindo ao cáes do porto elementos destacados do governo, do corpo diplomatico, do Exercito, da Marinha, representantes de todas as classes e grande multidão.

* * *

Nossas gravuras mostram vários flagrantes tomados por occasião da partida do chefe do governo provisorio.

Constituiu um acontecimento social de grande relevo o embarque, para os Estados Unidos, quinta-feira penultima, 17 do corrente, da caravana turistica organizada pelo Touring Club do Brasil, afim de visitar a Exposição Mundial de Chicago e os principaes centros de cultura da grande nação irmã. Nossos «clichês» mostram suggestivos aspectos da partida dos nossos patricios, vendo-se, entre os excursionistas, os srs. Alfredo Ludolf e Benilo Neves, directores do Touring Club. Estiveram presentes, tambem, ao embarque, os drs. Octavio Guinle, presidente, e P. B. de Cerqueira Lima, vice-presidente do Touring Club e superintendente do Departamento de Turismo.

Incorporado á caravana turistica do Touring Club do Brasil, seguiu para os Estados Unidos, a bordo do «American Legion», o illustre radiologista patricio dr. Carlos Osborne, que viajou em companhia de sua exma. esposa. O dr. Carlos Osborne, que se vê na photographia ao lado, já a bordo, juntamente com sua exma. senhora, vae aperfeiçoar, nos meios scientificos norte-americanos, os seus conhecimentos na especialidade que já exerce, ha muitos annos, com a maior competencia e alta dedicação á sciencia.

feira de vaidades

TARDE ELEGANTE

NESTE inverno, só as convenções sociaes imporiam esse adjectivo ás suas tardes maravilhosas. Porque têm sido todas um deslumbramento. E casa-se á festa da natureza o capricho do elemento humano. Até parece que, como todas as molduras, as tardes se têm apresentado assim para resaltar a nossa humanidade. Pelo menos a mim o que, na natureza, admiro mais é a minha especie.... A solidão completa, por exemplo, infunde-me o amor de mim mesmo. E' uma fonte de narcisismo, que só explico pela comprehensão de que a natureza humana sobreleva a tudo... E tudo mais é accessorio

* * *

Nessas tardes de inverno, pois, saio a ver o valor humano. A bahia... E' tão linda.... Mas eu páro o olhar precisamente num yacht, onde desenvoltos *maillots* femininos me convidam a amar a vida, a glorificar a vida!

No bulicio da cidade, não me interessam as novidades solennes dos arranha-céos. Mas descubro o rosto moreno da garota, que sorri ao sol, do alto balcão do seu apartamento.

E corro assim á procura de mim mesmo, como um Ahsverus de nova encarnação.

* * *

Mas, voltando á tarde e ás convenções: sabbado é o dia eleito. Dia de elegancia ambulatoria. (O adjectivo é deselegante?) Quero ser fiel á reportagem. Foi na Avenida, nas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, na Cinelandia, que, na tarde do ultimo sabbado, minha Kodak apanhou alguns instantaneos dá elegancia carioca: senhora Marques Couto, senhora Miranda Jordão, senhora Juvenal Martinho Nobre, senhora Azurem Furtado, senhora Carneiro de Mendonça, senhora Gabriel Bernardes, senhora e senhorita Eurico Souza Leão, senhora Julieta Telles de Menezes, senhora Daniel de Carvalho, sra. Toscano Spinola, senhora Ranulpho Bocayuva Cunha, senhora C. Veiga Lima, senhora Arminda Rangel, senhora e srta. Alencar Piedade, senhora Loureiro Sobrinho, senhora Nelson Pinto, senhorita Arlindo Leoni, senhora Rodrigo Octavio Filho, senhora Chagas Doria, senhora Leonel Gonzaga, senhora Brito e Cunha, senhora Hermani de Irajá.

O. K.

O apperitivo elegante do Rio vae ser tomado no verão no O. K., onde já se reune uma sociedade finissima. Domingo, a manhã nasceu esportiva. E pelas 11 horas, era uma apotheose.

Quando cheguei a Copacabana, a Avenida Atlantica estava, como num dia de festa. Os carros luxuosos succediam-se. Ao cruzar a Avenida, vi o sr. Octavio Guinle e familia em elegantissima *limousine*. Numa barata *up to date*, a senhorita Julio Prestes; a senhora Gentil Filho demandava o posto 6, no seu bello automovel.

Achei-me, de prompto, no passeio do O. K., onde o sorriso illuminado de Conceição Adelmar Tavares, se casava á elegancia e á intelligencia de Nair Werneck Dickens.

Um dedo de prosa amavel. E uma saudade, que ficou annuviando os olhos: Hermes Fontes, tão nosso amigo!

* * *

Salas repletas. As *terrasses* cheias. Um feliz acaso vae aproximando os amigos nesses logares elegantes.

— Então, por aqui tambem?

— Pelo mesmo motivo...

— ?...

— A belleza e a distincção destes maravilhosos cantinhos do Rio...

* * *

Não ha um logar vazio. A elegante senhora Bertha Pinto de Moraes exalta Copacabana aos ouvidos da sua amiguinha Ruth Santiago. Adeante, em plena irradiação de mocidade e bom humor, Lourdes Nelson Machado toma um *drink* á americana com a senhora Mario de Castro.

A SENHORA MARDRUS...

QUANDO Lucie Delarue Mardrus regressou á França de sua viagem ás selvas do Brasil, os telegrammas de Paris annunciaram que a poetisa estava deslumbrada comnosco. As primeiras impressões reveladas á curiosidade dos repórteres, que viam chegar inteirinha, á Cidade Luz, uma senhora itinerante pelos domínios dos tupiniquins, lisonjearam a nossa vaidade. A poetisa era benevola. Exprimia sentimentos amaveis. Foi isso pelo menos o que os telegrammas disseram. Entretanto, repousada da viagem, no seu gabinete de estudo, a senhora Mardrus entrou a examinar o nosso pobre paiz e resolveu mudar de opinião. E' sabido que o gosto parisiense pelos exotismos reveste fórmas alarmantes. Haja vista o que fizeram com a Josephina Baker... Para garantir, pois, o êxito das suas impressões "brésiliennes", a poetisa escreveu um conto sobre a nossa capital. Um conto, sim. Imaginoso, literário. Uma obra-prima de invenção. E descobriu que havia nos arredores do Rio vestigios dos pelles vermelhas. (?) E que as cobras se enroscavam nos pneus do seu automovel... E que ella escapou de ser tragada por immensas folhas carnivoras, que aqui existem e de que lhe deu noticia um illustre diplomata, acreditado junto ao nosso governo...

*

E eu que, ás primeiras noticias da sra. Madrus, escrevi, aqui mesmo, um louvor derramado á poetisa? Peço desculpas aos irmãos tupiniquins...

Luciano

O SALÃO

O reporter desta secção não é critico de arte. Seguirá, portanto, á risca o conselho de Apelles. Não irá adeante do registro puramente social... E foi com esse proposito que esteve varias vezes no Salão de Bellas Artes, em horas differentes.

* * *

O Salão (sempre ouço dizrem: *Salon!*) tem sido pouco visitado. Por que? Porque ainda não se fez no Rio uma ambiencia de arte, que provoque a curiosidade do publico. Vão á Escola de Bellas Artes as mesmas pessôas de todos os annos, isto é, aquellas que iriam com o noticiario da exposição, ou sem elle... No entretanto, a publicidade em torno do Salão é indispensavel para attrahir os indifferentes e apathicos. Póde ser que assim um dia augmente o amor das artes, como já augmentou a feira das vaidades...

* * *

Os visitantes mais assiduos são os proprios expositores. Fóra delles, salientam-se as rodas literarias. E os estudantes. E algumas senhoras, que alliam á sua elegancia de roupas essa estranha elegancia de espirito, que é tão rara e tão fina...

Pequenos grupos femininos. Aqui a senhora Haydée Santiago, a senhora Sarah Figueiredo; adeante a escriptora Ernesta von Weber, as poetisas Diva Jabor e Ida Uchôa; acolá Marina Padua, Henriqueta Lisbôa, Laura La Rocque Rodrigues, Eros Volusia. Artistas, que fraternizam com os outros, que sentem com elles a ansia de corporizar e dar nome á belleza.

Noutros grupos, commentando com finura os trabalhos expostos: senhoritas Alice e Fernanda de Araujo Lima, senhora Porto da Silveira, senhora Lucia Lassance Medeiros de Oliveira, senhora Antonietta Lima Camara de Paula Barros, senhoritas Najla e Astyr Jabor, senhoritas Dilze e Elza Motta.

As senhoritas Lia Ferraz Alves e Maria Luiza Santos apreciavam com a senhora F. P. Carneiro da Cunha os trabalhos dos concurrentes ao premio de viagem. E escolhiam as tres illustres visitantes o quadro de suas preferencias. Noutras rodas, os commentarios eram animados e contradictorios.

UMA FESTA INTELLECTUAL

NO salão de honra da Escola Nacional de Bellas Artes, no ultimo sabbado, reuniu-se uma selecta assistencia para assistir á installação solenne da Confederação Internacional do Livro e á posse do seu primeiro presidente, prof. Fernando Magalhães. Foi orador official o dr. Herbert Moses, que proferiu brilhante discurso, tendo o academico Fernando Magalhães pronunciado tambem eloquente oração. Completou a nota de realce da festa o seu exito social, pois, á mesma compareceram os mais destacados elementos do *grand monde* carioca. Ao festejado homem de letras dr. Domingos Magarinos couberam, principalmente, os louros desse exito, pela sua contribuição dedicada á obra cultural de intercambio e propaganda do livro.

NOIVADO

FICARAM noivos a senhorita Luizinha Vital de Castro e o doutor Annibal Nelson Machado, da alta sociedade carioca. Por esse motivo, as distinctas familias Hamilcar Nelson Mchado e Vital Ramos de Castro têm recebido muitos cumprimentos de suas numerosas relações. Os noivos reunem as qualidades de uma aprimorada intelligencia e de uma fina educação.

A' SAHIDA DOS CINEMAS

NOITE estrellada. Mas ninguem via o céo. Por isso, são muito celebradas as noites do sertão. Lá não se tem o que ver — senão o céo mesmo... Aqui, na cidade, céo é palavra, que entra na composição dos themas lyricos.

Eu sou do sertão. Por habito velho, levanto a cabeça para o alto e busco ver mais do que o perfil moderno dos *sky-scrapers*.

Quero ver tambem a immensa abobada celeste... E só ella. Mentira. As estrellas, principalmente, as estrellas.

* * *

Falar em estrellas na Cinelandia é invocar os nomes das artistas. Foi assim que veiu a minha primeira experiencia romantica de sertanejo transplantado, que vive a sonhar com a lua.

— Estrellas?

— Greta Garbo, Clara Bow, Janett Gaynor. E lá se foi o meu primeiro *flirt* da cidade...

* * *

Pensava nestas coisas já passadas, quando vi, sahindo do cinema, um bando de moças bonitas, alegres como pardaes. Tomei nota de algumas: Olga Bergamini de Sá, Lucia Lobo, Ernestina Lobo, Hyldeth Favilla, Astyr, Najla e Diva Jabor, Marina Carvalho, Elsa e Carmen Kastrup, senhoritas Arlinda Leoni, Dora Pedreira, Dina Couto, Lourdes Nelson Machado e Elisa Machado, Elza Pacheco, etc. etc.

DE VICTOR HUGO, PARA O SEU ALBUM

MINHA leitora: Traduzi para você estes pensamentos de um genio, que os escreveu para o seu amor. Publicou-os, ainda inéditos, um acadêmico francez (Louis Barthou), autor desse livro prodigioso, que é "Les amours d'un poete". Veja o lyrismo apaixonado de Hugo, celebrando o amor da sua Juliette Drouet, amor que viveu o sonho de 50 annos.—

* * *

"Quando me fitas, desejaria encher minha alma com os doces pensamentos, que vejo nos teus olhos.

* * *

Tuas caricias me fazem amar a terra; os teus olhares me levam a comprehender o céo.

* * *

Vale mais para mim um sorriso teu do que todos os cânticos. Prefiro o amor á religião. Sabe-me melhor um beijo do que uma prece. Deus só enche a alma; uma mulher enche o coração.

* * *

Se tu pudesses ler no meu espirito, nelle verias que te amo; se pudesses ler na minha alma, verias nella que te amo; se pudesses ler no meu coração, verias que te amo. Para o meu espirito, és encantadora; és celeste para a minha alma e para o meu coração és bôa. Ha em ti uma mulher de quem beijo os pés e um anjo, de quem beijo as azas.

* * *

Se eu escrevesse todos os pensamentos, que guardo no espirito, precisaria volumes; se escrevesse todos os sentimentos, que tenho no coração, bastar-me-ia uma linha: Amo-te!

* * *

Ha duas coisas fascinantes nos teus lindos olhos, quando choras: o olhar de um anjo e as lagrimas de uma mulher.

* * *

A sociedade só te poderia fazer rainha; a natureza te fez deusa.

* * *

Ser odiado pelos máos corações, ser amado por um bom coração — eis a vida completa. Não receies o odio, se tens o amor!

* * *

Crer, esperar, gozar, viver, sonhar, sentir, desejar, sorrir, suspirar, querer, poder, todas essas palavras se resumem numa só palavra: amar. Assim toda claridade do céo, a que provem do sol, a que deriva das estrellas, as luzes da noite, como as do dia, todas se encerram num simples olhar teu.

* * *

Quando sorris, amanhece no meu coração"

LUCIANO

A mais fina sociedade de Nictheroy reuniu-se sabbado ultimo, no palacete do Club Central, á praia do Icarahy, para tomar parte no esplendente baile que aquelle gremio elegante da vizinha capital offereceu por motivo da passagem de mais um anniversario de sua fundação. O Club Central, cuja directoria apparece numa das photographias desta pagina, inaugurou, tambem, na sua grande noite, os novos melhoramentos introduzidos em sua séde, por iniciativa de seu actual presidente, dr. Jorge Abreu.

SABEDORIA

Ha sempre aspectos por onde não convém ser olhado. As mulheres praticam essa regra de conducta melhor que os homens, e escondem, cuidadosamente, aquillo que não podem mostrar com vantagem.

Assim, as que não possuem bonitos dentes riem sómente com os olhos. — Mme. de Rieux.

Na sala das sessões da Santa Casa de Misericórdia realizou-se domingo passado a cerimonia da posse da mesa, administração, mordomias e definitorio para o periodo administrativo de 1933 a 1934. O nosso «clichê» apresenta um grupo dos irmãos eleitos e empossados.

O COMMUNISMO

As coisas bôas do communismo ainda não conseguiram um triumpho completo na Rússia. A victoria sobre a pobreza, a ignorancia e o analphabetismo que haviam herdado do Tzarismo está muito longe de ser tão completa como a milagrosa victoria sobre a contra-revolução fomentada pela Europa capitalista. Mas isso não nos autoriza a assumir ares importantes de superioridade á custa dos russos, quando o proprio paiz da gente padece dos mesmos males, que só se procuram amenizar com um pouco de caridade negligente, em vez de minal-os, atacando as suas causas fundamentaes.

Bernard Shaw

Os estudantes brasileiros que vão a Portugal, em missão de cordialidade universitaria, visitaram, na semana passada, o titular da pasta da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, que, apesar de estar, no momento, em conferencia com o general Góes Monteiro, promptamente recebeu os jovens academicos, em companhia dos quaes, e do inspector do 1.º Grupo de Regiões, «posou» para os photographos.

LA DÉCOUVERTE

Sur l'Océan perfide aux courroux furieux
Vogue du grand Cabral la flotte téméraire.
Et cent jours sont passés! le pilote anxieux
Sur l'immense horizon en vain cherche une terre.

L'équipage apeuré, sourd à toute raison
Déjà tout bas murmure et frémit de colère:
Insister est folie, et même trahison;
Le ciel est offensé; retournons en arrière!

Impassible, affermi dans son noble destin
Le fameux amiral sans répit scrute l'onde.
Mais un jour le cri "Terre" a retenti soudain!
Des brumes du ponant surgit le nouveau monde.

Le soir on jetait l'ancre en un golfe géant.
Et le navigateur, en repliant sa voile,
Où la croix est brodée en écheveaux de sang,
Voyait l'emblème saint reproduit par l'étoile.

24-5-33.

Fernand de Séguier

ILLUST. DE EDGARD

EDGARD

Cada livro novo de Heitor Muniz confirma as suas excepcionaes qualidades de escriptor victorioso, que realiza uma obra de historia e de critica literaria verdadeiramente brilhante. Acaba de apparecer de sua autoria um volume, por todos os titulos, excellente: «Vultos da literatura brasileira». Nessa obra do joven historiador e apurado critico, são estudadas algumas figuras representativas das letras nacionaes já desapparecidas. Heitor Muniz em todas as paginas do seu bello livro comprova o bom gosto literario e o espirito de penetração analytica, que já o tinham recommendado em trabalhos anteriores. Visando, na sua critica deste volume, o pensamento e a obra de escriptores, que já não vivem, o joven e festejado homem de letras procurou imprimir aos seus estudos um caracter eminentemente impessoal, fugindo dest'arte ás presumiveis influencias dos contemporaneos. Como quer que seja, entretanto, Heitor Muniz se mostra sempre um critico atilado e justo, vasando os seus estudos numa fórma cheia de bellezas literarias. «Vultos da literatura brasileira» é, pois, um livro de presença indispensavel em todas as bibliothecas de gosto selecto e caprichoso.

*N*UM angulo de rua...

— E elle continúa a querer-te muito?

— E' louco por mim. Ama-me cada vez mais...

— E tu?

— Eu? Assim, assim... Tolero-o.

— Deve ser horrivel a gente tolerar um homem...

— Nem tanto. Questão de habito.

— Todo dia. Convivendo com elle na mesma casa. Dormindo no mesmo quarto, talvez na mesma cama... Supportal-o assim, sem o amar, somente porque elle é o marido... Qual!

— E teu marido? Não vives tambem com elle a todo instante, a todo momento, sob o mesmo tecto...

— E dormimos juntos, podes accrescentar. Juntos e, muitas vezes, bem agarradinhos um ao outro.

— E, então?

— Mas, meu marido eu o amo!

— Tu o amas? A mim é que dizes isso?

— E por que duvidas?

— Nada.

— Nada? Completa a tua insinuação!

— Desculpa-me, mas tu propria disseste-me que tinhas um outro amor... Lembras-te? Eu ainda era solteira quando me fizeste essa confidencia de amiga...

— Ah! Lembro-me. Aquillo já morreu, tolinha. Hoje tenho coisa muito melhor...

— Outro?

— Ora, que espanto! Deixa de ingenuidades commigo, filha. Pensas, então, que não sei que vives ás voltas com o marido da L., já que apenas toleras o teu? Ou, melhor, o dinheiro delle, o conforto que elle te dá!

— Quererás brigar por isso?

— Eu? Como és creança! Brigar comtigo por causa dos cretinos dos homens! Ora, queridinha, sou e sempre fui tua melhor amiguinha. Desde os tempos do Collegio, hein, sempre tivemos muitas affinidades... Depois, ambas da mesma idade... Differença de mezes, não é? Estou, hoje, com 27...

— 27?

— Duvidas? Não é esta tambem a tua idade?

— O Carlos... Teu marido é que me disse que já andavas perto de 35...

— Elle? Canalha! Com certeza para te ser agradavel. Para te galantear... E para diminuir-me deante de ti, a quem, naturalmente, elle disse parecer uma garotinha de dezoito! Ha tempos venho notando que os dois estão se comprehendendo muito bem, grandissima sonsa!

— Dei-lhe minha idade certa... Juro-te...

— Certa! E's mulher como eu e não continuas a irritar-me, sabes? Já estou por conta!... E não sou sôpa, não! Bem me conheces! Amiga, amiga, e aguento tudo, até o desaforo de andares atraz de v[illegible] marido! Já é ser condescendente... Mais que condescendente, [illegible]rada...

— Sim, meu bem, comprehen[illegible] agora, a maldade do Carlos... [illegible] teu marido. E mesmo quem não está vendo que só poderás ter me[illegible]mo uns 27 annos, se não menos! Está carinho tão fresca!...

— Como a tua tambem. Estás cada vez mais moça e linda...

— Ah! Vê as horas! Quatro. O[illegible]tro e pouco e tenho uma prov[illegible] costureira... Depois o chá... Oh! atrazei-me por tua causa, que[illegible] Mas valeu a pena: vejo-te se[illegible] com tanto prazer!

— E eu tambem a ti, bellezi[illegible]

— Bem. Adeusinho. Beija-m[illegible]

— Adeusinho, minha querid[illegible]

MAX LIN[illegible]

Leão de Vasconcellos acaba de[illegible] consagrado o maior poeta moç[illegible] Brasil. Esse titulo foi-lhe conf[illegible] recentemente em concurso ab[illegible] pela revista «Brasil-Feminino», que é directora a conhecida e[illegible]ptora e poetisa patricia Yveta R[illegible]ro. Assim consagrado, num cert[illegible] literario de larga repercussão e[illegible] que figuraram alguns grandes nó[illegible] da poesia brasileira de hoje, o [illegible]tre poeta de «Canto Novo do Amôr», de «Poemas para Esque[illegible] de «Tatuagens Sentimentaes», [illegible]nas teve reaffirmados, numa p[illegible] publica de merito, o prestigio do[illegible] nome e o encanto e a suggestiva [illegible]leza da sua poesia, da sua arte [illegible]finée», delicada e subtil. E renov[illegible]ra das expressões do nosso lyri[illegible] Porque em «Tatuagens Sentimen[illegible] — evangelho e credo da arte n[illegible] que anima sua poesia — Leão Vasconcellos se apresenta como verdadeiro renovador do lyrismo [illegible]cional, dando-lhe nova alma, n[illegible] rythmos, novos coloridos. E este [illegible]ta moço, de sadia e forte espiri[illegible]lidade, é bem o maior poeta m[illegible] do Brasil.

Muito padece quem ama

OUTRO dia eu sahi de casa ás pressas e tomei um bonde de Pharol. Ao vir o conductor, verifiquei que me esquecêra em casa da bolsinha dos niqueis e que o dinheiro que levava não era de facil trôco.

Recorri ao crédito perante o amavel funccionario da Nordeste até que, chegando á repartição, pudesse mandar solver a minha divida de 200 reis, o que, para inteiro conhecimento publico, declaro que fiz sem a menor demora.

Esse incidente banal, porém, trouxe-me á ribalta da memoria um episodio da minha vida de rapaz, que já estava escondido e empoeirado no porão do cerebro.

Eu tinha, então, meus 17 para 18 annos e já me deixára captivar por um namoro que depois, aos 21, me levou á presença de um juiz e de um padre, ambos austéros e respeitaveis. Tão austeros e respeitaveis que até hoje nunca tive a coragem nem o desejo de me insurgir contra o que de grave e de sentenciador elles me disseram naquelle dia.

Não me era, entretanto, facil conversar com a minha namorada. Ou melhor, era até seu bocadinho difficil, pelo menos a sós. Naquelles tempos não sahiam sozinhas as moças, nem havia os camaradas pretextos dos cinemas, das escolas-normaes, das aulas de dactylographia, dos empregos publicos e commerciaes... Nada disso. Moça era dentro de casa e com sentinella á vista, como urnas eleitoraes.

E deixemos lá que...

Cala-te, bôcca, que as feministas podem te coser com agulha de sacco!

Vamos á historia.

A conversa com a pequena era uma cousa séria e rara. E, por isso, num domingo, eu andava sedento de dizer-lhe umas phrases que todos os namorados dizem desde o começo do mundo. E dirão até o fim. Soubéra que ella iria passar o dia na Capunga, numa casa que possuia jardim, gradil e portão. Ella morava num sobrado, imaginem!

Jardim, gradil e portão constituiam trez perspectivas felizes de vigilancia menos severa e de palestra mais provavel.

De outras vezes eu já conseguira umas palavrinhas através dos varões de ferro.

E que bom!

Metti-me no jaquetão azul, na calça de flanella, no chapéo de palha novo, e nos sapatões de verniz, pontudos, bem apertados. E cheio de esperanças.

Tomei um bonde de Fernandes Vieira e toquei-me para a Capunga. Ida e volta. Nada. Outra viagem. Mesmo resultado. Ainda uma terceira, uma quarta, uma quinta. Nada ainda. Os bondezinhos da antiga Carril, puxados pelas mansas e preguiçosas parelhas, iam e vinham da rua do Brum ás Graças e das Graças á rua do Brum, sem que eu obtivesse o exito desejado. A pequena não vinha ao jardim. Ficava-se lá dentro, na janella.

Já noite, vi-me no centro da cidade, sem ter a victoria da minha pertinacia de "fiscal gratuito" da Carril, e com dois tostões no bolso. Dois tostões. Fim de mez, ordenado magro. Mas com a esperança, com o palpite de que si fôsse de novo a Capunga iria encontrar a menina na grade ou na calçada com a prima

O coração aconselhava: "Vae, maluco!" E o niquel: "Olha os sapatos apertados".

Ir era facil. Porém, a volta. Com que roupa?... Isto é, com que niquel?

Venceu-me a tentação. Que importava? Regressaria a pé, mas traria nos ouvidos a voz querida, as suas promessas, os seus carinhos verbaes.

Fui.

E ainda dessa vez nadinha. Ao contrario, a casa toda fechada e escura.

Desci do carro no fim da linha. Disfarcei. E depois puz-me em marcha de arrabalde abaixo, para a cidade onde morava. Triste, cabisbaixo, desilludido...

Os bondes passavam por mim, claros, bonitos, rapidos...

200 reis a passagem! E eu sem um niquel...

E com os pés doendo tanto!

Mario Sette

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

1 — Ensemble de ville d'eau en tissu fantaisie blanc et marine.

2 — Robe de satin impérial marine. Chapeau de toile jaune. Garniture de bois.

3 — Flamenga rouge et blanc. Garniture et chapeau en crêpe de chine marine.

4 — Crêpe crêpé noir. Cravate zéphir jaune et blanc et noir et blanc. Feutre soufre garni de noir.

(Photos especiaes para FON-FON)

O dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, embaixador do Brasil em Lisbôa, ladeado pelo presidente e pelo secretario geral da Academia das Sciencias de Lisbôa, respectivamente, drs. Julio Dantas e Joaquim Leitão, com as insignias das Palmas de Oiro que lhe foram conferidas por aquelle instituto de cultura.

«FON - FON» EM PORTUGAL

Ao de embarcar em Lisbôa, de passagem para a França, o general Leite de Castro, ex-ministro da Guerra, foi recebido, a bordo do «Massilia», pelo embaixador José Bonifacio, que, depois de mostrar varios pontos da capital portugueza ao illustre chefe militar brasileiro, lhe offereceu uma taça de champagne na séde da nossa embaixada ali.

DA TERNURA

Não é a bondade o fim das qualidades apreciáveis. Ella, por ser um sentimento nobre, encontra um outro que a completa vantajosamente, excedendo-a — a ternura.

A bondade «perdoa», sem esquecer o mal, emquanto que a ternura não chega a perdoar porque annulla ou desconhece as faltas, vencendo todas as machinações humanas.

Algumas vezes, a bondade arrasta comsigo segunda intenção e, quando não se transforma em odio ou hypocrisia, humilha.

Não é de difficil comprehensão a limpidez da ternura, onde ella existe. Ser bom para muitos é commum; manifestar ternura, mesmo a determinada pessôa, é rarissimo.

Alexandre Passos

O embaixador José Bonifacio realizou, na Ordem dos Advogados de Lisbôa, uma conferencia sobre o thema: «A Magistratura e a Advocacia. O Poder Judiciario e o Instituto dos Advogados do Brasil». Magistrados, advogados, diplomatas e outras pessôas gradas ouviram a palavra eloquente do illustre representante do Brasil, cuja conferencia mereceu elogiosas referencias da imprensa portugueza. Nosso «cliché» focaliza o dr. José Bonifacio ladeado pelo dr. Barbosa de Magalhães, presidente da Ordem dos Advogados de Lisbôa, e pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e entre ministros do mesmo Tribunal, juizes e advogados, antes da conferencia, e s. ex. quando falava.

Em torno de um prosador

NO JOCKEY CLUB

— O meu favorito é o que ganhar...

HA escriptores amigos, sobre os quaes nós escrevemos com certo constrangimento. E' que, levados pelo sentimento da amizade, nem sempre podemos dizer abertamente aquillo que pensamos da sua arte e do seu espirito.

Em geral, dizemos precisamente o que não pensamos.

Na occasião da escolha dos adjectivos, erguemos a penna no ar, e ficamos a procural-o.

Brilhante?

Festejado? Victorioso?

Vibrante? Notavel?

E' difficil a solução do problema. Conta-se até o caso daquelle redactor de revista que, noticiando o apparecimento do livro de um autor, a quem elle devia certos favores, consultava os outros companheiros:

— Que adjectivo devo applicar a esse azemola?

E ponderava:

— X... não é brilhante. Não é illustre. Não é um escriptor vigoroso. E' mesmo um mediocre... Que devo eu escrever?

Um companheiro qualquer aconselha:
— Põe — "festejado"...
E o outro, começando a noticia:
"X, o festejado autor..."

* * *

Felizmente, Edvard Carmilo, é um desses amigos e homem de letras que não nos constrangem, quando sentimos o dever de emittir uma opinião qualquer sobre a sua personalidade.

Edvard Carmilo é um filigranista da palavra. Cellini de artificios proprios, o prosador de "Humildade" — para só falar do seu ultimo poema em prosa — é, na realidade um artista. Cada phrase sua, cada periodo seu é um lavôr de rendilhamento verbal.

A imaginação é alta. As imagens são sempre de uma belleza impressiva. Suggestionam e empolgam.

Abrindo "Humildade", ao acaso, encontro esta pagina — o Gallo — que, como se vê, é de um colorido macio e de uma musicalidade só commum aos artistas da estirpe de um Baudelaire, de um Raul Pompeia ou de um Cruz e Souza requintado. "O estridulo da tua garganta ficou marcando um instante dentro da eternidade: o momento em que a nota do teu peito entoou o milagre desse berço divino em que sorriu, pela primeira vez, o filho de Deus!"

E com essa elegancia de estylo e de fórma, o prosador de "Humildade" vae retraçando o perfil do "chantecler" que Edmond Rostand immortalizou no theatro francez. E depois de o comparar a D. Juan, e de attribuir-lhe uma série de virtudes formosas, Carmilo empresta ao gallo um sexto sentido. "...esse teu sexto sentido — define o autor — com que o medes (refere-se á medida de tempo), que falta ao homem e que o tortura, com que se humilha, genuflexo, no desespero ou na humildade da idéa mysteriosa e divina do infinito".

* * *

Todas as outras paginas são assim. E são assim todos os seus livros: "Jardim Fechado", "Fim de Primavera", "Joio", e tanto outros.

Si nóto algum defeito em Edvard Carmilo, é que elle só escreve para as élites.

Y V E S

Trepações

Maria Eduarda Monteiro Dias revela-se, aos doze annos, uma artista verdadeiramente excepcional. A caminho de se tornar uma virtuose notável, é já uma poetisa do violino. Toca com um sentimento maravilhoso na sua idade e, em qualquer idade, privilegiado. E como hoje, em concertos e em festas de caridade, delicia o auditorio, um dia, mais crescida e mais conhecida, honrará a musica brasileira.

QUANDO o jornalista, double de homem mundano, entrou no salão, onde rebrilhavam tantas elegancias, a madrinha da festa correu ao seu encontro para agradecer-lhe "a esplendida nota", que elle tivéra a bondade de publicar naquelle dia. A nota referida não tinha sido delle, mas o jornalista não se apertou. Recebeu os agradecimentos e ainda articulou, com modestia, que as referencias estavam áquem dos meritos das pessôas visadas.

Entretanto, como tudo se vem a saber, não tinham decorrido oito dias e a verdade emergiu do ephemero enredo desse episodio de salão: o legitimo autor da nota denunciára, sem segunda intenção, a sua procedencia. Espera-se agora, ansiosamente, a volta do jornalista para ver como elle explicará o caso.

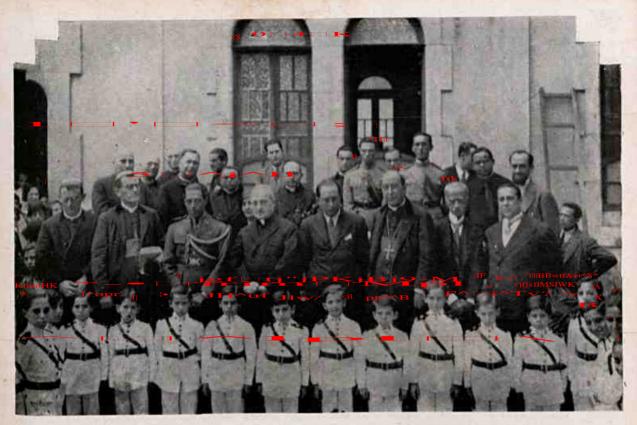
TODAS as noites, entre 8 e 10 horas, quem passa pela rua central, que fica bem perto da Cinelandia, observa, em attitude romantica, uma pequena loira. Debruçada sobre a sacada do seu apartamento, no primeiro andar da miniatura de arranha-céos, que é o edificio onde mora *mademoiselle*, ella parece alheiada ao movimento da rua. Protege-a uma penumbra deliciosa. E ella parece immersa num grande extasis.

Alguem que lhe frequenta a casa indiscretamente revelou que essa attitude coincide com o pedido de casamento do seu vizinho do lado, por quem andava a pequena perdidamente enamorada.

MADEMOISELLE tem um irmãozinho terrivel. Menino levado da breca. Uma destas manhãs, o garoto chegou á sacada do palacete de *mademoiselle* e viu-a de *flirt* com um guapo academico de medicina, que fingia esperar o omnibus no ponto em frente. O menino não demorou em fazer uma das suas. Foi ao interior da bella residencia e, minutos depois, tornou á sacada, com uma machina de filmar, caprichosamente feita em papelão. E, sem que a senhorita sua irmã désse pela traquinada, o garoto foi habilmente fingindo que apanhava a *pose* do Romeu moderno, parado á esquina de sua Julieta... E o diabo é que *mademoiselle* ficou sem atinar por que, de um momento para outro, o seu *flirt* começou a mostrar-se inquieto, até apanhar um omnibus, de modo imprevisto e desconcertado.

Só mais tarde, pelo telephone, a rapariga veiu a saber tudo. O seu elegante namorado, entretanto, lhe affirmou, a serio, que não tinha nenhum geito para actor de cinema...

NO ultimo chá de caridade realizado nos salões do Automovel Club foi muito notado o amúo de uma das mais bonitas raparigas que dançava com o seu noivo "Par-constante". Em dado momento, ao cruzar com outro par, a senhorinha notou um estranho olhar, de mysterioso entendimento, entre seu noivo e a noiva do outro. Foi a conta. Pediu explicações que não lhe foram dadas, ou não lhe bastaram. E sentou-se, a um canto do grande salão, muito triste. Nem mais uma vez achou geito de voltar a dançar e, quando a festa acabou, fez questão de não ser acompanhada pelo noivo. Foi para casa no auto do papae, com a companhia só das duas priminhas daquella bonita rua de palmeiras imperiaes...

A senhorita Carmen Loureiro, alumna da professora Marietta Campello Barroso, é uma jovem cantora que se recommenda pela sua linda voz, tendo ainda no ultimo concurso do Instituto Nacional de Musica conquistado, merecidamente, o Primeiro Premio Medalha de Ouro daquelle estabelecimento.

Foi commemorado, com uma semana de festas, realizadas aqui e em Nictheroy, o jubileu da installação salesiana no Brasil. Organizou-se, para isso, um expressivo programma de solennidades, que tiveram o maior brilho. Em Nictheroy, entre outras ceremonias, altamente expressivas, avultaram as que se realizaram no ultimo domingo, sob os auspicios de s. ex. revma. d. José Pereira Alves, que, como uma homenagem especial aos salesianos, proclamou Nossa Senhora Auxiliadora padroeira de sua diocese. Este aspecto photographico mostra apenas um detalhe das grandes festas salesianas de domingo, na vizinha capital, vendo-se, ahi, além do bispo de Nictheroy, d. José Pereira Alves, e de altas autoridades civis, o nuncio apostolico, d. Aloisi Masella; o arcebispo de Marianna, d. Helvecio Gomes de Oliveira; o arcebispo de Goyaz, d. Manuel Gomes, e varios outros principes da Igreja Brasileira.

Nesta capital, a mais importante commemoração do jubileu salesiano foi a solennidade levada a effeito no Instituto Nacional de Musica, e á qual compareceram pessoalmente, ou se fizeram representar, altas autoridades ecclesiasticas e civis. O nosso «cliché» focaliza algumas dessas illustres personalidades.

A galante Viola, filhinha do casal Edigar-Aracy de Alencar, numa «pose» de banhista sportiva...

Uma photographia que é uma linda expressão de amôr materno. O menino José Fernando fazendo caricias a sua mamã, d. Eridéa Nogueira Porto, esposa do sr. Lauro Porto. José Fernando é neto do dr. Perdigão Nogueira, director da Escola 15 de Novembro.

A VONTADE

A intelligencia se cansa, mas a vontade não.

Depois de um continuo trabalho cerebral, sente-se uma fadiga enorme, mas as manifestações da vontade se produzem em nós nem esforço e sem interrupção.

Facil será imaginar do que será capaz a vontade quando se acha dominada pela cólera, pelo temor, pelo desejo ou pela tristeza.

A vontade tem os mesmos caracteres que Homero attribuia a seus deuses: é automata, isto é, contém em si mesma o principio de seu movimento.

Ella apenas está livre de toda condição e nos impelle á acção, ás vezes, muito cêdo, ás vezes, muito tarde.

Ao nascer, quando ainda está em trevas a intelligencia, já se affirma a vontade com seu cego impulso.

SCHOPENHAUER

Francisco Sampaio Barreto, filho do dr. Sampaio Barreto. O garoto está fingindo que já é homem...

A interessante Norma, filhinha do major Raul Tavares, festejou o seu undecimo anniversario, que passou no ultimo sabbado, 11 do corrente, offerecendo um chá aos seus pequenos amiguinhos. A mesa, representando um kiosko nipponico, estava enfeitada de minúsculas japonezas, que foram offerecidas, como lembrança, aos convidados de Norma. A anniversariante apparece, na photographia acima, por occasião do seu chá, entre as crianças presentes.

Orozio Belém, nome victorioso da nossa pintura, com um traço pessoal que prestigia a sua figura de artista, inaugurou, no dia 16 do corrente, no salão do Lyceu de Artes e Officios, uma interessante exposição dos seus ultimos trabalhos, focalizando paizagens e typos estylizados pela sua paleta. A inauguração da mostra de arte de Orozio Belém foi um acontecimento de arte e mundanismo, que está documentado no «cliché». No medalhão, Orozio Belém.

FLAGRANTES

Numa roda de pocker, *madame* está sempre a *bluffar*. E' o seu fraco. A roda é de pessôas muito intimas, de parentes e vizinhos. Raramente um estranho faz o parceiro de emergencia. Mesmo porque nunca faltam parceiros...

Uma destas noites, porem, occorreu um caso destes. E foi jogar com *madame*, o respectivo esposo e mais duas pessôas, aprumado militar, muito conhecido nos meios esportivos.

Madame, entretanto, não *bluffou* nem uma vez, e estava de azar. Foi quem mais perdeu. Terminado o jogo, lá pela madrugada, os presentes estavam intrigados. Como se muda assim? Só o parceiro novo não dava ao caso, apesar dos commentarios, a menor importancia.

Elle conhecia a technica de *madame*. E aquillo era, apenas, uma nuança de technica...

«FON-FON» EM JUIZ DE FÓRA

O general Constantino Deschamps Cavalcanti, acompanhado do nosso collaborador sr. Raul de Azevedo, visitou a Penitenciaria Industrial (em construcção) da cidade de Juiz de Fóra, Minas, sendo alli recebido pelo dr. Menelick de Carvalho, delegado especial, e pelos engenheiros Ezequiel Dias e Sebastião Procopio, respectivamente fiscal e constructor. Todas essas figuras apparecem no grupo acima.

Caverna de Ali Babá

Dante Costa é um nome que se vem projectando, galharda e victoriosamente, no scenario da nossa actividade literaria. Intelligencia moça, sadia, vibrante, o joven escriptor patricio vem de publicar uma obra interessantissima, movimentada, dando a impressão de um kaleidoscopio animado. São quadros e «sketches» da vida que passa o que nos offerece Dante Costa em «Feira Desigual», seu livro de estréa. De estréa magnifica e victoriosa, pois seu auotr se nos revela um observador arguto, interessante, servido por um estylo de accentuado cunho pessoal e de intensa vibração moderna.

AMERICA ESPANHOLA E AMERICA PORTUGUEZA

DE certa maneira, o modus faciendi da constituição das nações ibericas repetiu-se quasi identicamente, exceptuadas as differenças de meios, na dos paizes latino americanos. Na Peninsula Mãe, após a conquista arabe e durante a reconquista da Cruz, Espanha dividiu-se de tal modo, entre mouros e christãos, em pequenos reinos, que, quando um soberano unico empunhou um unico cetro, foi chamado Rei de Todas las Españas. Nessas épocas, Navarro cavalgava os Pirineus, um pé na Iberia outro na França; Leão dominava o centro; Aragão avassalava os mares e terras proximos, seus almogavares iam a Bizancio, batiam-se na Siria e na Armenia, dominaram a Moréa, a Bulgaria e a Macedonia, seus reis eram donos das Baleares, da Sicilia, de Napoles, de Apulia e da Calabria; Castela alargava fronteiras á custa dos mouros subdivididos nos reinos de Murcia, Valencia e Granada, já sem a forte união do califado; e até Galizia, e até Asturias fôram reinos independentes. A unificação espanhola só se realiza de verdade e politicamente depois de Fernando e Isabel.

A joven pianista brasileira senhorita Ruth Araujo, que em maio ultimo nos proporcionou um magnifico recital, no Instituto Nacional de Musica, acaba de conquistar o primeiro premio, medalha de ouro, daquelle estabelecimento.

Emquanto isso, rudes batalhadores guiados por um ideal ainda informe augmentam a golpes de espada o pequenino e pobre condado que um rei leonez dera a um fidalgo burgundo, errante e aventureiro. De Coimbra, o filho, rei pelo vigor de seu braço, desce a capital para Lisboa tomada aos infiéis. A estes conquista mais o Algarve e sete castellos que ficam na bandeira. Empurrando o mussulmano para o sul e anteparando os golpes espanhóes, elle e seus successores, braços ás armas feitos, alicerçam com o sangue de Ourique, do Salado, do Toro e de Aljubarrota a unidade nacional. E Portugal nunca se fragmentou.

Herdamos na America a virtude dessa coesão. Em derredor de nosso immenso territorio, longe ou perto, as colonias espanholas dividiram-se nas lutas, como nas da Reconquista a Peninsula antiga. O vice-reinado da Nova Espanha biparte-se em Mexico e America Central, a qual se desdobra em cinco republicas. O vice-reinado de Nova Granada produz Colombia, Venezuela e Equador; mais tarde, o Panamá. O do Perú: Perú, Bolivia e Chile. O do Prata: Argentina, Uruguay e Paraguay. Nós, embora as invasões francezas e hollandezas, o dominio espanhol, a divisão colonial em dois governos, as incursões castelhanas no sul, as lutas separatistas, ficámos unidos num bloco só.

Felizmente, nisso copiamos a alma de Portugal por tantos tão injustamente atacada no Brasil.

SÉSAMO

Oscar Mafra, apesar de lidar mais de perto com as armas do nosso exercito do que com a penna, não deixa de ser um espirito cheio de fulguração. A sua prosa é limpida e attrahente. E, quer manejando o conto, quer a chronica, Oscar Mafra consegue ser um escriptor de estylo seductor. E' isso o que se nota no seu livro «Reduto da Soledade», onde o autor enfeixa uma série de contos e narrativas, que prendem a attenção pela graça, leveza e brilho com que são expostos.

Na Escola Nacional de Bellas Artes, sabbado ultimo, realizou-se a cerimonia da installação da Confederação Internacional do Livro, bem como da posse do seu primeiro presidente, o prof. Fernando Magalhães, que pronunciou vibrante oração allusiva ao acto. Foi orador official o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, tendo comparecido á solennidade expressivos valores da sociedade, interessados na obra cultural, de que é um dos pioneiros o escriptor Domingos Magarinos.

MILAGRE

Quando vieste, para gloria e dôr de minha vida, eu era a grande orgulhosa e a grande revoltada. Ria das creanças ingenuas, das rezas ingenuas, dos milagres ingenuos. As minhas mãos já não se buscavam contrictas e humildes, tremulas e frageis, num extase de prece. Os meus labios calavam, orgulhosos, a supplica inutil e os meus olhos, que tão confiantes foram, já não procuravam o céo indifferente na belleza de seu azul distante, em que já não acreditava.

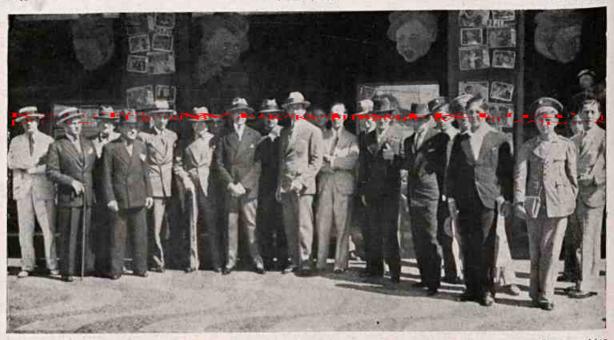
Mas, tu vieste, para gloria e dôr de minha vida.

E, deante do Destino, tremula do medo atroz de te ter perdido para sempre, angustiada da ansia de reter a felicidade, eu, a grande orgulhosa e a grande revoltada, — eu me ajoelho, de novo, no mesmo gesto de outr'ora, no sombrio de naves cheias de mysterio, de silencio e de incenso, deante de imagens carregadas de oiro e pedrarias, fulgindo de mil côres, batidas da luz de mil chammas, tranquillas e impassiveis, dentro de seu luxo, ás dôres dos homens e ás miserias da vida...

As minhas mãos voltam inconscientemente á postura de prece, os meus labios pedem com doce humildade, os meus olhos tornam a supplicar mudos e tristes.

E, deante do Destino, torno a rezar, implóro, espero um milagre...

Porque, agora, só um milagre póde reunir num mesmo luminoso-destino as nossas pobres vidas solitarias; só um milagre póde afastar de nós a sombra de uma fatalidade cruel e ironica; só um milagre póde transformar-nos o caminho no mais doce de todos os caminhos...

LUCIA

No cinema Pathé Palace realizou-se, na semana passada, uma exhibição especial do «film» da excursão ás quédas dagua do Iguassú, promovida pelo Touring Club do B asil. Essa exhibição, em homenagem á imprensa, esteve muito concorrida, vendo-se, entre os presentes, o dr. P. B. de Cerqueira Lima, superintendente do Departamento de Turismo, e os srs. Edgard Chagas Doria e Benilo N ves, directores do Touring Club do Brasil, além de numerosos jornalistas e outras pessôas gradas.

Está recebendo os seus ultimos retoques, na fundição da rua Aristides Lobo, o monumento aos «18 do Forte», obra do esculptor brasileiro J. Rangel, a ser inaugurada no proximo dia 3 de outubro, na praça fronteira ao forte de Copacabana, onde se desenvolveu a grande epopéa revolucionaria de 1922. A convite do major Carlos Chevalier, presidente da Commissão Encarregada da Construcção do Monumento dos «18 do Forte», varios jornalistas e os representantes dos ministros da Marinha, da Guerra e da Agricultura e do interventor federal no Estado do Rio visitaram o bronze de J. Rangel, que mede m4,m 90 e será collocado sobre uma pedra de cinco metros .O nosso «cliché» focaliza um aspecto dessa visita e mostra a esculptura destinada a perpetuar a façanha dos 18 heróes do forte de Copacabana.

EM LOUVOR DA NOSSA TERRA

GUILHERME SCHWENCKE é um escriptor e poeta allemão, amigo sincero do Brasil — ao contrario de muitos outros estrangeiros. Vivendo entre nós, ha alguns annos, conhecendo os nobres sentimentos da raça, e grato, sobretudo, á nossa hospitalidade, Schwencke não vacillou em prestar uma homenagem eloquente á Patria Brasileira, — na personalidade insigne de Santos Dumont — o Pae da Aviação — através do Zeppelin, que tantas vezes tem visitado a nossa grande terra. E para isso o poeta germanico escreveu um poema — "Rei dos Ares" — na sua lingua materna, traduzindo-o, depois, elle proprio, para o nosso verná-pelin, e ao nosso paiz, ha dois aspectos interes-pelin, e ao nosso paiz, ha dois aspéctos interessantes. Primeiro: glorificando a possante nave aérea, enaltece, implicitamente, aquelle nosso excelso patricio; passando o seu canto para o portuguez, manifesta o seu grande culto e o seu respeito pelo idioma que falamos. Nesta pagina estampamos o original e a traducção do poema de Guilherme Schwencke.

Motiv zum "Der Koening der Luefte."

(O REI DOS ARES)

Wer kommt daher? Fliegt durch die Luefte?
Ueber Laender, Gebinge und Meere?
Es ist «Graff Zeppelin», der moderne Eilbote,
und bringt uns Nachrichten und Reisende
[vom Ausland
Erscheint er eines schoenen Tages ueber
[Rio,
So ist das Volksinteresse stets freudig
[erweckt.
Das Gebrumme seiner gewaltigen Motore,
Macht die Melodie, welche Alt und Jung
[fasciniert.
Strassen und Strandprommenaden fuellen
[sich mit Menschen,
Um den «Koenig der Luefte» enthusiastisch
[zu begruessen.

Die barsilianische Nation, grosszuegig und
[gastfreundlich,
Reichte dem Fortschritt und einer neuen
[Aera die Hand.
Ein neuer Verkehrsweg ist geschaffen, in
[den Lueften.
Waehrend Schiffe jedoch die Meere weiter
[befahren.
Jedenfalls, der alte deutsche Graf Zeppelin
Verewigte glorreich die Idee von «Santos
[Dumont».

Rio de Janeiro im August, 1933.

O REI DOS ARES

Quem lá vem vindo? Voando nos ares?
Atravessando terras, montanhas e mares?
E' o «Graff Zeppelin», o moderno mensageiro,
Que nos traz noticias e gente do estran-
[geiro.
Chegando elle aqui no Rio um bello dia,
Desperta sempre o interesse do povo, causa
[alegria.
O rumor dos seus formidaveis motores
é a melodia, que fascina os velhos e me-
[nores.
As Avenidas e praias aglomeram-se de gente
Saudando o «Rei dos Ares» enthusiastica-
[mente.
A Nação Brasileira, grandiosa e hospitaleira,
Deu braços ao progresso e a uma nova era.
Abriu-se um caminho novo, nos ares,
Emquanto os navios navegam nos mares.
Emfim, o velho Conde allemão
Glorificou o invento do Santos Dumont.

Rio de Janeiro, Agosto, 1933.

GUILHERME SCHWENCKE

A mesa que presidiu á solennidade da posse da nova directoria do Centro Republicano Portuguez Dr. Affonso Costa, realizada em dias da ultima semana.

A MINHA MÃE

Si lá no céo não se esquece
A dôr que o mundo contém,
Então, por certo, acontece
O céo ser triste tambem.

Passada a febre, á mente em desatino
A calma veiu e adormeci sonhando:
E, ó minha mãe! no sonho, como quando
Nos meus tempos felizes de menino,

Vi-te chegar, temendo o meu destino,
A cabeça em teu seio me apertando.
E ao ver-te, mãe, afflicta e soluçando,
Meu coração pulsava pequenino...

Depois, teu branco vulto, que ascendia
Ao céo de novo, e o magoado brilho
Dos teus olhos em lágrimas, eu via;

Perdoa, mãe esta saudade infinda,
Perdoa que por mim, teu pobre filho,
Até no proprio céo soffras ainda.

Carlos Brandão

A obra de S. Vicente de Paulo, instituição catholica de amparo aos orphãos indigentes, da qual é presidente o prof. Castro Araujo, offereceu, na penultima sexta-feira, na sua séde, á rua Ibituruna n.º 54, um almoço á imprensa, para conhecimento perfeito de suas benemeritas finalidades. Os jornalistas presentes foram saudados pelo nosso collega dr. Odilon Jucá, sahindo todos muito bem impressionados com o desenvolvimento da Obra e com as suas realizações de caracter eminentemente catholico e altruistico.

FLAGRANTES

A vaidade literaria é a peor das vaidades. Quando a sente a mulher, então, assume proporções impressionantes. Foi nisso que não reflectiu apreciado homem de letras, desaconselhando a publicação de uns versos de uma sua amiguinha. Perdeu elle a amizade de uma encantadora jovem, e os versos fôram mesmo publicados! O mais interessante é que a poetisa forma a respeito do seu rigoroso censor um juizo menos justo: considera-o um critico de máo gosto, etc. etc. E, no fundo, ella é simplesmente razoavel, pois, si todos elogiam os seus versos e elle foi o unico a julgal-os inferiores ao apregoado talento de sua bonita autora!

«FON-FON» EM MATTO-GROSSO

Srs. Gerino Rodrigues e Antonio Senna Filho, do alto commercio matto-grossense.

O MARIDO DA GUERREIRA

(THE WARRIOR'S HUSBAND)

Da FOX — Direcção de Walter Lang — com Elissa Landi, Marjorie Rambeau, Ernest Truex e David Manners.

LONGE de nós o intuito de incentivar qualquer coisa, mas.... nas remotas eras de 800 A. C., as terras de Pontus eram governadas pelas mulheres... Essas intrepidas amazonas não sómente lutavam pela protecção de seus homens, mas, tambem, trabalhavam para sustental-os. Dellas sendo todos os direitos e prerogativas, dellas era o conceito de que o lugar do homem era... em casa...

Ao commando supremo de suas forças que regressavam de mais uma batalha, Hippolita, a augusta soberana das Amazonas, assiste, de seu régio palacio, á volta triumphal de suas femininas tropas, sob as ordens da intrepida guerreira Antiope, a fascinante irmã da rainha. Immensa multidão se agglomera nas ruas afim de acclamar o formidavel "exercito" de Hippolita. Era commum, na assistencia, os "homens", com os filhos ao collo, gritarem os nomes de suas "mulheres", as guerreiras victoriosas de mil conquistas. Pomposia, uma das "profiteuses" do Reino, tudo fazia para ver seu filho Sapiens, marido de Hippolita, e, de posse de grande parte dos armamentos, esse consorcio se impunha como grande sustentaculo do Imperio. Recusando a todo instante "amarrar-se" a um palerma como Sapiens, chega, finalmente, o dia em que Pomposia vê coroada de exito a sua grande ambição em tornar-se a sogra de Hippolita. Os gregos, orientados pelo guapo commandante Theseus, pela força de Hercules e pelo talento de Homero, o poeta, ameaçam os dominios de Diana. Sem armamentos e com uma tropa numerosa, Hippolita vê-se forçada a acceitar o "marido" Sapiens, apesar dos protestos de Antiope. Realizado ás "pressas" o casamento, Hippolita parte para a guerra levando contra gosto o seu risonho e "afeminado" esposo. As diabruras de Sapiens durante a memoravel campanha são indescriptiveis e, num gesto de suprema "heroicidade", consegue capturar Hercules, o terror das amazonas. Entrementes, Theseus, o grego, apaixona-se doidamente por Antiope, a destemida amazona.

Esta tambem, não acostumada aos galanteios masculinos, sente nas caricias do grego magnifico as ternuras de um "pae". Ella, que constantemente assistia as amazonas requestrarem os homens, não comprehendeu logo os carinhos de Theseus. Mulher acima de tudo, Antiope aos poucos sentiu as influencias do amôr, e pela primeira vez foi ferida pelas settas dos inimigos. Sapiens, que durante o combate se revelára um "homem de verdade", consegue, sob o dominio de seu marido, impôr as suas vontades, devido á derrota immensa das amazonas. Theseus e Antiope casam-se e promettem dar o nome de Hippolito ao primeiro filho, em homenagem á grande guerreira, que, com a derrocada de seu imperio, se submetteu á vontade de Sapiens, a maior revelação daquella luta entre homens e mulheres.

O interessante é que isto se passou 800 A. C., e, ainda em 1933, nada mudou. As mulheres continuam a lutar, e acreditam que o lugar do homem continuará a ser sempre em... casa...

I F I NÃO RESPONDE

FILM DA UFA

com Jean Murat e Daniele Parola

A história começa a desenrolar-se na sala de leitura do Golf-Club, onde Nora Lennartz, involuntariamente occulta num confortavel "maple", ouve uma estranha communicação telephonica feita por um desconhecido, marcando um *rendez-vous* para as 11 horas dessa mesma noite defronte dos estaleiros Lennartz. Essa communicação não a teria intrigado verdadeiramente, se o desconhecido não tivesse accrescentado:—"Previne os jornaes. Mas faz de conta que não me viste nem falaste commigo..." Nora consegue saber por uma amiga que o desconhecido era, nem mais nem menos, do que o famoso aviador Ellissen, "recordman" da distancia e o homem mais photographado da Europa. Mas Nora mal conseguiu ouvir as ultimas palavras da amiga; dirigiu-se apressadamente para a sala de jôgo, onde seus dois irmãos, Mathieu e Georges não podiam deixar de estar empenhados numa feroz partida de *bridge*. Não havia duvidas que a rapariga sentia uma necessidade enorme de transmittir-lhes a inquietação que lhe provocara a communicação do aviador Ellissen.

Nora fazia parte do conselho das officinas de construcção Lennartz, ao desenvolvimento das quaes dedicava toda a sua actividade. Mas os irmãos eram bem differentes de Nora. Uma partida de *bridge* tinha para Georges e Mathieu, uma importancia decisiva. Pela maneira como foi recebida, comprehendeu logo a impossibilidade de se communicar proficuamente com elles, resolvendo tomar sózinha uma iniciativa. Metteu-se no seu automovel e mandou o "chauffeur" seguir para os estaleiros. Fazia-lhe especie aquella história da recommendação de Ellissen para que os jornalistas não faltassem...

A' sua chegada rodeou-a uma multidão de "reporters" e de photógraphos, dos quaes nenhum sabia ao certo explicar o motivo porque estava alli. O velho guarda tão pouco soube responder ás perguntas de Nora...

Levantando os olhos, viu que uma janella do primeiro andar estava illuminada. Entrou no edificio, subiu rápidamente os dois lances de escada, e foi em direcção á sala do archivo. Mal entrou chamou-lhe logo a attenção uma grande pasta, collocada em cima da mesa, e na qual se podiam ler, em grossos caracteres, as seguintes letras: "I. F. I." Abrindo-a, encontrou apenas a indicação do numero do telephone do tenente Jean Droste, cujo nome e existencia até então desconhecia.

Tratava-se, sem duvida, dum roubo de importantes documentos e era urgente communical-o á policia e prevenir os seus irmãos. Jean Droste devia ser o autor desses planos; era, pois, necessária a sua comparência, para ser interrogado. Alguns instantes depois, Mathieu, Georges, o tenente e um inspector da policia, encontravam-se reunidos na sala do archivo.

Jean Droste explicou que a pasta continha os planos dum projecto de construcção no qual trabalhava há muitos annos e que o havia apresentado á casa Lennartz na esperança de que o quizessem examinar. Interrogado sôbre a natureza desse projecto, acabou por confessar que se tratava duma ilha construida em aço e vidro, de quinhentos metros de cumprimento, cento e cincoenta de largura e vinte e cinco de altura acima do nivel do mar. O seu objectivo era tornar possivel uma ligação rapida e regular de continente a continente, uma plataforma fluctuante com um largo terreno de aterragem para os aviões de navegação transatlantica.

(Conclue na pag. 57)

ONDE ESTÁ MINHA MULHER?

Da PARAMOUNT — com Henry Garat e Mey Lemmonier

O casal Pommerois vive na melhor harmonia, mas isso não impede que o sr. Pommerois, mau grado os seus 40 annos, troque o reino do lar pelo reino de Eva, á caça de múltiplas distracções.

Por outro lado, a joven e encantadora Irene Pommerois, sua esposa, busca essas distracções com o auxilio de Marcel, um moço que foi o Waterloo da sua virtude.

Marcel, nada menos que Chefe de Gabinete no Ministerio das Obras Publicas, empenha-se fortemente para alcançar que Irene passe a noite inteira na sua companhia. Ella apressa-se em acceder, e como justificativa de sua ausência, conta ao marido que vae acompanhar á estação de Lyon sua tia, madame Verduret, a qual tomará o trem com destino a Dijon. Um pouco mais tarde, manda dizer a Pommerois que estava dentro do trem no momento que elle se pôz em marcha, o que a obrigou a partir, tanto mais contra vontade quanto o rápido só agora parará em Laroche, e isso não lhe permittirá reintegrar no lar conjugal senão no dia seguinte.

A noticia enche de um secreto contentamento a Pommerois que assim poderá cahir na farra, até de madrugada, com o seu amigo Lhebier e Adolphina, a criada de quarto, que é uma pequena viva e azougada quanto é possível.

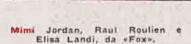
O destino préga, porém, uma bôa peça ao terceto. Já estão os tres fazendo honra ao champagne numa boite alegre quando chega ao conhecimento de Pommerois a sensacional noticia que enche as primeiras paginas dos jornaes da noite: o rápido de Dijon, aquelle mesmo em que partiu madame Pommerois, descarrilou e desse accidente houve varias victimas. Meio desanuviado do álcool pela emoção da noticia, Pommerois lembra-se de Marcel a quem presume capaz, por motivo da sua posição official, de lhe dar noticias completas e exactas sobre o occorrido. Procura portanto o mancebo em sua casa e, lavado em lagrimas, refere-lhe a terrivel catastrophe. Ao mesmo tempo, no seu desespero, agravado pelos derradeiros vapores do álcool, confessa a Marcel o seu procedimento indigno para com sua esposa, a quem não tem cessado de enganar miseravelmente. Irene, que tudo ouviu de um leito proximo em que está deitada, arde em cólera incontida. Pommerois afinal retira-se, e Marcel cogita agora de preparar o regresso da ovelha desgarrada ao aprisco conjugal, de sorte a que ella não se compromètta. Para isso, Irene descreverá ao marido a catastrophe de accôrdo com o noticiado pelos jornaes.

Sucede, porém que, após a retirada de Irene, os jornaes publicam novas edições desmentindo a noticia do accidente, originada sem duvida da fantasia de um brincalhão de máu gosto. E logo Marcel corre á casa de Pommerois, na esperança de salvar uma vez mais a situação.

Mas, tarde chega! Irene repetiu o sermão encommendado, palavra por palavra, a Pommerois que tudo ouviu com um ar sarcástico, pois bem sabe do desmentido dos jornaes á noticia do accidente. E não lhe restam agora mais duvida: sua mulher engana-o vilmente.

Pommerois assume então o papel do marido abrazado de uma justa indignação. Esperta como todas as mulheres, Irene depressa porém muda de tactica e, valendo-se das confissões que ouviu do marido no aposento de Marcel, verbera acremente o seu procedimento, as suas repetidas infracções da fidelidade conjugal. A falsa viagem que é o «pivot» das accusações do marido, a transforma num estratagema hábil de que só se valeu para melhor surprehender Pommerois em flagrante delicto. E de facto, a desordem do apartamento, as roupas leves em que foram surprehendidos Pommerois e Adolphina, esta semi-ébria ainda, tudo fortalece as calorosas accusações de Irene. Pommerois, humilhado, confessa as suas culpas e invoca a clemencia da esposa. Magnanimo, Marcel encoraja Irene a perdoar ao marido culpado, e Pommerois, reconhecido, agradece calorosamente a Marcel, o seu excellente amigo a cuja generosa intervenção fica devendo a reconstituição da sua felicidade domestica...

E agora, mais do que nunca, Marcel será o amigo «dedicado» da familia, e as coisas continuarão a correr magnificamente para todos...

O admiravel progresso que se tem feito notar nestes ultimos mezes sobre o som e a optica no film falado tem originado mudanças consideraveis no processo de producção, nos studios. Grandes planos constructivos, em relação com as novas procuras nos scenarios, laboratorios inteiros providos de instrumentos de precisão para as medições microscopicas indispensaveis na producção sonora, e estranhas descobertas em novas opticas e acusticas, figuram no processo do desenvolvimento.

As experiencias com gazes luminosos, de accordo com o principio da luz Neon, constituem uma das innovações mais recentes, pois que os engenheiros estão interessados em descobrir a "illuminação fria". As luzes incandescentes que estão sendo empregadas actualmente geram um calor intoleravel nos scenarios. Esse problema está sendo resolvido nos studios mediante o funccionamento de grandes installações refrigeradoras que conservam continuamente o ar fresco em movimento nos salões de trabalho.

As despezas feitas com construcções de novos scenarios sobem a muitos dollars. Um dos novos immensos scenarios inclúe um theatro inteiro, e a arena de um stadium que é um dos maiores do mundo. Entre as maravilhas de optica, os technicos descobriram a maneira de produzir films panoramicos com machinas e projectores communs. Com uma lente especial, sujeita a certo mechanismo, essa maravilha póde ser realizada facilmente.

Devido ao peso das novas cobertas isoladoras do som nas camaras cinematographicas, foram construidos, nos proprios studios, grandes tripeças de tubos de aço, collocadas sobre rodas forradas de borracha e providos de freios para dar a necessaria segurança. Foi tambem construida uma enorme machina para mover as machinas cinematographicas em certos effeitos da filmação. Por causa desse novo mechanismo, já é possivel se obterem effeitos photographicos em movimento, o que antes era impossivel, sendo preciso apenas mover-se os microphones ao mesmo tempo para registrar os effeitos sonoros.

Balizas de aço onde são seguros os microphones, e que se estendem ou recolhem á vontade para certos effeitos, são agora de uso corrente nos studios combinados com as novas lentes que dão o effeito da perspectiva.

As salas de cortar films nos studios foram reformadas por completo, afim de incluir a nova e exacta machina de cortar e dispôr dos films sonoros. Minusculos projectores do som operam em combinação com as machinas cortadoras, tomando a perfeita synchronização ao regular scenas tomadas com o som no film. Para os effeitos ligeiros de luz foi inventado e está agora em uso geral certo typo de "apagadores" portateis, semelhante aos que se empregam nos theatros, mas montados em rodas cobertas de borracha. Esses apparelhos tornam possivel o desapparecimento gradual da imagem, sem necessidade de se mover o obturador ou o diaphragma da lente da machina, produzindo effeitos mais delicados. E, assim, cada vez mais progridem os diversos departamentos dedicados á nova arte do film sonoro.

Mimi Jordan, Raul Roulien e Elisa Landi, da «Fox».

DOIS FAMOSOS VAGABUNDOS

AQUELLAS duas figuras deante do balcão a piscarem os olhos com ares de grande intendimento, não me eram estranhos — seria possivel? Aproximei-me e não tive mais duvida: eram elles mesmo, os dois comicos incomparaveis Laurel e Hardy, perdidos no meio do grande Magasin do Bon Marché, a fazerem compras prosaicas de camisas e de collarinhos! Eu falo um inglez de meia pataca: elles mastigam um francez de visigodos, mas era inevitavel uma prosa que manifestasse a surpresa agradavel que eu experimentei ao descobril-os em Paris e a elles a opportunidade de explicar sua presença aqui, com uma temperatura de 36 grãos á sombra, que derrete sem piedade os magros e os gordos...

O pobre Hardy não parava de enxugar a cascata que lhe descia da testa pelo rosto abaixo, emquanto Laurel o contemplava ironicamente compadecido. Tenho a impressão de estar assistindo a um de seus films tão cheios de naturalidade espontanea. Deixaram Hollywood para fugir do calor, vindo passar suas férias na Europa, onde deveria estar mais fresco, e cahem justamente nesta *fervura*, como não se gozava ha mais de 20 annos... Não têm mais roupa. Na ambiencia de continuo banho turco em que nos debatemos, tiveram que comprar ás pressas outros indumentos de primeira necessidade e estão aterrados com a despesa imprevista! As calamidades creadas pela sua fantasia, nas fitas que tanto nos divertem, parece que sahiram da tela para vir perseguil-os até na vida real. Desesperados com a canicula, galopam mesmo assim por esta Paris a fóra, na gula de conhecer a decantada cidade!

"Que tal, as suas impressões?" "*Hum! Hum!... Heat—Heat.*"

Falam os dois ao mesmo tempo, exprimindo exactamente idéas e sentimentos identicos — Laurel com voz grave de barytono: Hardi, com gorgeios de canario belga... Mas a associação é perfeita! Antes de emprehenderem a benemerita carreira de fazer rir os seus semelhantes, elles já eram philosophos. Hardy na ingrata profissão de advogado, e Laurel como artista dramatico, intelligente, mas apagado, no meio de outros tantos collegas do mesmo calibre, até que o acaso fortuito os fez encontrar-se para formarem o par de comicos deliciosos que nos deleita, fazendo-nos tantas vezes esquecer, por algumas horas, as amarguras e as asperas ciladas que nos arma a existencia. Só por isso, que sejam elles eternamente abençoados!

Não ha rivalidade entre os dois, que antes se completam harmoniosamente, na mais pacifica união que se póde imaginar, para fins tão catastrophicos.

"Mas, qual é sua formula para fazer rir?" perguntei.

"Oh! E' simplesmente a espontaneidade, o segredo da bôa comedia: mesmo nos *films* falados, servimo-nos principalmente da *armadura* do dialogo, por assim dizer, porque as aventuras mais divertidas são as que se improvisam inconscientemente! Os effeitos comicos previamente estudados quasi sempre fracassam!"

De facto, não ha coisa mais visivel do que os dois amigos, amarrotados, desolados, a derreterem-se, com ar de chôro, sob a cupola de vidro incandescente do Bon Marché... Misericordiosamente, dou-lhe, o itinerario mais rápido a seguir, para regressar ao centro da cidade pelo *metro*. Nos tunneis subterraneos, sempre faz menos calor. E lá foram elles andando devagar, como pizando em ovos... Um ultimo aceno, reciprocamente agradecido, e desappareceram no meio do povo...

I t a v a z

CANÇÃO DA CHUVA

A chuva escorregando das alturas,
num lamento,
com os seus dedos esguios de agua fria,
vae arrancando do piano do telhado
um nocturno muito nevoento...

O meu olhar pagão e deslumbrado,
como o olhar dos poetas sensuaes,
vendo no ar as reticencias d'agua
com o brilho estranho dos vitraes,
tem a impressão de que o céo está chorando
para a alegria infinita dos rosaes...

E a chuva cahindo do céo em pranto,
do céo que chora a minha mágoa,
embriaga a paizagem de alegria
com a tristeza do seu proprio canto.

Mas a chuva da saudade, com ironia,
cahindo do passado a pingos lentos,
com os seus dedos esguios de agua fria
arranca da minha vida, por momentos,
o nocturno da ultima alegria...

EVAGRIO RODRIGUES

— Por que me pedes que acaricie o cachorro? E' teu?
— Não; não é meu, mas queria vêr si elle morde...

— Si a senhora quer acceitar meu guarda-chuva...
— E' de seda?

POEIRA LUMINOSA

Eu figuro entre ovelhas tresmalhadas
Do rebanho bemdito do Senhor.
E, por isso, nas rótas palmilhadas,
Tive lutos, fadigas e rancor.

Não beijei senão boccas já beijadas,
E nellas não achei nenhum sabor.
Não tive historias onde houvesse fadas.
Não tive sonhos e não tive amor.

Eu sou na vida, pois, o ser mais triste.
E o maior gozo para mim consiste
Em ver-me pobre, perseguido e só...

As riquezas mais lindas quero têl-as
Lá nos altos do céu, pisando estrellas,
E cá, na terra, transformado em pó!

HORACIO MENDES

no ponto onde se cruzam as linhas, ligando a Europa, a Africa e as duas Américas...

Entretanto, Nora, evitando as indiscretas perguntas dos jornalistas, encaminhava-se de automovel para o hotel Atlantic, onde Ellissen, — que ella sabia estar no segredo daquelle inesperado e mysterioso acontecimento, — poderia esclarecêl-a.

Após um longo e por vezes exaltado dialogo com o aviador, a cujo poder de seducção a sua sensibilidade não foi estranha, Nora ficou sabendo que se tratava apenas dum plano de Elissen — machiavélico, mas bem intencionado —, para obrigar os irmãos Lennartz a examinar attentamente o maravilhoso projecto do seu querido amigo Jean Droste. Sem a sua audaciosa intervenção, os planos ficariam soterrados durante cem annos no archivo...

No dia seguinte, já todo o publico estava inteirado pela imprensa do estranho acontecimento, da curiosa iniciativa do popular aviador, e da importancia extraordinaria do invento do seu amigo.

Mas um grave problema começou a ser agitado: A construcção duma ilha artificial, tornando possivel a transferencia de todo o commercio transatlantico, da navegação maritima para a navegação aérea, provocaria, inevitavelmente, a ruina dum numero consideravel de interesses privados. Uma ruidosa campanha surgiu, em todos os jornaes, atacando a idéa, já firmada pelos irmãos Lennartz, da construcção da ilha fluctuante.

O proprio governo foi forçado a intervir nesta momentosa questão, que apaixonou a opinião publica de todo o mundo.

Entretanto, a I. F. I. começava a ser construida nos estaleiros Lennartz. Nora e Ellissen, na véspera duma projectada viagem á volta do mundo, foram admirar os primeiros trabalhos e, nessa tarde, os dois comprehenderam que, nos seus destinos, havia um capitulo, pelo menos, que o mesmo punho subscrevera...

Aproximava-se o dia da inauguração. Centenas de marinheiros corriam sôbre a sonora prancha da gigantesca ilha.

As sirenes atordoavam os ouvi-

I F I NÃO RESPONDE

(*Continuação*)

dos. Era preciso que tudo estivesse prompto para o dia fixado: O hotel, destinado aos passageiros, as salas de jogos, as piscinas, a bibliotheca, o casino... Uma verdadeira Metropolis em pleno mar alto, no meio do Atlantico!

Jean Droste não tinha mãos a medir. Radiogrammas chegavam de toda a parte do mundo, pedindo informes, detalhes sobre as peças e todos os machinismos da ilha. Porém, a phrase com que o engenheiro respondia á ansiedade do publico e dos interessados, era sempre a mesma: "tranquilizem-se! dentro de poucos dias os primeiros aviões poderão aterrar na ilha". Ellissen, do qual nem a propria Nora tivera noticias detalhadas durante os dois annos que durou a construcção, regressou subitamente. Mas já o coração da rapariga se havia inclinado mais para a olympica persistencia e a corajosa serenidade de Jean Droste. A inquietação anormal e egoista do aviador, tinha-a desilludido. Nora não lhe guardava rancor, mas sentia a impossibilidade de ligar

o seu destino ao de Ellissen.

Dias depois, Droste foi prevenido pelo medico da ilha que o telegraphista, possivelmente envenenado, perdera os sentidos. Esta revelação alarmou sériamente o engenheiro, tanto mais que, na véspera, haviam iniciado ambos um trabalho de extraordinaria importancia, numa sala secreta que constituia a propria alma da ilha. Droste começou a receiar a sabotagem, já em tempos mysteriosamente tentada por alguem que nunca conseguira descobrir, — como na singular imperfeição de certos trabalhos e materiaes, de fundamental importancia para uma absoluta segurança da ilha.

Resolvendo tirar o caso a limpo, propoz-se fazer um inquérito entre o pessoal.

Ao mesmo tempo que o ruido dum motor denunciava nitidamente que um dos aviões ia levantar vôo, Droste recebia no posto telegraphico um radiogramma nos seguintes termos: "Vapor L'Alouette" cruza amanhã cincoenta milhas sudoeste "I. F. 1" ponto faça signaes ponto..." Quando Droste correu para o mechanico chefe — que ficou substituindo o telegraphista doente — e lhe perguntou o que significava aquelle radiogramma, Damsky limitou-se a impôr-lhe silencio com um revólver, ameaçando-a de atirar, ao primeiro movimento que fizesse.

Instantes depois o telegraphista dos estaleiros Lennartz, que acabava de se pôr em communicação com a "I. F. 1", ouvia o primeiro tiro de revólver. Nora precipitou-se sobre o michophone; a milhares de kilometros de distancia, ouviu a segunda detonação... depois outra... outra ainda... Julgou endoidecer. O alto-phalante transmittiu todos os detalhes duma batalha, talvez dum duello, mas sem uma palavra... Só se ouviam ruidos de vidros estilhaçados, e de tiros, cada vez mais frequentes.

Dahi a momentos, — depois dos irmãos de Nora a terem arrancado do microphone, lembrado-lhe que talvez o posto transmissor não fôsse o da ilha, — o telegraphista dos estaleiros annunciava-lhes: "A ilha fluctuante numero 1 não responde!"

ROMANCE...

(Para Luciano Ribeiro de Moraes)

Ella era ainda quasi uma menina,
delicada, franzina,
tinha o sorriso puro, transparente,
e a voz tão doce
como si fosse
o marulho de um córrego dormente...

Eu era um desenganado,
da ventura divorciado,
scéptico, escarnecedor
de tudo quanto existe:
— tinha a furia impotente de um triste
sossobrado na dor...

Encontrámo-nos um dia...
(pela estrada ella ia
cantando uma canção qualquer...)
Calou-se... e olhou-me sorrindo:
— o seu sorriso era uma flôr se abrindo
de uma pequena bócca de mulher...

Conversámos... e, então,
abri-lhe o coração,
contei-lhe a minha mágoa...
E, ella, toda commovida,
escutou minha historia dolorida
com os olhos razos d'agua...

Depois, numa noite tropicalesca
em que se via a abobada gigantesca
do Infinito
toda bordada de pinturas loucas,
o amor uniu as nossas bóccas...

...E agora eternamente unidos,
vencidos
pelo mesmo desejo
emfim,
eu conto o meu romance assim:
— um sorriso... uma lagrima... e um beijo...

EVAGRIO RODRIGUES

NO RESTAURANTE — O' João, necessitamos encommendar óvos frescos?
— Não senhor; ainda os temos para uns dois mezes.

A RODA DA VIDA

No turbilhão
da vida newyorkina,
cada cabeça
é um mundo em ebulição...
Cada cabeça
é uma officina,
onde um obreiro enfórna
um sonho — e se esmóe a bater
na bigorna
a "arte de viver"...

Vejamos essa
que ahi vae — é a de um inventor.
Essa cabeça,
em meio á turba
louca, no vae-vem da rua,
labora, luta, súa,
mas não se conturba:—
inventa!

E' a machina complexa, barulhenta,
vae crescendo no cerebro-fornalha,
e agita-se, trabalha!

Alavancas, poléas, rodas e bielas,
eixos, cylindros, engrenagens, manivelas
puxam, repuxam e giram em movimento:
Vêde! Está completo o invento!

Mas, ao cruzar o inventor
a Via do Destino—!
....um automovel assassino
interrompe-lhe da Vida o magico motor.

Qual a ultima impressão
dessa cabeça?
Talvez uma lagrima de mãe, a pressão
do braço anonymo que a ampara, uma visão
da infancia querida...

...e a treva espêssa,
principio e fim da Vida!

(Nova York abril de 1933).

ARTHUR COELHO

Na tela — O HEROE DO CINEMA — Em casa...

CUMPLICES...

A scena representa uma rica sala de jantar, onde terminam a refeição Maria-Rosa, 38 annos, e Pedro, seu marido, 45 annos.

. . . .

PEDRO (*após uma longa pausa*). — Ah! o café. (*com ar distraido*). Puzeste assucar?

MARIA-ROSA (*tambem distraida*). — Sim...

PEDRO (*displicente*). — Ainda não voltou Maria Helena?

MARIA-ROSA (*num suspiro*). — Ainda não...

PEDRO (*por dizer alguma coisa*). — Devias tel-a acompanhado...

MARIA-ROSA (*pesarosa*). — Devia, Pedro, devia não só tel-a acompanhado, mas ainda ir eu mesma enfrentar a situação.

Mas...

PEDRO (*interessado*). — Mas...?

MARIA-ROSA (*num gemido*). — Mas não posso... nunca terei coragem de enfrentar aquella pobre mãe...

PEDRO (*superior*). — Não comprehendo a tua extrema sensibilidade, nem o porque dessa attitude.

MARIA-ROSA (*com amargura*). — E' natural que não a comprehendas, porque sómente as mães poderão comprehender-me... Tú és homem, e para um homem o filho apenas significa alguns momentos de prazer; para nós mulheres, sêr mãe é soffrer, soffrer sorrindo, mas soffrer.

PEDRO (*amuado*). — Não pretenderás que sejam os homens os culpados dessa anomalia...

MARIA-ROSA (*protestando*). — Anomalia? Nunca será uma anomalia, para nós, soffrermos por aquellas almas que Deus nos confiou...

PEDRO (*querendo terminar a discussão*) — Mas, emfim, que temos nós a vêr com o fim tragico do Paulo?

MARIA-ROSA (*acabrunhada*). — Nada, Pedro, nada... Apenas... não sei como explicar-me... uma especie de... Digamos culpa moral.

— Meu irmão vae a Paris. Que quantia pensas deve elle levar?

— Depende. Si fôr só, dez contos para um mez não é muito; si fôr com a esposa, a metade é o sufficiente.

PEDRO (*sem comprehender*). — Culpa moral? Que queres dizer com isso?

MARIA-ROSA (*com firmeza*). — Aquillo que a tua propria consciencia deve gritar-te a toda a hora...

PEDRO (*violento*). — Accusas-me?...

MARIA-ROSA (*soluçando*). — Sim accuso-te, assim como me condemno a mim mesma...

PEDRO (*num grito de revolta*). — A mim?... A mim?!

MARIA-ROSA (*como mordendo as palavras*). — A ti, sim! A ti, que foste o primeiro a amesquinhal-o. A ti, que não duvidaste em proclamar a sua franqueza. A ti, que, sómente quando o visto vencido e esmagado pela infamia, sómente nessa hora, começaste a pensar que, talvez tivesses ido um pouco longe...

PEDRO (*sarcastico*). — Julgas-me, então, um criminoso?

MARIA-ROSA (*com violencia*). — Sim! Um criminoso moral!

PEDRO (*ironico*). — E tu uma santa...

MARIA-ROSA (*dolorosamente*). — Não; eu tambem sou uma criminosa, mas o meu crime é menos perverso do que o teu.

PEDRO (*interrompendo-a, num sorriso*). — E' natural...

MARIA-ROSA (*com amargura*). — Não, não é natural; é doloroso. Tornei-me culpada por não têr reagido contra a infamia. Fui a tua cumplice, embora involuntaria por não têr-te desmascarado deante de todos. Não mereço sêr perdoada, porque, sendo mãe, me esqueci daquella outra que viria soffrer com a minha covardia...

PEDRO (*cynico*). — Si pensavas tudo isso, por que não falaste?

MARIA-ROSA (*sucumbida*). — Já te disse: por covardia.

PEDRO (*com desdem*). E' muito commodo, para vocês mulheres, serem as primeiras a censurar e apontar os erros dos outros, e, depois de commettido o mal, adoptar um ar triste e empurrar a culpa para nós homens, que apenas agimos instigados por vocês. (*Com desprezo*) Ah, as mulheres!... Vocês passam a vida a espionar, calcular, inventar tragedias, que, geralmente, procuram realizar, e, após o exito completo, passam a julgar-nos como unicos responsaveis e criminosos daquelles actos que tão minuciosamente arranjaram... Ah as mulheres!

MARIA-ROSA (*accusadora*). — Negarás que foste sempre inimigo do Paulo?

PEDRO (*desafiando*). — Não, não negarei tal coisa, assim como não negarei que foste tu que me revelaste a sua deslealdade.

MARIA-ROSA (*defendendo-se*). — Tambem eu não nego tal facto, nem procuro desculpar-me; entretanto, si contribui para esse triste final, não insisti como tú, com mansidão e tartufice, até vêr consummado o crime...

PEDRO (*interrompendo*). — Como?

MARIA-ROSA (*com firmeza*). — Sim o crime. O teu crime!

PEDRO (*num sorriso cynico*). — O nosso... Não sejas dramatica nem tão altruista! O nosso...

MARIA-ROSA (*angustiada*). — Deus, meu Deus...! Mas isto é horrivel!... A tua consciencia não te diz nada?

PEDRO. — A minha consciencia? Ora, deixa de phrases! Tenho eu lá tempo de escutar essa senhora!

MARIA-ROSA (*com grande afflicção*). — E

aquella mãe, aquella pobre mãe, como estará?

PEDRO (*com frivolidade*). — Como estão as outras mães que perdem seus filhos: nem mais afflicta, nem menos calma.

MARIA-ROSA (*n'um grito*). — Cala-te, ouviste, cala-te! Monstro! E' assim que te arrependes do mal que praticaste? E' assim que encaras a dôr alheia? E' com essa mentalidade que esperas apresentar-te para remir a tua culpa?... Ah! que angustia, que angustia e que solidão...

PEDRO (*sorridente*). — Continúas dramatica... Por que falas em solidão quando estamos juntos e, agora, ainda mais ligados por isso a que chamas pomposamente "o nosso crime moral"?

MARIA-ROSA (*com horror*). — Nunca ouviste! Nunca!... Vamos separar-nos... Sim, não rias: Vamos separar-nos e para sempre. Eu não poderia continuar a viver junto a ti... Não ha nada que nos ligue um ao outro... nem mesmo essa culpa. E, justamente quando estamos a sós, como neste momento, é que nos sentimos mais distantes um do outro, porque não ha nada mais triste do que a solidão de dois em companhia...

PEDRO (*sempre ironico*). — Como é isso?

MARIA-ROSA (*logica*). — Sim, a indifferença de duas creaturas que não se amam e que, embora estejam numa mesma sala, como não existe affecto algum que as una, se acham isoladas...

PEDRO (*serio*). — Ah! Queres dizer com isso que não me amas?

MARIA-ROSA (*sincera*). — Nunca te amei e tambem nunca te occultei a minha indifferença.

PEDRO (*brutal*). — Sim... indifferença que te fez viver em minha casa e em minha companhia durante 20 annos...

MARIA-ROSA (*ironica*). — Em tua presença, queres dizer, porque nunca foste companhia para mim, assim como esta casa nunca foi tua...

PEDRO (*violento*). — Sou teu marido!

MARIA-ROSA (*mordendo as palavras*). — E's, ou julgas sêr dono e senhor, quando não passas dum pobre homem!... (*Com resolução*) Escuta: nós não podemos continuar assim. A tua figura é-me dolorosa, insupportavel... Não sei,... tenho a impressão de vêr deante de mim um phantasma que me incita ao mal e... Pedro, eu não quero, não posso continuar ao teu lado, porque ficaria louca...

PEDRO (*superior*). — Vae-te, então...

MARIA-ROSA (*revoltada*). — E por que sahirei eu da casa que herdei dos meus paes, quando tu és aqui o unico intruso?

PEDRO (*com naturalidade*). — Porque és tu quem desejas esta separação e, como eu não estou disposto a sahir...

MARIA-ROSA (*com decisão*). — Bem, nesse caso, lutaremos frente a frente e como inimigos.

PEDRO (*energico*). — Lutaremos!

MARIA-ROSA (*após pequena pausa, e com firmeza*). — Olha: Maria-Helena vae chegar dum momento para outro. Contar-lhe-emos a nossa culpa e o longo martyrio que tem sido a minha existencia e ella, a nossa filha, ella nos julgará.

PEDRO (*violento*). — Jamais, ouviste?, jamais! Sou o pae; sou quem manda nesta casa e não me sujeitaria a tal vexame.

MARIA-ROSA (*tenaz*). Vae-te então...

PEDRO (*energico*). — Não! O meu logar é aqui, nesta casa, comtigo e com nossa filha.

MARIA-ROSA (*insistente*). — Então ella nos julgará!

PEDRO (*solenne*). — Ella não nos julgará; ella apenas poderá perdoar-nos.

MARIA-ROSA (*com angustia*). — Quando ella souber...

PEDRO (*interrompendo*). — Quando ella souber, terá esse gesto magnanimo e dôce que tu não sabes têr e somente verá em nós dois infelizes que o destino e os homens uniram.

MARIA-ROSA (*após uma pequena pausa e numa voz meiga e supplicante*). — Não, Pedro... Escuta: pelo amor da nossa filha... pelo amor que talvez um dia me tiveste... por aquillo que de mais sagrado exista, poupa-me a tua presença... afasta-te algum tempo desta casa... viaja... (*Num supremo sacrificio*) Se de todo não podes prescindir de sua presença, leva comtigo Maria-Helena, leva-a por algum tempo... Não sei... uns mezes... até que as lagrimas e os lamentos dessa infeliz mãe estejam mais mitigados... até que a voz angustiada do pobre Paulo deixe de atormentar os meus ouvidos... até que a noite que sinto aproximar-se rapidamente comece a invadir-me...

PEDRO (*commovido*). — E ficarias só?...

MARIA-ROSA (*com meiguice e resignação*). — Não... Ficarei com a minha culpa, com as minhas recordações... com a minha consciencia...

PEDRO (*com sincera emoção*). — Então?...

MARIA-ROSA (*n'um suspiro*). — Já vês que não fico só...

Luis de Góngora

O barbeiro italiano (enthusiasmado, depois de uma conversação sobre Mussolini). — E, presentemente, com que paiz pensa o senhor estar a razão?

O cliente (sabiamente). — Com a Italia, homem, com a Italia!

A MULHER NUMERO 2

DESDE o caso doloroso de Canella — Canella ou Bruneri? — da longinqua Collegno, até o film sensacional de Pirandello, em que Greta Garbo se mostrou mais enigmatica que nunca, os desmemoriados estão na moda. Volta-me á memoria o caso do senhor Roberto Santos, nosso vizinho e amigo.

Numa tarde fatal, de inverno carioca, sahiu de casa a pequenina senhora Santos, alinhada e bonita como sempre.

Um encanto de mulher! Ao atravessar uma das ruas da cidade, madame Santos ouviu muito bem o *fonfonar* angustiado do automovel; mas ella estava andando entre as duas linhas dos pregos de metal, e dentro, pois, do seu direito, conforme as leis da prefeitura, que impõe aos motoristas o respeito devido ao transeunte e continuou a caminhar sem se preoccupar com as consequencias.

O automovel apanhou-a de lado; fél-a rolar como uma boneca de trapos e parou, felizmente, embora o conductor tivesse assignado, na véspera, um seguro contra os accidentes de toda especie, que desejava embolsar...

Olguinha Santos fez um buraco fundo na testa e quebrou o braço esquerdo. Seu proprio algoz transportou-a no carro até a clinica onde se tratam os accidentes dessa ordem.

Um cirurgião, afamado pela arte com que sabia reconstituir o corpo humano, lá estava para curál-a com muita technica e um pouco de fantasia. O braço ficou logo concertado, mas a memoria evadiu-se pelo buraco da testa de madame Olga Santos... Este ultimo accidente installou-se sorrateiramente, sem que ninguem se apercebesse do occorrido senão quando Olga Santos, contemplando o marido, com surpreza, lhe perguntou:

— Que deseja o senhor?

O senhor Santos respondeu com a voz alterada.

— Nada; sou eu, minha querida!

— Quem "eu"? — insistiu a *querida*, com uma vasta prega vertical entre as sobrancelhas.

— Ora essa!... Sou eu... teu marido... teu Roberto!...

Madame Santos abanou a cabeça.

— Não conheço Roberto algum e não sou casada!

O senhor Santos ficou boquiaberto!... O cirurgião, testemunha da conversa, esfregou as mãos, e disse:

— E' um caso curiosissimo!

Naturalmente, todos concordaram logo, e madame Olga Santos recuperou totalmente a saúde! Comia bem, dormia sem pesadelos, sabia ler e escrever; lembrava-se dos aeroplanos, da geladeira e do vestido que ia experimentar quando succedeu a desgraça... Não hesitava sobre a topographia do apartamento, mas não guardava mais lembrança alguma do senhor Roberto Santos.

Este era um homem calvo, bem nutrido, robusto. Um desses homens que os estudantes classificam de *velho*, porque passa dos quarenta annos. Adorava a mulher e gabava-se de ser intensamente amado por ella.

Quando elle quiz deitar-se na cama commum ao lado da mulher, Olguinha deu um grito!

— Desaforo! Talvez tenha a pretenção de dormir commigo, não é assim?!

— E' incrivel! — gemia o senhor Santos. — Lembra-te que sou o teu Roberto... o teu Roberto!

— Meu caro senhor: Ainda sou bastante moça e formosa! — Si eu

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

tivesse um Roberto na minha vida, juro-lhe que seria mais bonito do que o senhor!

— Mas, emfim... dei-te o meu nome! Olha estes lençóes: estão bordados com as nossas iniciaes entrelaçadas!

Simples coincidencia, que o não autoriza a importunar-me!

O senhor Santos sahiu desesperado e foi ter com o medico.

— Seu caso torna-se, dia a dia, mais curioso! Vou fazer uma interessante communicação á Academia de Medicina — disse o cirurgião.

— Acha que vae durar ainda muito tempo?

— Oh! Parece-me definitivo!

— Que?! Minha mulher nunca mais me reconhecerá?...

— E' provavel!

— Mas, então, que devo fazer?

O homem da sciencia reflectiu um instante.

— E' bastante delicado — disse elle; — parece-me comprehender que sua mulher experimenta, pelo senhor, uma verdadeira repulsa.

— E' a primeira vez desde que é minha esposa — disse, humilhado, o senhor Santos.

— Neste momento ella já o não é. E' preciso reconquistál-a!

— Como assim?

— E' simples; faça-lhe de novo a côrte... Inspire-lhe affeição... um grande amôr...

— São idéas shakespearianas!

— E são trezentos mil reis pela consulta! — concluiu o cirurgião.

O senhor R. Santos pagou e foi á cidade comprar flôres. Voltou para casa com 12 lindos chrysantemos que a mulher acceitou com indifferença.

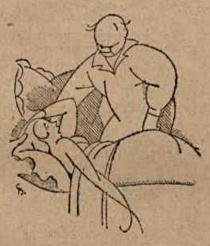
A partir desse dia, começou entre os dois um *flirt* originalissimo. O senhor Santos não chegava nunca em casa sem trazer um ramo de flôres ou uma caixa de bombons. Como no tempo do noivado, elle esperava e desesperava, alternadamente, com a differença de que tinha mais 15 annos de idade.

A nova conquista era muito mais difficil do que a primeira!

Si os velhos maridos precisassem reconquistar suas mulheres quando já tem uma barriga proeminente e falta de cabellos, com difficuldade conseguiriam o seu desideratum...

O cirurgião seguia de perto a tragedia conjugal. Era homem seductor e Olguinha o havia reparado; o senhor Santos tambem!

Elle, que jamais fôra ciumento, conheceu o ferrão e os espinhos dessa ridicula doença.

Desde a primeira scena que tentou fazer, a mulher o interrompeu.

— Com que direito o senhor me fala neste tom?... Sou maior e senhora absoluta dos meus actos!

A desgraça do senhor Santos foi total, completa!

Olguinha não negou. Gabou-se mesmo da conquista. E quando o marido foi pedir satisfações ao medico, este retrucou.

— Faz parte da cura! E' unicamente em favor da sciencia. O caso é curiosissimo!

— Tenho vontade de estrangulál-o! — gritou o sr. Santos, com os punhos cerrados.

— Não faça isto! — conciliou o medico. Sua mulher é encantadora... ainda mais moralmente do que physicamente! Estou reeducando-a. Vou trazer-lha de novo!...

Não cesso de lhe cantar seus louvores e não abandono a esperança de lhe restituir a memoria e o amôr que ella tinha pelo senhor.

— Não, não! — berrou o marido. — Quero divorciar-me, quero separar-me já, e já!

— Impossivel! O senhor não póde!... A lei não autoriza a separação dos loucos, nem dos mentecaptos. O melhor é ter paciencia e esperar que tudo se acabe em paz. Talvez ella nunca mais o considere como marido, mas eu me comprometto a fazel-o acceitar como amigo... como protector...

E accrescentou, com grande cordialidade:

— Creia; ha um sem numero de homens de sua idade que se contentam com esse papel...

NO espaço infinito, existe um hino de amôr. Deus é Amôr!... As rosas — lindas bôcas vermelhas — fôram feitas para a caricia do luar.

Fôram feitam tambem para o beijo dourado das estrelas...

* * *

Vem, Amôr, Vamos brincar com as estrelas lá no céo...

A tua bôca é a rosa mais ardente do meu jardim.

— Que diria tua mãe se soubesse que andas fumando pelas ruas?

— E que diria seu marido si soubesse que a senhora se dirige, na rua, a rapazes a quem não conhece?

Poemas em prosa

Põe um beijo nos meus labios... Beijo vermelho. Longo como o ultimo. Longo como o infinito.

Escuta os poemas que deixo na concha dos teus ouvidos:

Vem, Amôr! Vou brincar com as estrelas lá no céo!...

Brumas... neblina... Cheia de tédio, parece que a natureza está chorando.

Noite.

O céu se debruça sobre a terra.

Escuridão.

Como um gemer aflito, o vento passa.

Escuta!

* * *

Ouviste bem? E' a voz do vento. Existe lá fóra muito gêlo. A minha bôca está fria. Deixa aquecer a minha bôca nos teus labios.

Espera um pouco...

* * *

Espera que o sol, espiando do alto das montanhas verdes, venha derreter o gêlo que existe lá fóra.

Espera... até que a aurora, abrindo as palpebras, venha me surpreender, envolto nos teus braços... Até que o sol, afugentando as brumas, venha vêr como eu sou feliz neste leito de sêdas...

Espera um pouco... Escuta... Eu tenho muitos poemas para dizer nos teus ouvidos.

PAULO FREITAS

O patrão. — Por que deixou meu primo entrar? Não lhe disse que não estava em casa, para ninguem?

O criado. — Mas é que eu não pensei que o senhor devesse, tambem, a seu primo...

O record da economia

(Segundo um attestado do Ministerio da Agricultura, o Ford Junior faz dezeseis kilometros por litro de gazolina).

O Ford Junior, lançado com tanto successo no nosso mercado pela Companhia Ford, recebeu, da Estação Experimental de Combustiveis e Minerios do Ministerio da Agricultura, um eloquente attestado sobre a sua economia de manutenção.

Assigna o attestado o dr. H. de Souza Mattos, engenheiro ajudante, sendo visado pelo dr. Fonseca Costa, director da Estação Experimental. Eil-o, na sua integra:

"Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1933.

— O senhor quer ter a bondade de me informar si esta é a segunda esquina, á direita?

Resultado da prova de consumo procedida no automovel Ford, Modelo "Y" (Ford Junior) fabricação ingleza da Ford Motor Company.

Carrosserie "Tudor" Saloon.

Motor 4 cylindros. Alesage 56,65 mm. Curso 92 56 mm. — 7.96 H. P.

Consumo por kilometro 62,5 cc. ou sejam 16 kilometros por litro de gazolina, na velocidade média de 35 kilometros por hora em estrada."

O elegante modelo Ford, devido ás fabricas de Dagenham, na Inglaterra, apresenta-se, assim, como um recordista notavel de economia.

Barros Vidal — A TORTURA DA CARNE — Edit. Alba — Rio — 5$

O primeiro livro é uma especie de pedra de tóque... Por elle podemos aferir da capacidade do escriptor que estabelece o seu contacto com o publico. E o publico, ou acceita, ou repudia de vez o estreante. Por isso, são perigosas certas exhibições prematuras. O autor desta novella soube primeiramente aprimorar as suas qualidades de escriptor, para lançar *A tortura da carne*.

Podemos consideral-o um victorioso. Sabe imprimir relevo ás idéas, caracteriza as figuras com traços fortes, movimenta as scenas, interessa o leitor.

Barros Vidal narra com facilidade, com abundancia de linguagem, colorindo as imagens, deixando patente a possibilidade de produzir obra de maior vulto.

Os pequenos defeitos que acaso notamos numa ou outra passagem da novella desapparecem deante da belleza da maioria das paginas. Nem é possivel exigir todos os rigores da technica a um escriptor que lança o seu primeiro livro.

Entretanto, apesar da ousadia do motivo central da novella, do cunho realista ou naturalista, como queiram, emprestado ao trabalho, Barros Vidal foi bastante feliz na empreza. *A tortura da carne* representa um dos aspectos da vida, no que ella tem de mais solido. O eterno conflicto da carne! Mas, por isso mesmo, o escriptor que sabe vestir as idéas, causticando o materialismo barbaro, torpe, produz obra digna de louvor.

A apresentação de Barros Vidal foi mais que auspiciosa. Conquistou a critica e o leitor.

Osorio Dutra — INQUIETAÇÃO — Dists. Editora Guanabara — Rio

OSORIO DUTRA é um dos nossos melhores poetas, autor de alguns livros magnificos.

Osorio Dutra canta pelo prazer de cantar...

Eu faço versos como quem brinca,
Eu faço versos como quem deixa
Beijos na boca de uma mulher.

Eis uma verdade que está no proprio verso do poeta. Elle faz versos como quem brinca, como quem sonha, como quem deixa beijos na boca de uma mulher... Indifferente a todas as escolas e aos preconceitos de qualquer especie, busca na illusão da vida a propria vida para o seu espirito emotivo, e canta:

Eu sei que tudo é mentira:
A vida, o amor, a ambição...
E minha alma ainda suspira
Por um pouco de illusão!

Eu sei que tudo é chimera:
Ronda em noite de Sabbat...
E o coração sempre espera
Um bem que nunca virá...

E o bohemio se revéla:

A tua hora é tão perfeita,
De tal maneira caprichosa,
Que me faz crer ter sido feita
com duas petalas de rosa.

Ha numa caricia tua,
Como na rosa do luar,
Um cheiro de mulher nua
No instante de se deitar.

Mas, a canção suave céde lugar aos impetos mais fortes de *Versos de fogo*.

Sol luminoso e forte,
Sol dos que soffrem pelo mundo,
Sol do verão azul da minha terra,
Entra pela janella do meu quarto
E sem bater, em cheio,
E sem cuidado,
Sobre a mesa em que escrevo estes versos de fogo!

Vem trazer ás paredes que me cercam,
Todas brancas de cal,
A apotheose vibrante dos teus raios,
De molde que eu perceba, ao teu contacto
Nas minhas veias e nos meus sentidos,
A poesia tranquilla das jangadas
E a vibração latente do Equador!

E' assim tropical, quente, todo o capitulo do livro consagrado ao Brasil:

Brasileiro dos bons,
Brasileiro de fibra,
Brasileiro de todo o coração,
Eu sinto, ardendo no meu pensamento,
Em palavras, em gritos, em torrentes,
A exuberancia multicor da nossa flora
E a poesia pagã das nossas lendas.
A' noite, tenho medo da Mãe d'Agua,
De dia, adoro o cantico de Iara.

Osorio Dutra é o poeta do rythmo perfeito. Maneja com superior elegancia as imagens, emprestando á sua producção um colorido vivo.

Tanto sabe ser *antigo* como *moderno*. Não é discipulo de nenhuma escola, porque é *mestre*, interpreta superiormente qualquer dellas.

Inquietação comprova o nosso juizo, pela variedade e excellencia dos versos. Si fossemos citar as peças

(*Continúa na pag. seguinte*)

do nosso agrado, acabariamos trasportando para estas columnas quasi todas as paginas do livro. Mas, não resistimos ao prazer de transcrever *Epicuro*, o soneto que reputamos o melhor do volume.

Mestre fecundo! Ascetico Epicuro!
Pela mão de Lucrecio, a lyra ao collo,
Entro no teu jardim, e, hospede obscuro,
Canto as linhas harmonicas de Apollo.

Porque do mundo com fervor me isolo,
Os sentimentos e as paixões apuro:
E bemdigo a opulencia do teu solo,
Levando á bocca um pecego maduro.

Amigo teu que sou, nunca te olvido:
Devo aos teus livros o que tenho sido
E o que serei num buddhico Nirvana.

Na elysea paz do teu jardim, eu creio
Gozar num beijo sobre a flor de um seio
Toda a volupia da existencia humana.

Adhemar Vidal — 1930 — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 10$

SÃO quinhentas paginas, formando um compacto volume da historia da revolução na Parahyba. O autor narra detalhadamente os episodios da luta no Nordeste, focalizando nomes, registrando factos, deixando patentes as suas qualidades de sagaz observador e chronista seguro.

Euclides Andrade — CAIPIRAS E CAIPIRADAS — Civilização Brasileira — Rio — 5$

UM volume de sadio humorismo, que o autor, mais conhecido por Epandro, offerece aos seus admiradores que são legião. Anecdotas magnificas, contadas com a maior simplicidade. Leitura recommendavel para a época actual de apertunas...

A. Hesnard — A PSICANALISE — Edições Unitas — São Paulo — 5$

COMO obra de divulgação, este trabalho é perfeito, pois contém o que ha de essencial na psycanalise.

E' uma fonte de informações para aquelles que desejam conhecer em seus fundamentos a theoria sexual do professor Freud. O autor estuda os pontos capitaes do assumpto, com clareza e honestidade, conseguindo dest'arte interessar o leitor.

A apresentação material merece elogio.

Alexandre Lipschutz — PORQUE MORREMOS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

MAIS um volume de real interesse, da serie denominada: *Iniciação scientifica*. Por que morremos?... O biologista notavel que é Lipschutz explicanos o *porque*. São doze lições magnificas, ao alcance de todos, pois o trabalho não se destina apenas aos biologistas.

Chrysanthéme — FAMILIAS... — Renascença Editora — Rio — 5$

NO quadro das nossas escriptoras, a autora deste romance tem um posto de merecido relevo. E' um espirito brilhante, culto, que exerce a chronica, o conto, o romance, com invulgar successo. Por isso, mento das obras de *Chrysanthéme*, que dispõe de nada mais resta á critica sinão registar o apparecipublico proprio.

Familias..., é um romance de fino senso psychologico, desenvolvido no ambiente carioca. As figuras, tratadas com esmero, têm vida, movem-se com desembaraço aos olhos do leitor, podendo algumas ser identificadas no circulo das nossas relações. Ellas cruzam as ruas da cidade nas horas de intensa vibração da luta pelo dinheiro, cultivam a intriga amorosa, frequentam as casas de chá, discutem o divorcio como medida indispensavel aos mal casados, fazem até o elogio do communismo, e, por fim, como Noemia, na ultima etapa da vida, podem ter o consolo de um proveito: o *de poder envelhecer em paz, num canto, como qualquer animal vencido...*

Ha em *Familias...* a perfidia, a malicia, cultivadas com superior intenção; por isso, o romance de *Chrysanthéme* atráe, singularmente.

Robert Louis Stevenson — O CLUBE DOS SUICIDAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

TRADUZIDO do original inglez *New arabian nights*, pelo conhecido escriptor Godofredo Rangel, este volume pertence á *Collecção Para Todos*, que o nosso publico tanto aprecia. São 250 paginas de palpitante interesse.

R. HOWARD — O MISTERIO DA MADISON SQUARE, 6$ — Edições Unitas — São Paulo — 4$

TRATA-SE de um romance policial cheio de lances emocionantes. O autor focaliza a personalidade do policia amador Ben Wilson, cujas incriveis façanhas o tornaram um espantalho dos criminosos da America do Norte.

Paul Reboux — A MESA E A SOBREMESA DOS DIETETICOS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

O titulo do livro está indicando a sua utilidade. O peixe morre pela bôcca... Por isso, os doentes precisam saber o que comem, e como devem comer. O volume contem trezentas receitas de pratos para todos os enfermos sujeitos a regimens especiaes. Os que soffrem de arthritismo, diabétes, gastralgias, etc. estão de parabens.

Malba Tahan — LENDAS DO OASIS — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

NADA mais ha para dizer acerca da belleza dos contos orientaes de Malba Tahan. São prodigiosos, pela concepção pelo engenho, pela arte do autor. Neste volume encontram-se quinze trabalhos, e difficilmente o leitor poderá saber qual delles é o melhor. A apresentação material é magnifica.

Mario Poppe

DESTINO DE IRMÃS

DE

CARLOS RAMOS

A nova vida no Rio de Janeiro fôra uma pagina completa-ente inedita para a familia do ronel Zoroastro. Especialmente ra suas filhas Maria Lucia e aria Esther, que se julgavam em n verdadeiro paraiso. Não se far-vam de bemdizer a resolução do ronel, liquidando todos os seus iveres no Sul para virem morar coração do Brasil. Tanto mais te vinham aprimorar a educa-o, conforme desejos dos paes.

Apesar de sempre viverem jun-s e haverem, até então, recebido mesmos ensinamentos, Maria icia revelava um caracter bem fferente do de sua irmã. Não ro era advertida pela mãe e lo proprio pae sobre a necessi-de de conter os impetos do seu mperamento ardente e accentua-pendor para tudo o que trans-rasse luxo, vaidade, futilidade.

O contrario se verificava com aria Esther. Conservára a mee-meiguice dos tenros annos, o smo apêgo aos paes que tanto orava e que, por isso, tanto bem queriam. Dir-se-ia que era o trato de d. Mariquinhas, sua le, senhora altamente estimada r todos quantos tinham a ven-ra de conhecêl-a.

Affeiçoada aos livros e ás crean, não foi difficil para Maria ther reconhecer a sua declarada ação para o magisterio. Havia ser professora. Assim pensou, im, agiu, apoiada por d. Mari-inhas que era, em casa, quem cidia sobre taes assumptos.

No anno seguinte, Maria Esther nspunha os humbraes da Escola rmal. Mau grado os insistentes nselhos maternos, Maria Lucia lulvára-se de seguir o exemplo irmã, contentando-se com rece-um verniz literario e apren-alguma coisa de piano, o bas-tante para estropiar alguns tre-chos de musica seria e martellar sambas de morro. Em materia de estado não conseguira ir um pal-mo além... Entretanto, amava a vida de ostentação, e, graças a isso, já possuia um vasto circulo de re-lações do mesmo quilate.

Como sóe acontecer, mercê do seu temperamento irrequieto de mulher sensual, da alegria com-municativa, que transbordava do seu olhar fascinante, das risadas que cascateavam da sua bôcca ro-sea e perfumada, Maria Lucia era sempre desejada de uma legião de rapazes que lhe disputavam a preferencia nos bailes e salões de festas.

— Desculpe-nos, senhor. Terá, por acaso, uma moedinha? Desejavamos vêr, de nós dois, quem vae ficar com o seu relogio, e a quem caberá a sua carteira.

Assim decorreram varios annos.

* * *

Chegára, emfim, para Maria Lu cia, o seu grande dia. Realizava-se o seu casamento.

No lindo *bungalow* em que fôra residir, em Botafogo, já não havia um unico convidado. Emfim sós!

Maria Lucia atira-se aos braços vigorosos do esposo, o engenheiro Marcio Land, dizendo, em tom de desabafo:

— Como sou feliz, meu amôr!

— Somos ambos felizes, Maria Lucia — emendou o engenheiro.

— Agora, que possuimos o nosso ninho de amôr, ninguem deve vir perturbar a nossa felicidade. Nem agora e nem depois... Não é as-sim, meu amôr? — disse a joven esposa, com reticencia na voz.

— Não te comprehendo, querida!

— Explico-me, Marcio. Aspiro vi-ver em uma interminavel lua de mél. Assim sendo, o tempo será exiguo para nos amarmos, para gozarmos as delicias que a vida offerece. Nossa familia, querido, resumir-se-á em duas pessôas: tu e eu...

As ultimas palavras foram pro-nunciadas com voz sumida ao mes-mo tempo que Maria Lucia as fazia acompanhar de gesto indi-cativo.

— Pensas desse modo, querida? Pois as tuas vontades serão as mi-nhas. Concordo comtigo. Ademais, a nossa sociedade não tolera essa coisa prosaica e profundamente burgueza de se constituir familia, criar filhos. Livre-me Deus! — obtemperou o engenheiro, com em-phase.

— Reputo esse o unico meio de

(*Continúa na pag. seguinte*)

se conservar a mocidade e destructar uma vida de ventura — concluiu, sentenciosa, Maria Lucia.

Um beijo prolongado interrompeu o dialogo...

* * *

Altamiro Lessa era um modesto funccionario da Secretaria de Estado, porém dotado de lidimas qualidades que o tornavam digno da mão de Maria Esther.

Como d. Mariquinhas não mais existisse e o coronel Zoroastro tivesse regressado para o Sul, aonde fôra curtir as saudades da companheira extincta, Maria Esther casára-se, por favor, na casa de uma collega professora da mesma escola em que trabalhava, no suburbio.

Maria Lucia, ausente em viagem de recreio, enviára-lhe apenas um lacónico telegramma de parabens.

Ao contrario da irmã orgulhosa, Maria Esther fôra residir em uma casa modesta, porém sympathica, attrahente.

Fiel á linha de conducta que se traçára, secundada pelo joven esposo, Maria Esther e Altamiro Lessa iniciaram a nova vida identificados nos mesmos ideaes. Despidos de soberba e hostis ás ostentações de toda especie, instituiram o seu lar sob a égide da lei divina do "crescei e multiplicae-vos."

Assim é que, um anno mais tarde, o casal festejava o apparecimento do seu primogenito — um lindo garotinho.

Maria Lucia, que havia muito tempo não visitava a irmã, déra-se o incommodo de ir vêl-a, mais para censural-a do que para ver o rebento.

— Esther, vejo que necessitas de meus conselhos.

— De conselhos? Não comprehendo, Lucia — respondeu, surpreza, Maria Esther.

— Pois não vês que és uma simples professora, casada com um pobretão, e que não devias constituir familia? Só os ignorantes, os que não pensam é que cuidam de ter prole — disse Maria Lucia, em tom autoritario.

— Discordo de ti — atalhou, com acrimonia, Maria Esther — Acho errado o prisma por que enxergas a vida. O casamento é uma necessidade social e assim o devemos considerar. A instituição da familia é a mais antiga e a mais bella conquista da humanidade. Nunca deverá ser pretexto para gozos faceis e materiaes que, escalando pelo tédio, culminam na dissolução e na degenerescencia.

DESTINO DE IRMÃS

(Continuação)

— Ora, deixa-te de illusões, Esther! Um casal pobre jamais poderá ter uma prole feliz. Sem dinheiro não se criam filhos e nem se pódem educal-os. E' uma estultice de quem vive de salario pensar em constituir familia. E' o teu caso e o de teu marido. Considero uma loucura da parte de ambos — contestou a irmã, com ar de reprovação.

— Basta, Lucia! Não és tu que me has de vir dar conselhos de que não necessito. Não ignoras que sempre pisei terreno firme, ao passo que tu te deixaste escravizar pelo orgulho malsão, fructo do teu pobre espirito.

Erguendo-se bruscamente da cadeira, Maria Lucia, ao mesmo tempo que se encaminhava para a porta:

— Bem: acho que devo retirar-me. Si algum dia te encontrares pobre de dinheiro e rica de filhos, queixa-te de ti mesma. Adeus!

Maria Esther, enxugando uma lagrima e invocando o testemunho do céo, acompanhou com um olhar piedoso Maria Lucia, que, instantes após, se installava em um luxuoso "Cadillac".

* * *

Foi em uma tarde brumosa de junho que o corpo de Altamiro Lessa, acompanhado por amigos dedicados, seguiu rumo da derradeira morada, victima que fôra de implacavel molestia.

Maria Esther, o coração trespassado de dôr, abraçára-se com os seus cinco filhos — tres meninos e duas meninas — na transfiguração perfeita de um quadro de soffrimento.

Nessa mesma tarde, com geral surpreza, Maria Lucia e o marido entraram pela porta a dentro.

— Pobre Esther! — disse Maria Lucia, ao avistar a irmã. — Viemos aqui nos inteirar de tua situação. Com tantos filhos, assim, não poderás viver, visto que não dispões de meios para proveres ás tuas necessidades. Proponho que os teus filhos menores venham para a nossa companhia. Ficarás com encargos menores e mais liberdade de acção.

— Isso nunca, Lucia! — respondeu Maria Esther, entre soluços. — Sou ainda moça e sinto-me com forças de trabalhar para meus filhos. Hei de criál-os e educál-os, custe o que custar. Curvar-me-ei aos mais duros sacrificios. Amo-os muito para me separar delles. Ademais, sempre detestaste creanças. Os pobrezinhos teriam algozes, em vez de paes. Recuso o teu auxilio, Lucia. Infelizmente, não nos comprehendemos.

Maria Lucia fez um signal ao marido. Dali a pouco ambos tomavam o carro que os aguardava, á porta, regressando ao confortavel palacete em que residiam.

Dessa data por deante, a vida

ZÉ GOMES

(Conclusão)

vingança, sozinho, remando sob o sol e a chuva, attingindo, emfim, o seringal onde trabalhava o miseravel seductor.

Catingueira buscou Zé Gomes. E, apanhando-o occasionalmente sozinho, exigiu, de faca em riste, as satisfações, em tom que dizia bem claro os seus designios sangrentos. Zé Gomes, estribado no seu prefoncinto, riu-se largamente. O caboclo insistiu nas satisfações. Zé Gomes não se revelou disposto a dál-as. Foi por isso que, naquella noite de 15 de julho de 1917, uma facada á italiana, dada por Catingueira no ventre do violador de mulheres, o fez cahir estrebuchan-

de Maria Esther desenrolou-se em uma verdadeira odysséa. Como os proventos do labor escolar fossem insufficientes para o sustento da casa, entrára a coser até alta noite, afim de, com mais alguns magros tostões, acudir ás necessidades prementes. Não podendo continuar a viver na mesma casa em que tivéra dias felizes, mudára-se para outra, de habitação collectiva, onde o ambiente era irrespirável, dada a differença de nivel social entre ella e os moradores. A tudo Maria Esther supportava com estoicismo proprio de espiritos privilegiados, conscia da grande missão que tinha a cumprir.

A' proporção que os longos dias de lutas e decepções se succediam, as creanças, na sua doce ignorancia, iam crescendo com a alacridade propria dos primeiros annos.

* * *

Na casa do dr. Roberto Lessa festejava-se o seu anniversario.

Naquella tarde, no conhecido solar da Tijuca, a sociedade carioca estava representada pelos seus mais distinguidos elementos. Todos ansiavam por homenagear o joven medico e scientista que já se impuzéra pelo seu raro valor intellectual e moral. Uma orchestra de professores emprestava brilho á delicada festa.

Maria Esther, mãe do dr. Roberto, não cabia em si de contente ao contemplar aquelle quadro confortador, cercada de filhos, netos e amigos. Sentia-se feliz pela amavel recompensa que Deus lhe reservára no ultimo quartel da vida. Valêra a pena ter soffrido, para, então, ver as filhas bem casadas e os rapazes occupando posições honrosas, que conquistaram pelo proprio esforço.

... como um cevado, com as visceras derramadas numa posta de sangue...

Catingueira arrancou-lhe o buxo, deu para os urubús, e arremessou o cadaver n'agua, p'ra não boiar... p'ra não boiar...

* * *

— P'ra num boiá, Zé Gomes, p'ra num boiá!...

Fechou os olhos... A acauã, nos viuges, cantava ainda o mesmo canto phantastico.

No humbral, os braços em cruz, a mulher do Catingueira, pállida, demudada, chamou:

— Vem d r u m i, home, vem drumi...

A noite estrellada deixou cahir o manto espiritual do silencio sobre a paz bucolica das cousas...

DESTINO DE IRMÃS

(Conclusão)

Em dado momento, quando Maria Esther palestrava com alguns convidados, vieram dizer-lhe que alguem desejava falar-lhe. Excusando-se por alguns instantes, foi ter ao "hall" consoante lhe haviam indicado.

— ?!

— Eu mesma, Esther. Tua ingrata irmã.

— Depois de tantos annos? A que devo a tua presença nesta casa, Lucia?

Maria Lucia, as faces rorejadas de lagrimas, atirou-se aos braços da irmã, sem proferir palavra.

Instantes após, nos aposentos de Maria Esther, seguiu-se este dialogo:

— Sou uma infeliz, Esther. Eu, que desdenhava ao teus conselhos, hoje reconheço o meu grande erro quando julgava poder dar-tos.

— Não penses nisso, Lucia. Quando chegaste ao Rio?

— Ha quasi um anno que regressei da Europa, aonde fôra com o meu marido para uma estação de cura. Coitado do Marcio!

Mau grado os esforços da sciencia, não logrou sobreviver á molestia que lhe minára o organismo. Regressei só, para o Brasil, e desde esse tempo que vivo em completo isolamento.

— E's rica, Lucia. Não te faltará conforto.

— O melhor conforto é o da alma, querida irmã, e esse não se compra com dinheiro, bem o sabes.

— Não te comprehendo. Algo te pesa na consciencia?

— Sim, Esther. Trago um grande arrependimento no coração que não cessa de atribular-me a consciencia.

— De que se trata, Lucia? Dize-me, por favor. Serei tua confidente.

— Pois eu t'o digo, certa de merecer o teu perdão.

— Nada tenho a perdoar. Fala.

E Maria Lucia abriu o coração a Maria Esther.

— Quando te nasceu o primeiro filho, apressei-me em ir á tua casa censurar-te pela disposição que tinhas de criar filhos. Aconselhei-te a que não proseguisses naquillo que eu considerava uma loucura, attendendo á tua situação e á de teu marido, modesto funccionario publico. Adoptando um ponto de vista diametralmente opposto ao teu, fruto de um orgulho cego, achámos, eu e o Marcio, que fôra melhor não mais nos envolvermos com a tua vida. Dahi a longa separação.

Nesse momento, lá dentro, as notas dolentes de um tango feriam o espaço. Maria Esther, abraçando ternamente a irmã, disse:

— Não fiques triste, Lucia. Nunca te quiz mal pelo mal que julgas ter-me feito. Tinha certeza de que algum dia havias de dar-me razão. Nunca é tarde demais para se praticar uma bôa acção. Podes contar com a minha amizade e da meus filhos.

— Muito obrigada, Esther. Por isso que és bôa, Deus não se esqueceu de ti. Quanto a mim, recebi o castigo a que fiz jús. Evitei ter filhos, ciosa da minha belleza e da fortuna de meu marido. Cahi em grave erro. O marido foi-se para a eternidade e o dinheiro de nada me vale. Daria tudo quanto possúo para ter hoje um filho, uns netinhos. Oh! quanta felicidade a tua, minha querida Esther! ...

— Não chores, Lucia. Virás viver em nossa companhia. Os meus filhos tambem serão teus filhos. Os meus netos serão teus netos.

Maria Lucia, visivelmente emocionada, pousando a cabeça no hombro da irmã, disse, com voz quasi imperceptivel:

— Destinos...

O SUBTERRANEO

(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

— Oh! lá, como passou? perguntou o procurador, apertando-lhe a mão. O seu instincto proporcionou-lhe hontem alguma descoberta importante?

— Isso não é tão facil como o senhor imagina, respondeu o genial criminalista.

— Emfim, o que pensa a esse respeito? Tem alguma base segura? A sua presença hontem á noite em casa da senhora Likeness não era um simples producto do acaso.

— Se o senhor procurador não vê nisso inconveniente, por emquanto guardarei segredo. Tenho grandes esperanças na pista e nos seus resultados.

— Senhor Holmes, lamento profundamente que não queira confiar-me o seu segredo. Affirmo-lhe que não serei um concurrente na investigação do crime, nem suscitarei ninguem...

— Oh! Por Deus, Sr. procurador...

— Espere, deixe-me falar. Quero expor-lhe as razões da minha insistencia. E' possivel que a senhora Likeness deixe Londres brevemente. E' preciso, é mesmo imprescindivel que eu, antes da sua partida, tenha indicações seguras sobre o caso.

— A lady faz tenção, apenas, de ir habitar a casa de seu tio e não de viajar, respondeu Holmes com indifferença.

— Pois que, o senhor sabe?

O policia interrompeu-o com vivacidade.

— Sim, sei, e por mero acaso. E' bom, comtudo, não julgar que penso em me intrometter na vida da senhora Likeness.

O rosto do joven procurador soffreu uma transformação repentina.

— Mas, porque esteve hontem em casa da formosa sobrinha de lord Dempson?

— Acaso não podia lá ter ido como qualquer outra pessoa?

— E' certo. Comtudo parece-me...

— Socegue e permitta-me que lhe diga que as minhas desconfianças são simples suspeitas e que por emquanto as guardo commigo. Dentro de alguns dias espero poder dar-lhe parte das minhas descobertas. Mas, vamos ao que importa, vim procural-o para lhe apresentar as minhas despedidas.

— Vae viajar sr. Holmes?

— Eu me explico: desejo estar ausente de Londres por alguns dias.

— Sim, já comprehendo; quer que o tomem por ausente.

— Exactamente, adivinhou...

— E não me explica o motivo...

— Só quando tiver terminado a minha empresa. Necessito tambem um mandado de prisão. Pelo sim, pelo não, ninguem sabe o que está para acontecer.

— Um mandado de prisão? exclamou o procurador com viva surpreza. E para quem?

— Para a sra. Likeness.

Whiteley ficou tão pouco senhor de si que as linhas do seu rosto contrairam-se.

— Sou de opinião, explicou Holmes friamente, que é conveniente que a lei seja igual para todas as classes sociaes. Preciso ter autoridade para interrogar, e até mesmo prender, quem me parecer.

— Sim, a igualdade perante a lei tem sempre o meu modo de proceder, exclamou o sr. Whiteley. Por toda a parte onde tenho exercido as minhas funcções, nunca se tornou opportuna nem justificada a censura que as suas palavras envolvam. Ouviu sr. Holmes? Dê-me parte das suas desconfianças, das suas suspeitas, não terei a menor duvida em assignar tudo o que quizer...

— Senhor procurador, talvez me seja impossivel dar-lhe parte de suspeitas que immediatamente não sejam confirmadas pelos factos. Peço-lhe que consinta no meu silencio e me dê liberdade de proceder ás averiguações que me parecerem convenientes. Sempre será occasião, ou de confessar o meu erro, ou de fornecer provas que legitimem e justifiquem a minha maneira de proceder. Vejo que se interessa pela senhora Likeness. Esta é effectivamente uma senhora descendente de nobres familias. Se me permittirem trabalhar com plena liberdade, farei as minhas pesquizas com toda a discreção possivel.

— Nem mis uma palavra, exclamou o procurador com ar imperativo. Quero conhecer as suas idéas sobre esta questão, o motivo das suas desconfianças. Lançar a suspeita sobre uma mulher é, já por si, insultal-a. Demais, eu estou habilitado a desfazer todas as suspeitas. Fale, senhor Holmes, exijo-o.

— Ainda que incorra no risco de irrital-o muito, respondeu o genial criminalista, com uma voz cheia de firmeza e de tranquillidade, repito-lhe mais uma vez que me manterei no mais profundo silencio. E' esta a condição essencial sem a qual a minha empreza abortará, tanto no que se refere ás minhas futuras tentativas. Trabalho só no interesse da justiça, como todo o magistrado o deve fazer no meu logar.

O procurador geral, mordendo os labios colerico pela resistencia do policia amador, atalhou então:

— Basta! Nada lhe assigno. Passar-lhe-hei o mandado quando as circumstancias o exigirem. Está perdendo o seu tempo. Pode se retirar.

Sherlock não poude encobrir um sorriso de zombaria. Não pronunciou nem mais uma palavra e após uma leve saudação deixou o gabinete...

A casa em que lord Dempson habitara era rodeada por um grande jardim.

Flores encantadoras lhe porporcionavam no verão um polychromico tapete e grandes arvores altas e centenarias pareciam sentinellas gigantes em volta desta residencia verdadeiramente principesca.

Uma tarde, á hora do crepusculo, um homem envergando o seu fato de trabalho, chegou em frente da porta, abriu a grade sem custo algum, fechou-a cuidadosamente depois de entrar, e dirigiu-se para o rez do chão onde eram antigamente os aposentos de lord Dempson.

Este homem disfarçado com um fato de operario era o infatigavel Sherlock Holmes. Tinha tomado tal disfarce para não ser reconhecido no caso de fortuito encontro com a policia ou os criados da casa. O seu plano exigia um absoluto segredo.

MYSTERIOSO

POR CONAN DOYLE)

Logo que chegou ao local do crime, começou pela vigesima vez as suas minuciosas pesquizas e as suas observações detalhadas olhando e apalpando o chão e as paredes, architectando todas as hypotheses da localização do crime. Mas todos os seus esforços, todas as suas canceiras foram inuteis!

Novamente o genial criminalista raciocinou com a sua logica simplista de policia que o criminoso por alguma parte teria penetrado no quarto do crime que certamente o não teria feito através das paredes. Existia portanto uma sahida falsa no quarto, mas essa entrada sómente o acaso lhe podia revelar. Apesar do mão exito das suas investigações tinha agora uma nova idéa. Esta nova pista tinha sido architectada na mesma soirée de lady Likeness.

Passeando pelos salões, tinha parado diante de um quadro que representava uma paizagem das lagoas da Irlanda. Era uma pintura de um grande valor artistico e por isso Sherlock demorou-se a contemplal-a.

Porém, quando se afastava notou uma minuscula teia de aranha por detraz do quadro.

Immovel no meio da teia, a aranha parecia estar alerta. Ou por nada ter que fazer ou por asseio, o policia amador quiz afugentar o animal com um piparote.

Mas a aranha permanecia sempre. Então olhando-a com mais attenção notou que aquelle animal não passava de um disfarce artisticamente trabalhado.

Muito admirado lançou um rapido olhar em volta de si e quiz agarrar a aranha artificial.

Mas neste momento chegava a senhora Likeness.

— Estava admirando esta pintura? exclamou a sobrinha do lord um pouco ruborisada. E' uma deliciosa obra de arte, não é verdade? Porém, para mim é mais do que isso, é uma recordação! E rindo accrescentou: os homens não devem tocar nestas delicadas coisas com as suas mãos.

Sherlock Holmes tinha-se desculpado rindo tambem e tentou deixar a sala. Mas a lady accrescentou como explicação:

— Já o tenho ha muito tempo... Só existe um outro igual que eu conheça e esse está no quarto de dormir do meu desventurado tio.

Estas palavras produziram uma grande excitação em Sherlock Holmes. Lembrava-se de ter visto no quarto de lord Dempson esse grande quadro, mas o que ainda não tinha notado era a teia de aranha.

Durante a soirée a cabeça do celebre agente de policia havia trabalhado muito. Aproveitando o momento em que a senhora Likeness estava entretida com Whiteley voltou á sala onde estava o esplendido quadro. Logo que chegou perto delle pegou na aranha com precaução. Qual não foi o seu espanto quando viu abrir-se uma porta encoberta pela téla do quadro e que dava ingresso para um escuro corredor. Onde acabaria esse corredor? Jurou aos seus deuses sabel-o. Mas as palavras da senhora Likeness reviveram no seu espirito: "havia um quadro analogo no quarto do seu defunto tio..."

Se a teia de aranha deste quadro tambem existisse e pozesse em movimento uma porta secreta estava resolvido o enygma da entrada e sahida do assassino. E o criminoso? A senhora Likeness devia-o conhecer tão bem como o segredo do quadro. Depois da scena que se dera no gabinete do procurador geral o primeiro cuidado do policia havia sido o de se introduzir em casa do lord disfarçado em operario. Examinou as paredes com a maxima attenção.

— Ah! Cá está o quadro! e a teia de aranha! Vamos ver. Apertou a aranha.

Nada se mexeu.

— Nada! esperemos: ensaiemos mais uma vez.

Carregou com mais força, e um estalido se fez ouvir.

O quadro girou.

Então Sherlock Holmes ficou doudo de alegria. Tinha finalmente encontrado o caminho do assassino.

Por detraz da abertura, viu um buraco muito escuro.

Collocou uma cadeira deante da porta para a impedir que se fechasse e, sem hesitação, com a sua inseparavel lanterna, electrica na mão, penetrou pela abertura que acabava de descobrir.

Um estreito corredor aberto na espessa parede, o conduziu a uma escada que desceu.

Chegou a um segundo corredor onde deu alguns passos.

Neste momento o seu infallivel ouvido notou um leve ruido.

— E' a porta secreta que se fecha!

Esta terrivel idéa atravessou o seu cerebro como um relampago. Deu meia volta galgou a escada e chegou ao corredor. A abertura estava tapada... a porta encontrava-se fechada. Sherlock Holmes ficou portanto prisioneiro.

CAPITULO IV

SUPPLICIO E TORTURA

Quando o procurador geral chegou á casa da senhora Likeness para lhe fazer uma visita notou que os creados conversavam animadamente deante da porta. Porem esta conversação havia cessado com a sua chegada.

O procurador esteve para perguntar o motivo, mas, pensando melhor, mudou de tenção.

Entretanto um creado abria-lhe a porta do salão.

O seu espirito estava em sobresalto e o seu coração batia agitadamente. Que lhe iria acontecer? Alegria ou tristeza? Atravessou um salão e penetrou num pequeno gabinete. Alli, perto de um sophá, sobre uma mesa, estava collocado um candieiro, cujo *abat-jour* cor de rosa dava á luz uma coloração terna, espargindo sobre os objectos suaves reflexos.

Sobre um divan uma forma graciosa de mulher estava estendida, não fazendo o menor movimento á entrada do joven procurador.

Seria por coquetismo que a lady o receberia assim? Desejaria fazer-lhe crer que estava abysmada em profunda agitação?

O seu rosto estava voltado para a parede, talvez, para impacientar o visitante.

Ao deparar com um quadro de tão surprehendente

(Continúa na pag. seguinte)

belleza, o sangue de Whiteley ferveu-lhe nas veias.

Ouviu então a voz terna da joven lady:

— Approxime-se senhor procurador, disse a joven lady um tanto acanhada. A porta está fechada? Estamos completamente sós?

— Estamos sós, minha senhora, disse Whiteley admirado.

A senhora Likeness voltou então para elle o rosto pallido e desfigurado.

Os seus olhos ainda estavam inchados de chorar.

— Desculpe-me de não poder levantar-me mas estou muito fatigada. Sei o que o traz cá. Aqui me tem prompta para lhe responder.

— Não comprehendo...

— Não se constranja de modo algum, senhor procurador. Estou preparada para tudo. Simplesmente queria occultar dos meus criados que tinha chorado. Sei que me vae interrogar. Cumpra o seu dever, supplico-lhe mas o mais breve possivel.

— Mylady, está completamente enganada. O meu dever é chorar comsigo e não interrogal-a. Estou aqui como um amigo dedicado, emfim, como um conselheiro.

Então, lady lançou-lhe um olhar cheio de esperança deixando transparecer um raio de alegria...

— E' relmente verdade? disse com uma voz vacillante.

E' o senhor um amigo verdadeiro e dedicado?

— Mas que lhe aconteceu? Que teve? Não a comprehendo.

— O senhor zomba de mim, ou então estou louca. Não é o senhor o procurador geral da justiça?

— Sou, é certo, mas não vejo a que proposito venha para aqui a minha funcção de magistrado.

— Cada vez percebo menos. A minha creada de quarto despediu-se hontem dizendo que tanto eu como a minha casa éramos vigiadas. Um agente da policia assistiu hontem á minha festa, disse ella, não perdendo de vista o menor movimento ou o mais simples gesto.

"E agora o procurador da justiça acaba de chegar, e sem duvida, para me fazer o interrogatorio. Tudo isto é porque eu sou a sobrinha do lord que foi assassinado e a sua unica herdeira. Tinha razão a minha creada de quarto; eu devia recusar a herança que de direito me pertencia e ceder toda a fortuna em favor de obras de beneficencia, dizia ella. Ainda eu não lhe conto tudo...

— Mas donde derivam todas estas desconfianças?

— Más linguas, respondeu lady. Comprehende: eu passo na bocca desta gente por ter relações com o assassino. E imagina o senhor que semelhante boato não é o bastante para me fazer soffrer?...

— Minha senhora, quer ser bastante amavel para me permittir uma ou duas perguntas?

— Ao amigo ou ao procurador geral da justiça?

— Não posso precisar. Um e outro estão fundidos no mesmo homem, mas posso-lhe affirmar que foi o amigo apenas que transpoz aquella porta.

— Então fale. Responderei, é esse o meu dever.

— A que fim obedece a sua vontade indo tão precipitadamente occupar a casa do seu fallecido tio?

— Porque ella me pertence e eu julgava poder viver segundo a minha livre vontade. Foi uma simples coincidencia. Mas si o senhor vê nisso a menor incorrecção, renuncio a esse meu projecto.

— Não, não abandone tão innocente projecto, replicou Whiteley. Apenas receava eu que a sua permanencia nesta casa a pudesse aterrorizar.

— Não sou superstíciosa e tenho os meus criados sempre commigo. Mas tem razão. Vou sahir daqui. Lembrando-me tal, é possivel que por sua suggestão volte a sentir medo.

— Ninguem lhe suggeriu esta idéa?

— Absolutamente ninguem. Demais, não soffro os conselhos seja de quem fôr, respondeu a lady. Ha por acaso alguma desconfiança lá pelas altas regiões da justiça? continuou ella contendo a respiração.

— Não ouvi falar em nada com precisão apenas o que sei é que a casa do lord será vigiada emquanto o criminoso não fôr encontrado.»

— Ouça, senhor Whiteley: não sei, não prevejo de que me possam accusar. Mas creia que não resistirei a menor macula sobre a minha honra; prefiro matar-me a merecer a suspeição de um crime. Deus me perdoará o suicidio. Tenho soffrido muito e não poderei supportar semelhante affronta.

— Não, minha senhora! A sua alma tem sido presa de um terrivel soffrimento, porque lady tem querido conservar a sua dôr no maior segredo, tem sido demasiadamente altiva para dar dos seus pezares a um coração que a comprehendesse. Desabafe agora, que encontrou um verdadeiro amigo. A sua dor encontrará em mim o lenitivo de que ha muito necessita, a minha amizade sincera será o remedio que irá destruir a dor que a mortifica.

— Oh! Já não conheço amizades. E mesmo se as conhecesse não seguiria o seu conselho. Ha confidencias que a ninguem se podem fazer porque, ninguem as comprehenderia, e a duvida atormenta tanto, que as mais consoladoras palavras não a podem afugentar.

— Adivinho agora depois de ouvil-a que a lady nunca amou o seu marido, e que ainda não encontrou um coração amigo que a comprehendesse.

A senhora Likeness ficou mergulhada por um momento nas suas cogitações e depois continuou.

— Diz a verdade, senhor, não amei nunca meu marido. Era um homem já de certa idade, de aspecto rude e que nunca procurou comprehender-me. Morreu um anno depois do nosso casamento. Uma noite em que elle estava entretido a tratar das suas armas uma espingarda disparou por si e de tal modo o tiro o attingiu que morreu instantaneamente.

Whiteley olhava-a, surprehendido, com ar de interrogação.

— Não pode haver a menor duvida a esse respeito. A morte fora devida a um accidente. Limpava uma espingarda de dois canos. Descarregava o cano direito quando por desgraça o outro tiro partiu e o matou.

Satisfeito por esta explicação, Whiteley respirou allivio.

— A lady deve ter ficado muito consternada por semelhante golpe, disse elle com sentimento.

— Oh! não imagina como esse desastre me fez soffrer. Mas eu não amava o lord.

— Comtudo tão inesperada morte chocou-a profundamente.

— Oh! sem duvida! Porem as más linguas trabalharam logo. Fizeram correr o boato que o lord se tinha suicidado.

— E tinha esse boato alguns visos de verdade?

— Sim, notava-se-lhe a sua nobreza, respondeu a senhora Likeness. No momento da sua morte os negocios delle estavam em muito má situação e eu fiquei na miseria. Vivi da caridade de meus parentes e em especial da do lord Dempson. Porem não creio no suicidio.

— Tal convicção é para lady uma honra.

— Era meu marido apesar de tudo. Se não defendesse a sua memoria fazia perigar a minha reputação. Fil-o por dever e não por amor!

— Tem soffrido muito, lady! disse ternamente Whiteley. Agora necessitava o apoio de um homem que merecendo a sua confiança fosse o seu conselheiro, um coração amigo, um espirito cheio de solicitude que lhe servisse de guia e um braço dedicado que a amparasse nos seus desfallecimentos.

E se eu pudesse preencher todos esses requisitos, realizar todas essas funcções, acceitava-me, lady? Permitta-me que eu fosse o coração que a amasse e o cerebro que lhe servisse de guia nos embates da sua vida?

Uma viva coloração ruborizou as faces da bella mulher.

Estendeu-lhe a sua pequenina mão numa attitude deliciosa.

— Agradeço-lhe do fundo do coração, senhor, mas... não posso acceitar. E'-me impossivel. Offerece-me o seu amor. O meu dever é recusal-o. Não quero semelhante sacrificio. Não posso nem devo consentir... Renuncie-me, esqueça-me, e não me obrigue ao doloroso transe de uma confissão, oh! só pensar em tal me faz estremecer de horror. Não sou a mulher que o senhor imagina...

— Mas commetteu alguma falta?...

— Supplico-lhe, interrompeu ella, não me pergunte nada, não me tortures mais... Nada mais posso dizer-lhe.

Carlos Whiteley tinha pegado na mão da lady e apertava-a convulsivamente. Um indizivel soffrimento tinha-se apossado delle: no seu espirito as idéas fluctuavam numa agitação intensa.

Uma voz cantava na sua alma offegante de embriaguez: ella ama-te! Mas logo uma outra respondia: ella tem um segredo que tu nunca conhecerás!

Tudo, o que elle tinha ouvido não era já horrivel. Mas quem poderia condemnal-a sem se com... Se ella tivesse commettido alguma falta, sabe o mobil que a isso a levaria. Aonde conduz ... a que arrasta o mau destino, até onde o desejar de uma situação na vida, só Deus ...

A senhora Likeness tinha conservado a mão do procurador na sua e apertava-a ternamente.

Whiteley fora de si, com o espirito transbordante de esperança e o coração avassalado pelo amor cahiu de joelhos deante della.

— Não, não quero deixar-te, exclamou elle com vivacidade.

E depois mais veladamente murmurou cheio de transporte:

— Amo-te, amo-te. Quem quer que sejas, amo-te. As tuas lagrimas são-me caras. Ainda mesmo que tivesses commettido um peccado mortal, quero tomar sobre mim metade da culpa e soffrer comtigo o remorso. Deixa-me supplicar a Deus por ti, para que elle te perdoe. Juro-te que nenhuma força humana me fará sahir daqui emquanto tu não prometteres que serás minha no corpo como no espirito. Que me importam as minhas funcções! Abandonal-as-hei para me tornar o teu defensor! Diz-me sim, e nós seremos um para o outro eternos amantes, de alegrias e dores, felicidade e desgraça. Nós partilharemos até á morte!

Ella passou lentamente o seu braço por cima do hombro de Carlos. Lagrimas innundavam-lhe as faces.

— Meu bem amado! disse ella com extase, eis que sinto emfim o que é o amor!

....

....

A noite chegou com a sua pallidez de tristeza; a senhora Likeness foi a primeira a sahir da deliciosa embriaguez.

— E' preciso não exgotar até ao fundo a amphora da felicidade. Separemo-nos meu querido, os nossos corações já vibraram bastante...

— Não, minha adorada, não te deixarei emquanto não me tiveres revelado as tuas angustias. Quero e devo ajudar-te a supportal-as. Diz-me o que fizeste e crê que as palavras ao sahir dos teus labios queridos serão para sempre enterradas no tumulo do meu coração.

— Logo! Aqui não! disse ella supplicante. Não precisas macular esta hora sagrada. Mais tarde! Amanhã! Ainda hoje si m'o ordenares; mas não aqui, onde tu me comprovaste o teu amor!

— Está bem, não quero torturar-te mais. Mas lembra-te que d'ora avante soffro tanto como tu. Abrevia o meu supplicio. Onde? quando poderei eu encontrar-te de novo e saber tudo finalmente?...

— Onde?...

O seu olhar errou no vago. Ella calou-se um instante e por fim continuando, disse num assomo de resolução:

— Na casa de meu tio Dempson!

— Na casa delle? repetiu Whiteley, empallidecendo.

— Sim, lá... E' o logar proprio para te dizer o que tenho a confiar-te.

A' uma hora espero-te.

Ella não respondeu nada, depoz um longo beijo

(Continúa na pag. seguinte)

sobre a fronte da senhora Likeness, e sahiu ainda mergulhado numa atmosphera de susto.

Logo que o ruido dos seus passos se extinguiu a lady levantou-se com precipitação, e dirigindo-se ao guarda vestidos poz sobre as costas um chale escuro. Depois encaminhou-se para a sala onde estava o quadro das lagoas da Irlanda. Olhou cuidadosamente em volta de si. Ninguem a tinha visto. Carregou com um dedo na aranha collocada por detraz do quadro. Uma porta secreta se abriu e a lady desappareceu como por encanto.

CAPITULO V

OS MYSTERIOS DO SUBTERRANEO

Espessas trevas envolviam o estreito corredor por onde se sumiu a senhora Likeness. Mas ella avançava sem luz e com tanta segurança como si o tal subterraneo fosse bem illuminado. As delgadas solas das suas botinas apagavam o ruido dos seus passos. O escuro chale cobria o seu vestido. Ninguem podia ouvil-a. Demais quem conhecia esta passagem mysteriosa sinão ella?

Com precipitação, quasi correndo, ia seguindo sempre, apesar das multiplas voltas que o corredor apresentava. Essa passagem era-lhe sem duvida muito familiar; quasi nunca apesar da celebridade da marcha ella tocava as paredes e punha-se a escutar. Porem, não ouvindo nada continuou o seu caminho.

Era já passado um quarto de hora e ia a chegar ao fim, quando lhe pareceu ouvir um leve ruido.

. . . .

Parecia o ranger duma porta que se tivesse aberto na outra extremidade do subterraneo.

O seu ouvido habituado não se havia enganado; passos hesitantes se deixaram ouvir.

A senhora Likeness parou, como que fascinada.

Havia gente na escada que conduzia da casa do lord Dempson ao subterraneo onde ella se encontrava. Na sombra viu aflorar uma claridade longinqua. Ainda que cheia de terror conservava bastante presença de espirito para pensar numa resolução acertada. Se a encontrassem nesta passagem mysteriosa estaria perdida. Devia voltar para traz, para sua casa?

Hesitou um momento. Aquelle que tinha descoberto esse segredo, talvez, pensava ella, que difficilmente comsigo sahir daqui. Não conhecendo o mechanismo do interior ficaria fechado como numa gaiola. Resolveu esperar o intruso.

Não voltou para traz mas occultou-se num canto debaixo da escada.

Embrulhada no grande chale, muito encolhido tinha esperança de passar despercebida.

Alem disso, necessitava, custasse o que custasse, saber quem estava ali.

O mysterioso visitante avançava lentamente e descia com prudencia os degraus. Pouco a pouco o clarão da lanterna tornava-se mais distincto e projeta-va-se perto da escada.

O corção da gentil lady batia intensamente que ella chegou a temer que o agente a descobrisse no seu esconderijo. Com as duas mãos comprimia o peito e sustinha a respiração.

Então poude ver quem era o importuno. Esteve a ponto de lançar um grito de espanto e de terror.

Era Sherlock Holmes!...

Se este se lembrasse de olhar para traz da escada ella estaria perdida.

Um momento, elle parou hesitante.

O coração da lady batia cada vez com mais intensidade.

Porem os momentos de anguetia passaram.

Sherlock Holmes continuou o seu caminho.

Muito devagar, a senhora Likeness levantou-se; alguns minutos depois estava no quarto de seu tio.

Sem hesitar um momento retirou a cadeira que conservava aberta a porta no subterraneo, e esta fechou-se.

. . . .

. . . .

O policia estava prisioneiro no subterraneo.

Não mais poderia tornar a entrar em casa do lord.

Minuciosmente, examinou a parede. E em vão procurou com o auxilio da sua lanterna qualquer mola ou alavanca cujo movimento pudesse abrir a porta.

Mas nem o menor indicio, nem menor signal lhe indicava a presença de qualquer mechanismo.

A sahida estava fechada.

Tinha sido feito prisioneiro.

— Eu bem tinha posto uma cadeira entre a porta e a parede, mas de todo me esqueceu de procurar o segredo que abre a porta do lado de dentro, murmurou Sherlock Holmes em voz baixa. Alguem tinha tirado a cadeira e certamente tinha feito desapparecer a mola que abria a porta. Mas quem seria? Não havia ninguem na casa do lord; estava vazia e fechada.

Mysterio sobre mysterio!

E, reflectindo profundamente, disse de si para si:

— Dar-se-á o caso da senhora Likeness ter collaborado no crime e haver-me preparado esta villada? Nesse caso ella é ainda da mais culpada do que eu julgava. Como poude ella introduzir-se nesta casa hermeticamente fechada? Talvez por este subterraneo? Mas nesse caso... têm duas sahidas. Vamos ver, seria eu mais feliz pela outra?

Desceu a escada.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: [illegible]

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA

Representante na Europa:

Comptoir Internacional Publicité Garçon & Levin...ey
Rue Tronchet, 9 — France
Paris VIII Ludgate Hill.
Londres.

Venda avulsa ...... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500